

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA  
SETOR DE CIÊNCIAS HUMANAS, LETRAS E ARTES  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ESTUDOS DA LINGUAGEM

IUGUSLÁVIA JALES DUTRA

AS TRILHAS DA LITERATURA NO VESTIBULAR: ANÁLISE DAS QUESTÕES DO  
EXAME DA UEPG, 2017

PONTA GROSSA  
2019

IUGUSLÁVIA JALES DUTRA

AS TRILHAS DA LITERATURA NO VESTIBULAR: ANÁLISE DAS QUESTÕES DO  
EXAME DA UEPG, 2017

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Estudos da Linguagem, da Universidade Estadual de Ponta Grossa, Setor de Ciências Humanas, Letras e Artes, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Estudos da Linguagem.

Orientadora: Prof.<sup>a</sup>. Dr.<sup>a</sup>. Rosana Apolonia Harmuch

PONTA GROSSA  
2019

D978 Dutra, Iugoslávia  
As trilhas da literatura no vestibular: análise das questões do exame da  
UEPG, 2017 / Iugoslávia Dutra. Ponta Grossa, 2019.  
143 f.

Dissertação (Em Estudos da Linguagem - Área de Concentração:  
Linguagem, Identidade e Subjetividade), Universidade Estadual de Ponta  
Grossa.

Orientadora: Profa. Dra. Rosane Harmuch.

1. Literatura. 2. Ensino. 3. UEPG. 4. Vestibular. I. Harmuch, Rosane. II.  
Universidade Estadual de Ponta Grossa. Linguagem, Identidade e Subjetividade.  
III.T.

CDD: 807

**IUGUHLÁVIA JALLES DUTRA**

**AS TRILHAS DA LITERATURA NO VESTIBULAR: ANÁLISE DAS QUESTÕES  
DO EXAME DA UEPIG 2017**

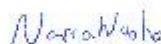
Dissertação apresentada para obtenção do título grau de  
Mestre em Estudos da Linguagem na Universidade Estadual de Ponta Grossa.  
Área de concentração em Linguagem, Identidade e Subjetividade.

Ponta Grossa, 30 de abril de 2019.



Rosina Apolonia Hammich

Doutora em Estudos Literários - Universidade Estadual de Ponta Grossa



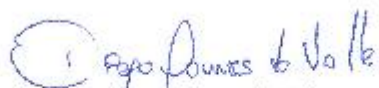
Naira de Almeida Nascimento

Doutora em Estudos Literários - Universidade Federal do Paraná



Pascoalina Bailon de Oliveira Saleh

Doutora em Linguística - Universidade Estadual de Ponta Grossa



Diego Gomes do Valle

Doutor em Teoria e História Literária - Universidade Estadual de Ponta Grossa

## **AGRADECIMENTOS**

À memória do meu pai, homem que me apresentou a poesia através das letras de músicas.

Ao Anderson, pelo companheirismo e por acreditar nos meus projetos de vida.

À professora Rosana Harmuch, pela paciência, dedicação, profissionalismo que muito ajudou a concluir esse trabalho.

Aos professores Diego Gomes, Naira de Almeida, Pascoalina Bailon e Silvana Oliveira, pelas contribuições e leituras atentas do estudo.

Ao Murilo Jales, motivador de todas as lutas diárias.

A constatação é que a literatura é uma das fontes principais do vínculo com o passado e da sua projeção no futuro, uma das formas de tornar o presente menos prisioneiro de si mesmo e da dose de cegueira que acomete cada época, quando olha para si mesma. Por isso mesmo, julgo que haja muita relevância na nossa função de ensinar literatura, especialmente aos jovens. Já o apelo é que tenhamos em mente a grandeza da tarefa e a complexidade do que precisa ser feito para construir uma verdadeira educação literária. Ou seja, o apelo é para que não nos curvemos à ignorância dos que não têm essa formação e não compreendem o que dela pode advir – e sim que resistamos a eles, mostrando com o nosso exemplo de leitores o que é ser educado em literatura e como isso é uma fonte de conhecimento e de prazer – e, sobretudo, para que não barateemos o nosso trabalho, para que não tornemos a literatura apenas um veículo para outros conhecimentos ou um campo desinteressante de discurso sobre, de definições e classificações vazias, que tentam em vão substituir ou anular a vivência e a complexidade da leitura.

Paulo Franchetti, 2009.

## RESUMO

Refletir sobre o ensino da literatura é ir de encontro a uma sociedade que prioriza a rapidez e a objetividade. Contrariamente, trabalhar com o ensinamento da literatura exige tempo para orientar o aluno à necessidade da leitura atenciosa do texto literário, assim como para ensiná-lo a refletir sobre a obra literária, praticar a alteridade e aperfeiçoar a criticidade. Dessa forma, qualquer prática metodológica que possa vir a contribuir para o definhamento de uma sociedade reflexiva, com exercícios que simplifiquem a leitura da obra literária deve ser prioritariamente estudada. Neste contexto de reflexões, encontra-se o vestibular, um dos mais importantes processos de ingresso ao Ensino Superior. Assim, este estudo analisa as questões de literatura do vestibular de 2017, da Universidade Estadual de Ponta Grossa, com o intuito de compreender a qualidade do espaço dado à literatura no exame. E, com o mesmo propósito, averíguam-se os documentos governamentais que regiam o Ensino Médio na época do referido vestibular. Para contribuir com o estudo, buscaram-se teóricos e estudiosos no campo da literatura, tais como: Culler (1999), Compagnon (2009), Manguel (2009), Franchetti (2009), Perrone-Moisés (2006-2016), Candido (1995), Harmuch (2011-2017), Luft (2014), Tiunan (2017), entre outros. As análises das questões comprovam que o *status* da literatura reduz-se, quase exclusivamente, ao tênue estudo do enredo e a alguns conhecimentos específicos do contexto da obra e da vida do autor.

Palavras-chaves: Literatura. Ensino. UEPG. Vestibular

## ABSTRACT

Reflecting on the teaching of literature is to go against a society that prioritizes speed and objectivity. Conversely, working with the teaching of literature requires time to guide the student to the need for attentive reading of the literary text, as well as to teach him to reflect on the literary work, to practice alterity, and to perfect criticality. Thus, any methodological practice that may contribute to the depletion of a reflective society, with exercises that simplify the reading of the literary work should be primarily studied. In this context of reflections, one finds the vestibular, one of the most important processes of entrance to Higher Education. Thus, this study analyzes the literature questions of the 2017 college entrance examination, from the State University of Ponta Grossa, in order to understand the quality of the space given to the literature in the exam. And, for the same purpose, the government documents governing High School are analyzed at the time of the entrance exam. In order to contribute to the study, we sought theorists and scholars in the field of literature, such as: Culler (1999), Compagnon (2009), Manguel (2009), Franchetti (2009), Perrone-Moisés (1995), Harmuch (2011-2017), Luft (2014), Tyanan (2017), among others. The analysis of the questions proves that the status of literature is reduced almost exclusively to the tenuous study of the plot and to some specific knowledge of the context of the work and of the author's life.

Keywords: Literature. Teaching. UEPG. Entrance exam



## LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 Prova de Conhecimentos Gerais - Romance O filho eterno, de Cristovão Tezza. ....	63
Gráfico 2 Prova de conhecimentos específicos.....	63
Gráfico 3 Prova de Conhecimentos Gerais do livro O ovo apunhalado de Caio Fernando Abreu.....	77
Gráfico 4 Prova de conhecimentos específicos.....	77
Gráfico 5 Prova de conhecimentos gerais do romance Amar, verbo intransitivo, de Mário de Andrade .....	89
Gráfico 6 Prova de conhecimentos específicos.....	90
Gráfico 7 Prova de Conhecimentos gerais do romance A morte e a morte de Quincas Berro D'água, de Jorge Amado. ....	101
Gráfico 8 Prova de conhecimentos específicos.....	101
Gráfico 9 Prova de conhecimentos gerais do Livro sobre nada, de Manoel de Barros .....	112
Gráfico 10 Prova de conhecimentos específicos.....	112

## SUMÁRIO

<b>INTRODUÇÃO</b> .....	9
1 OS LABIRINTOS DA LITERATURA NO ENSINO BÁSICO .....	12
1.1. A LITERATURA E OS DOCUMENTOS OFICIAIS DA EDUCAÇÃO .....	18
1.2 O PRAGMATISMO E A LITERATURA.....	34
1.3 PRETEXTOS PARA O ENSINO LITERÁRIO .....	38
2 A UEPG E O EXAME DE VESTIBULAR .....	42
2.1. ANÁLISE DAS QUESTÕES DA OBRA DE CRISTOVÃO TEZZA, <i>O FILHO ETERNO</i> .....	47
2.2 ANÁLISE DAS QUESTÕES DA OBRA DE CAIO FERNANDO ABREU, <i>O OVO APUNHALADO</i> .....	64
2.3 ANÁLISE DAS QUESTÕES DA OBRA DE MÁRIO DE ANDRADE, <i>AMAR, VERBO INTRANSITIVO</i> .....	78
2.4 ANÁLISE DAS QUESTÕES DA OBRA DE JORGE AMADO, <i>A MORTE E A MORTE DE QUINCAS BERRO D'ÁGUA</i> .....	90
2.5 ANÁLISE DAS QUESTÕES DA OBRA DE MANOEL DE BARROS, <i>LIVRO SOBRE NADA</i> .....	102
2.6. A RESPONSABILIDADE DAS UNIVERSIDADES NO ENSINO DA EDUCAÇÃO BÁSICA.....	113
<b>CONSIDERAÇÕES FINAIS</b> .....	118
<b>REFERÊNCIAS</b> .....	122
<b>ANEXO A:</b> questões analisadas .....	124
<b>ANEXO B:</b> questões gerais do vestibular .....	135

## INTRODUÇÃO

O desafio deste trabalho é refletir sobre as questões de literatura no vestibular da Universidade Estadual de Ponta Grossa, do ano de 2017. Investiga-se nas questões se elas abordam o texto literário com seriedade e se estimulam a reflexão. Como afirma Cereja (2005), o professor sofre diversas pressões para, muitas vezes, adequar suas práticas metodológicas vinculadas às tendências dos vestibulares. É incumbência da instituição analisar se o processo avaliativo é suficiente a ponto de prestigiar o perfil do aluno que leu a obra e que precisou refletir sobre ela. Se não, será necessária a quebra de paradigmas que pautam as avaliações somente em estudos de enredos ou nas vidas dos autores.

Entretanto, compreende-se que avaliar é um trabalho delicado, difícil e desafiador. Por se tratar de uma prova que determinará, em grande medida, o futuro do candidato, faz-se necessário refletir sobre o vestibular. O exame foi criado com o intuito de organizar o ingresso dos alunos no ensino superior. É consenso entre os educadores que o trabalho é de alta complexidade, em especial porque a busca é sempre por conseguir promover uma avaliação justa. Na esteira dessas discussões, sabe-se que o estudo deve respeito aos elaboradores das questões, pois devido ao sigilo, não se sabe as condições em que eles trabalham, muito menos quanto tempo eles têm para elaborar as questões. Nessa conjuntura, não se pode esquecer que as provas partem da leitura e análise de cinco obras literárias, o que se autoriza a afirmar que esses professores precisam de mais tempo do que os de outras áreas. Nesse sentido, a instituição precisa considerar melhores condições de trabalho para os elaboradores, isso seria uma forma de respeitar o estudo da literatura, assim como os seus profissionais. Talvez isso aconteça e não se tem conhecimento devido à ética desse trabalho.

No sentido de refletir sobre o atual cenário na educação, foi proposto buscar estudos que comprovassem a hipótese da desvalorização do ensino da literatura. A partir da leitura da tese da professora Gabriela Luft, em que ela analisa os entraves do ensino literário no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), propõe-se investigar a literatura nas questões do vestibular da UEPG. A pesquisadora expôs um estudo que comprovou que a análise do texto literário é abandonada. A literatura é usada com outra finalidade, talvez como análise linguística, verificação de outras áreas ou até mesmo discussões voltadas à língua e seus recursos expressivos.

Consequentemente, se as aulas forem pautadas nessa referência de estudo, crê-se que pode haver devaneios com o ensino da literatura.

A partir de fontes, documentos e exames que comprovassem a relevância de estudar literatura para evidenciar que o conhecimento adquirido com ela vai além de ser um direito, busca-se expor que se trata de uma formação humana diferentemente de qualquer outra, pois é a arte que por meio da palavra nos sensibiliza. Para isso, é preciso garantir que a literatura seja ensinada e avaliada de forma coerente, cumprindo com os propósitos de conhecê-la e compreendê-la como disciplina com vistas à criticidade e análise de temas que levem à reflexão.

Por conseguinte, houve a necessidade de uma reflexão constante sobre o conceito de literatura, se o docente se inquieta por refletir sobre ela, sobre a importância do estudo do texto literário. Para isso, as referências teóricas foram pautadas em: Culler (1999), Compagnon (2009), Manguel (2009), Franchetti (2009), Perrone-Moisés (2006-2016), Candido (1995), Harmuch (2011-2017), Luft (2014), Tiunan (2017), entre outros. Para apreender as orientações para o ensino de literatura nas escolas, foram analisados os documentos oficiais da educação, os *Parâmetros Curriculares para o Ensino Médio* (2000), as *Orientações aos Parâmetros Curriculares para o Ensino Médio* (2002) e as *Orientações Curriculares para o Ensino Médio* (2006). Quanto à metodologia foi feita uma pesquisa qualitativa e documental.

Assim, o presente trabalho investiga as questões do vestibular a fim de saber a colaboração delas para o ensino literário. O *corpus* de análise é composto por questões do exame de vestibular da Universidade Estadual de Ponta Grossa do ano de 2017. Ao todo, foram encontradas quatorze questões, todavia, mesmo com um *corpus* reduzido, pôde-se avaliar as condições e a qualidade do espaço destinado à literatura. Vale ressaltar que a pesquisa tem caráter documental.

Ainda na preocupação de analisar as questões das obras literárias, buscaram-se estudos específicos sobre cada uma delas. Entre as pesquisas, citam-se as teses de doutorado de Ana Maria Cardoso (2007), Luciano Carvalho (2009) e Nismária Alves David Barros (2010). Além da dissertação de mestrado de Andréia da Silva Carneiro (2009) e os artigos acadêmicos de Daniel de Oliveira Gomes (2014), Rosângela Santos Silva (2016), Carlos Eduardo Pinheiro (2008), entre outros. Nesta mesma perspectiva, cabe a essa pesquisa esclarecer que os estudiosos que orientaram as análises das questões tinham como objetivo elaborar estudos acadêmicos, atendendo a públicos específicos. Cada um deles, apoiados na teoria

literária, adentra na obra de maneira muito específica. No entanto, entende-se o respeito do limite estabelecido no ensino básico, por isso este estudo procurou acatá-los.

Referente à composição do trabalho, ele está dividido em 2 partes, sendo a primeira: Os labirintos da literatura. Nessa seção, apresenta-se o objeto de estudo das aulas de literatura, a necessidade de conhecê-lo melhor e refletir sobre ele. Neste mesmo capítulo, a subseção: A literatura e os documentos oficiais da educação examina quais concepções estão presentes neles. Em seguida, O pragmatismo e a literatura, discute a importância da leitura literária na escola. A última seção, intitulada Pretextos para o ensino literário, apresenta justificativas para se ensinar literatura.

A segunda parte, nominada: A UEPG e o exame de vestibular, destaca a importância da Universidade para a comunidade, também apresenta as formas de ingresso nos cursos de graduação e centra a discussão na interferência do vestibular para o ensino da educação básica. A segunda seção desse capítulo faz, portanto, a análise das questões. Em relação à metodologia aplicada nas análises, procurou-se agrupá-las por obras. A última subseção do segundo capítulo, intitulado A responsabilidade das Universidades no ensino da educação básica, discute o papel da universidade na elaboração de questões que respeitem o texto literário, uma vez que o discurso delas interfere no ensino básico.

## 1 OS LABIRINTOS DA LITERATURA NO ENSINO BÁSICO

A organização curricular anunciada pelos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (2000) dividiu o ensino em três áreas de conhecimento, “Ciências da Natureza, Matemática e suas Tecnologias”; “Ciências Humanas e suas Tecnologias” e “Linguagem, Códigos e suas Tecnologias”. A finalidade dessa reforma curricular era organizar o ensino de forma inter e transdisciplinar, além de orientar o professor para novas práticas pedagógicas e metodológicas. Na área da Linguagem, ela ficou constituída por cinco competências: língua portuguesa, língua estrangeira moderna, educação física, arte e informática. Por consequência, é perceptível no documento a supressão do ensino da literatura enquanto disciplina com suas especificidades. Isso porque antes ela pertencia a uma área chamada “Língua e Literatura”, já com a nova organização nacional ela passou a compor o arco denominado “Linguagem, Códigos e suas Tecnologias”. Além disso, nota-se que a literatura nem ao menos é citada como competência específica, uma vez que ela fica subentendida como conhecimento da língua portuguesa. Ainda o texto oficial a compreende como mais uma linguagem, essa relegada apenas ao verbal, “A linguagem verbal é um dos meios que o homem possui para representar, organizar e transmitir de forma específica o pensamento” (BRASIL, 2000b, p.5).

Os Parâmetros Curriculares também limitam o estudo do texto literário à teoria dos gêneros do discurso, “O estudo dos gêneros discursivos e dos modos como se articulam proporciona uma visão ampla das possibilidades de usos da linguagem, incluindo-se aí o texto literário” (BRASIL, 2000b, p.8). As especificidades do texto literário foram desconsideradas, tanto que as *Orientações Curriculares para o Ensino Médio*, em 2006, foram publicadas em tom de justificativa a essas lacunas dos parâmetros.

Diante desse cenário, é imprescindível vigiar o direito à literatura e a relevância de compreendê-la como ela é de fato. Até mesmo porque não é tão simples assim explicar o que é literatura, já que não é possível encapsular a sua complexidade em um conceito simplificado e fechado. Por outro lado, não refletir sobre as muitas concepções dela pode trazer consequências muito negativas para o ensino de Literatura, tanto nas escolas quanto em exames vestibulares. Ao ser relegada a mais

uma das tantas linguagens, a Literatura pode ser menos cobrada e/ou deixar de ser ensinada em detrimento a outros conteúdos da disciplina de Língua Portuguesa.

O questionamento feito pela professora Rosana Harmuch deve ser premissa para qualquer professor, “Como ensinar o que sequer se sabe o que é?” (HARMUCH, 2011, p.151). A indagação se refere ao fato de que alguns professores não refletem sobre o que é literatura e também não têm conhecimento específico que ajudaria nessa reflexão. Por decorrência tem-se:

Um dos resultados é o conseqüente e perigoso império do senso comum: aulas em boa parte dedicadas a qualquer outro assunto (biografia de autores, contexto histórico, características das escolas literárias), menos à literatura propriamente dita (HARMUCH, 2011, p.151).

Sem mencionar o fato de a literatura servir como mera motivação para outras atividades, tais como solicitar ao aluno que leia um texto literário para verificar sua leitura, dramatização das obras, cruzadinhas com nomes dos personagens, diversas práticas como exercício de memorização, menos pensar sobre o texto literário.

Talvez não se tenha refletido ainda o bastante sobre alguns traços que modernas pedagogias e certos modelos de escola renovada imprimiram à educação, principalmente ao ensino de literatura. Nesse sentido, urge discutir, por exemplo, o conceito de “motivação”, porque é em nome dele que a obra literária pode ser completamente desfigurada na prática escolar. Propor palavras cruzadas, sugerir identificação com uma outra personagem, dramatizar textos e similares atividades que manuais escolares propõem, é periférico ao ato de leitura, ao contato solitário e profundo que o texto literário pede.

Ou o texto dá um sentido ao mundo, ou ele não tem sentido nenhum. E o mesmo pode se dizer das nossas aulas. (LAJOLO, 2000, p.15)

A autora acima destaca que há uma preocupação em oferecer ao aluno uma grande quantidade de textos, mas um trabalho que indique uma reflexão maior sobre eles pouco se percebe. E, ao se referir ao texto literário, é claro o tratamento dado a ele, a maneira mais superficial e uma tentativa de deixá-lo o mais fácil possível para compreensão do aluno. Nessa tentativa de facilitar a interpretação que não se dedica tempo para o texto, tratando-o de forma simplória, esvaziando-o de maneira rápida.

Marisa Lajolo cita a necessidade de o texto significar algo para o leitor, a leitura precisa dar sentido ao mundo. Logo, torna-se essencial aprender a ler literatura. Nesta mesma vertente, Cosson (2007) inicia uma discussão por meio da pressuposição de que ler é um ato solitário. No entanto, como ele alerta, pensar

somente dessa forma é desconsiderar outros tipos de leituras. O autor afirma que ler pode ser sim uma ação solitária, mas a interpretação é um ato solidário. No momento em que os leitores trocam experiências, relacionando a leitura com a realidade, esse é o momento do grande aproveitamento. Partindo do texto literário, a conversa sobre este revela o conhecimento e as experiências de mundo de um e do outro. A leitura se torna relevante ao compartilhar a multiplicidade de sentidos e a disposição de compreender o outro. Sobretudo, Cosson (2007) reafirma o ato de ler literariamente, o letramento literário é essencial no processo educativo, porque oferece uma experimentação do mundo por meio da palavra, dá conhecimento da literatura e ainda coloca o leitor no exercício de alteridade.

Outro ponto discutido pelo autor é a ideia de que é difícil traduzir em palavras os sentimentos na leitura literária. Essa visão exagerada trata a leitura do texto literário como um exercício epifânico. Cosson (2007) diz essas experiências místicas são traduzidas na linguagem se o experimentador não conseguisse transformá-las em palavras, isso seria um exemplo de fracasso da linguagem. O autor também destaca, numa versão menos radical, que escrever ou falar sobre o que foi lido empobreceria o diálogo entre o leitor e o escritor. Em virtude deste pensamento, ele afirma que algumas experiências são únicas, mas o compartilhamento dos sentidos do texto faz a leitura ser mais expressiva. Portanto, para o texto literário apresentar significado para o leitor, assim como modificar o seu mundo, é preciso que ele aprenda a lê-lo e analisá-lo. Sem dúvida, a discussão sobre a obra literária proporcionará ao leitor uma participação ativa.

Qualquer tentativa de tornar uma obra em objeto de discussão mais específica do que a enunciação do êxtase redundará na quebra de sua aura. A contestação de tal posição realiza-se em duas direções. A primeira é que essa atitude sacralizadora da literatura lhe faz mais mal do que bem. Mantida em adoração, a literatura torna-se inacessível e distante do leitor, terminando por lhe ser totalmente estranha. Esse é o caminho mais seguro para destruir a riqueza literária. A análise literária, ao contrário, toma a literatura como um processo de comunicação, uma leitura que demanda respostas do leitor, que o convida a penetrar na obra de diferentes maneiras, a explorá-la sob os mais variados aspectos. ” (COSSON, 2007, p.29)

A obra literária precisa ser o centro do debate com a finalidade não de sanar dúvidas, mas de provocar novos sentidos do mundo. Para isso, é primordial que as aulas de literatura sejam centralizadas no seu objeto de estudo. Por essa razão, parte-



se do conceito de literatura defendido por Jonathan Culler, no seu livro *Teoria Literária* (1999).

Culler (1999, p.28) inicia a discussão declarando que essa não é uma indagação muito fácil de ser respondida e que muitos outros estudiosos tentaram achar respostas, “os teóricos lutaram com ela, mas sem sucesso notável”. Houve tempos em que os livros, que hoje chamamos de literatura, foram apenas usados como exemplos de uma linguagem bem elaborada “e obras que hoje são estudadas [...] foram uma vez tratadas não como um tipo especial de escrita, mas como belos exemplos do uso da linguagem e da retórica” (Op. cit., p.28), assim os estudantes não interpretavam os textos, só estudavam sua gramática e observavam os argumentos utilizados.

O autor admite que, às vezes, pode-se pensar que literatura é o que determinada sociedade define como tal, no entanto deve-se perguntar “o que faz com que nós (ou alguma outra sociedade) tratemos algo como literatura? ” (Op. cit., p. 29). Ele ironiza sua explanação fazendo menção à erva daninha, pois não adiantaria pesquisar os atributos formais ou físicos que fazem a planta ser uma erva daninha, seria mais pertinente investigar “os tipos de plantas que são julgadas indesejáveis por diferentes grupos em diferentes lugares” (Op. cit., p. 30) e, supõe que quem sabe a literatura seja assim como erva daninha. Nesse norte, a pergunta a ser feita muda de perspectiva, “o que está envolvido em tratar as coisas como literatura em nossa cultura? ” (CULLER, 1999, p. 30). Para isso, o autor exemplifica com uma suposição de uma frase retirada de um livro.

Suponho que tiremos uma sentença de um libreto de instruções, de uma receita, um anúncio, um jornal, e a coloquemos numa página isoladamente:  
*Stir vigorously and allow to sit five minutes.*  
 Isso é literatura? Transformei-me em literatura ao extraí-la do contexto prático de uma receita? Talvez, mas dificilmente fica claro que o tenha feito. Algo parece estar faltando. (CULLER, 1999, p. 31),

O estudioso deixa explícito que uma frase retirada de uma receita e colocada separadamente em outro contexto não convence que seja literatura porque não instiga à reflexão. É necessário analisar em que lugar ela é encontrada e se a linguagem utilizada suscita alguma atenção especial. Caso se acrescente um título para incitar a imaginação e seja colocada em páginas separadas, a partir disso seria possível voltar o olhar para o verso de forma diferente, imaginativo, reflexivo, assim é possível chamar de literatura.

Dado o exposto por Culler (1999), é explicitado que as convenções de um texto literário não se instalam em uma só perspectiva, a compreensão dele vai desde analisar a linguagem com traços específicos à atenção que ele determina na leitura. Dessa forma, o autor cita cinco características que estudiosos atribuíram como natureza do texto literário. A primeira diz respeito à boa elaboração da linguagem, “Literatura é linguagem que ‘coloca em primeiro plano’ a própria linguagem” (CULLER, 1999, p.35). O teórico explica que há nos textos literários uma melhor organização da linguagem, bem mais perceptível do que em textos científicos. Ademais, ele cita a poesia, nela há uma organização sonora elaborada de uma maneira atrativa para o leitor, assim como suas rimas deixam explícitas as marcas da literariedade do gênero. Em vista disso, o texto literário exige do leitor uma atenção a sua linguagem.

A segunda característica está relacionada à forma e ao sentido, isto é, o texto literário não é a exteriorização de pensamentos de um autor, ou unicamente reflete a imagem da sociedade que o produziu. O autor supracitado diz que é preciso olhar com atenção todos os elementos, componentes, observar a organização da linguagem e notar a contribuição de todos eles para o efeito no todo. Ele acrescenta que seria um erro considerar um texto literário simplesmente pela sua linguagem, porque há exemplo de romances que não fazem isso.

A próxima característica trata da relação da literatura com o mundo através da ficcionalidade. Culler (1999) informa que ela projeta um novo mundo, esse ficcional, em que há personagens, acontecimentos e tudo isso se abre a interpretações. No tocante aos acontecimentos, ele diz que cabe ao leitor a interpretação de tudo. O autor exemplifica com o romance *Hamlet*, que traz referências à Dinamarca, mas não é necessariamente obrigado o leitor lê-las relacionando ao país dinamarquês. O romance de William Shakespeare pode estabelecer relações com o mundo de diferentes modos e níveis. Culler (1999) ainda menciona que os advérbios e pronomes funcionam de maneira singular na literatura. Como por exemplo, os advérbios podem marcar o instante em que a palavra foi escrita, mas não se deve deixar de notar que há um tempo próprio do texto. Sobre os pronomes, ele exemplifica com o eu lírico, pois este é a voz do poema, não o autor.

A penúltima marca inicia com explicação de Culler (1999) sobre a relação de a obra literária ser um objeto estético. Ele articula todas as partes citadas até o momento, organização linguística, a relação de forma e sentido, a ficcionalidade do texto, como um traço da estética da linguagem. Ele também acrescenta que a

literatura possibilita um estudo voltado tanto para o lado material quanto para o espiritual. Ao prosseguir, o autor expõe que a finalidade da criação de um objeto estético não é por motivos externos à obra, ela é criada para contemplação da própria arte, prazer pela obra ou ocasionada por ela.

E, por último, ele aponta dois quesitos encontrados nas obras literárias, a intertextualidade e a autorreflexividade. Para o primeiro item, Culler (1999) informa que ler literatura é também ler outros discursos já produzidos. O segundo, autorreflexividade, diz respeito aos romances falarem e refletirem sobre eles mesmos. O estudioso menciona que os autores implicitamente renovam, melhoram e refletem sobre a literatura no discurso do texto literário. Assim, ele complementa que esses dois tópicos não definem sozinhos a representatividade literária de um texto, mas colocam esses aspectos em um ponto de grande expressão.

Dessa maneira descreve essas cinco características como:

Propriedades das obras literárias, traços que as marcam como literatura, mas também com o que poderia ser visto como os resultados de um tipo particular de atenção, uma função que atribuímos à linguagem ao considerá-la como literatura. (CULLER, 1999, p.42)

Como afirmado pelo teórico, essas são particularidades que existem em alguns textos e elas acabam por tornar os textos literários. As propriedades existentes no texto literário, conforme apontado acima pelo autor, reitera a relevância de estudá-las e as analisar a fim de construir argumentos e conhecimentos para desenvolver nas aulas de literatura.

Além disso, insiste-se na pergunta, por que tal livro é literatura e outro não? Perrone-Moisés (2016) afirma que com a produção acelerada do mercado editorial é cada vez mais desafiador distinguir qual texto é literário. A autora ainda destaca a dificuldade de encontrar uma comunidade literária homogênea.

Diante dessa dificuldade de base, o que vemos hoje em funcionamento, na crítica e no ensino da literatura, ainda são resquícios dos valores antigos. Se percorrermos o que ainda resta de crítica literária na imprensa e na internet, ou se penetrarmos na argumentação dos júris de prêmios literários, veremos que os críticos ainda fundamentam seu julgamento, explícita ou implicitamente, em valores consagrados num cânone. (PERRONE-MOISÉS, 2016, p.12)

A professora também menciona, assim como Culler (1999), a dificuldade para se definir o que é literatura. Ela destaca que os conceitos de literatura colocados nos

dicionários, dentre eles o *Oxford*, como meio perdido, porque o dicionário afirma que as obras literárias são aquelas consideradas obras de arte. Culler (1999) já tinha alertado para o fato de chamarmos de literatura aquilo que determinada sociedade a considera como tal. Desse modo, Perrone-Moisés (2016) coaduna com o pensamento do teórico, afirmando que não há como fazer uma definição geral para a literatura.

Como é possível observar, refletir sobre o que é literatura não é tão simples, porém é necessário para exercer a docência. Sendo assim, os documentos oficiais da educação existem para auxiliar o docente na sua prática pedagógica, bem como para orientar e normatizar aspectos importantes da disciplina. A criação e validação de documentos oficiais para o ensino é de suma importância para a educação, uma vez que constituem discussões pertinentes sobre as transformações que a Educação requer diante dos avanços das pesquisas, as mudanças de contextos históricos e os conhecimentos necessários aos jovens em formação.

### 1.1. A LITERATURA E OS DOCUMENTOS OFICIAIS DA EDUCAÇÃO

Nesta pesquisa, o estudo está pautado apenas nos três últimos documentos, os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (2000), as Orientações Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (2002) e as Orientações Curriculares para o Ensino Médio (2006). Dentre eles, como já destacado, os Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio demonstram claramente o apagamento do texto literário. Esse documento está baseado na lei LDBEN de 1996 e no Parecer nº 15/98 do Conselho Nacional de Educação.

De acordo com eles, a literatura é apenas mais um tipo de texto que a escola deve ensinar. Nesse norte, as concepções de texto, texto literário e Literatura ficam prejudicadas quando destaca que:

O conceito de texto literário é discutível. Machado de Assis é literatura, Paulo Coelho não; por quê? As explicações não fazem sentido para o aluno. Outra situação de sala de aula pode ser mencionada. Solicitamos que alunos separassem de um bloco de textos, que iam desde poemas de Pessoa e Drummond até contas de telefone e cartas de banco, textos literários e não-literários, de acordo como são definidos. Um dos grupos não fez qualquer separação. Questionados, os alunos responderam: 'Todos são não-literários, porque servem apenas para fazer exercícios na escola'. E Drummond? Responderam: 'Drummond é literato, porque vocês afirmam que é'. (BRASIL, 2000a, p.16)

Fica evidente no excerto acima que o documento não traz um embasamento teórico e metodológico justificando o porquê Drummond é literato. Ele deixa lacunas por não apresentar uma reflexão mínima sobre o que é ou não literatura. Luft (2014) atribui essa visão rasa à disciplina pela falta de especialistas na formulação do documento. No que tange a resposta do aluno sobre o que é ou não literatura, o documento concebe maior primazia à opinião do alunado. A autora defende que o ensino de literatura não pode ser pautado pelo gosto dos alunos e que apenas a opinião deles não deve ser suficiente como estabelecimento de critérios para classificar um texto como literário ou não.

A tese de Tiuman (2017), intitulada “A História da disciplina literatura no Ensino Secundário Brasileiro e as Avaliações externas: o exame vestibular, o Enem e o Enade Letras”, apresenta a análise das questões de literatura no vestibular da Universidade de Maringá, dos anos 2013 a 2016, assim como das questões do Enem do mesmo período do vestibular, além de cento e trinta questões do Enade dos anos 2008, 2011 e 2014. A pesquisadora também examina os documentos oficiais da educação e faz um estudo histórico da disciplina de literatura no ensino Médio, Tiuman (2017) comprova no seu estudo que as questões de literatura desses processos seletivos, na prática escolar, são norteadoras dos currículos nas escolas. No entanto, sabe-se que essa prática não deveria ser a mais aplicada, pois há outros aspectos que orientam e norteiam a educação. Entre inúmeras discussões, a autora cita a professora Leyla Perrone-Moisés (1996) que, por sua vez, explana sobre muitas atividades paralelas ao texto literário, e elas não têm como objetivo refletir sobre o texto literário. Tiuman (2017), apoiada na professora Leyla Perrone-Moisés (1996), destaca que a discussão com os alunos sobre um texto ser literário ou não, só faria sentido para eles se fosse explicado de maneira muito acessível e o assunto convincente. Mesmo assim, ela afirma que isso não deve ser o objetivo do professor de literatura. Em seguida, a pesquisadora retoma a discussão com a afirmação de que o professor deve ter cautela ao querer atender aos gostos dos alunos, pois eles só terão condições de compreender o que é literatura se lerem as obras literárias.

Por isso, partindo da realidade de que podem existir professores que submetem seus planos de aula a um ensino descompromissado com o conhecimento acadêmico, compreende-se como positivo o norte e a orientação determinados nos documentos oficiais da educação. No entanto, isso não garante o ensino eficiente da

literatura. Assim como afirma Perrone-Moisés (2006, p.23), é preciso considerar que o professor deve ouvir o seu aluno, mas para entender em qual patamar ele está e, a partir do conhecimento apresentado, planejar novos conhecimentos para ele.

Diante disso, pode ser feita a análise se o texto é ou não literário, desde que existam critérios que ajudem os alunos nesta classificação. Logo, o estudo discorrido por Culler (1999) pode ajudar nesse tipo de atividade. No entanto, ao partir para o estudo do texto e levar a literatura de massa<sup>1</sup> para a sala de aula, seguindo os critérios de Culler (1999), por meio de uma leitura e análise dos textos, os alunos podem perceber que o texto se esvazia facilmente em poucas discussões e não apresenta uma relação sustentável entre forma e sentido, que o conteúdo da obra não exige grandes esforços de interpretação e há simplicidade na elaboração da linguagem.

Ademais, justifica-se a leitura e a análise textual como uma opção para explicar e defender a boa literatura, já que os alunos têm a possibilidade de estabelecer diferenças entre os textos literários e os não literários. A leitura de texto literário causa no aluno o estranhamento e o ajuda na distinção dos outros textos. Compreende-se que não é só a linguagem, mas a forma com que os assuntos são abordados no texto, as reflexões complexas presentes, o desenvolvimento do pensamento crítico e o desconcerto causado pela leitura que fazem o leitor perceber que o texto é literatura.

Todavia, os *Parâmetros* relacionam a leitura à literatura como:

Os conteúdos tradicionais de ensino de língua, ou seja, nomenclatura gramatical e história da literatura são deslocados para um segundo plano. O estudo da gramática passa a ser uma estratégia para a compreensão/interpretação/produção de textos e a literatura integra-se à área da leitura (BRASIL, 2000, p.18)

Entende-se que a literatura está ligada à leitura e vice-versa. Então, questiona-se qual o caminho utilizado para a leitura e se percebe a subversão da prioridade, não há nada de norteador

É visível a falta de conhecimento dos elaboradores do documento na área da literatura.

---

<sup>1</sup> Entende-se como literatura de massa toda produção literária que tem como objetivo a sociedade do consumo, exemplo disso são os *best-sellers*. Trata-se de textos que não requerem nenhuma atenção especial.

Os conteúdos tradicionais de ensino de língua, ou seja, nomenclatura gramatical e história da literatura são deslocados para um segundo plano. O estudo da gramática passa a ser uma estratégia para compreensão/interpretação/ produção de textos e a Literatura se integra à leitura<sup>2</sup>. (BRASIL, 2000b, p. 18)

Luft (2014) assevera que os Parâmetros desconsideram as especificidades existentes no texto literário, assim como Tiunan (2017) lembra que os documentos produzidos a partir de 1990 seguem o lema “aprender a aprender”, uma vez que a ênfase recai no desenvolvimento de habilidades e competências, a aprendizagem se limita a ser mecânica e o ato de pensar fica cada vez mais distante. Os *Parâmetros Curriculares para o Ensino Médio* desconsideram toda a completude que há no ensino da literatura, enfatizando que ela é apenas mais um complemento da Língua Portuguesa. A colocação dos demais textos no mesmo patamar que o texto literário revela a desvalorização da literatura. A falta de autoridade e autonomia da disciplina pode trazer consequências cada vez mais graves para a formação básica dos cidadãos.

Devido às lacunas presentes no primeiro documento, foram publicadas *As Orientações Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio*. Assim como no documento anterior, não há concepção de literatura e permanece a visão filosófica de um ensino interdisciplinar. Como afirma Luft (2014, p.119), os PCN+ não apontam caminhos, mas esperam que as disciplinas promovam conhecimentos comuns entre elas.

Nas Orientações Complementares, o que chama a atenção é a forma difusa como se sugere o encaminhamento para o ensino de literatura. Segundo o documento, a literatura deve ser buscada para estudar outros conteúdos e, para isso, cita-se como exemplo que o romance de Aluísio Azevedo adquiria mais sentido se fosse relacionado com o problema habitacional que houve no Rio de Janeiro no século XIX.

Por exemplo, o aluno pode aprender o título da obra *O cortiço*, saber o nome do seu autor (Aluísio Azevedo), conhecer detalhes da biografia desse autor – que era um excelente desenhista, por exemplo. E pode automatizar essas informações. Já os conceitos só se adquirem pela aprendizagem significativa.

---

<sup>2</sup> Nota-se que não havia espaço para estudar as especificidades do texto literário. Simplesmente o documento cita que a Literatura deve se integrar à leitura. Referente a esta passagem, a autora Gabriela Luft ironiza que não há como falar de literatura sem leitura. Percebe-se que os Parâmetros orientam que ensinem Literatura, mas os textos literários são considerados apenas mais um texto.

Os dados só contribuem para a aprendizagem de conceitos quando adquirem sentido. Saber o título do romance mais importante de Aluísio Azevedo é uma coisa. Relacionar esse título com o sério problema habitacional do final do século 19 no Rio de Janeiro é coisa bem diferente. Ao fazer essa relação, o dado adquire significado e o aluno amplia seu conhecimento do conceito de literatura, por exemplo. (BRASIL, 2002, p.35)

Convém ressaltar que a literatura é uma das fontes de conhecimento escrito, nela está o ensinamento que abrange várias áreas. Nas palavras de Paulo Franchetti (2009), no seu texto “*Ensinar literatura para quê?*”, a literatura pode até ser lida em busca de outros tipos de conhecimento, mas lê-la desta forma seria simplesmente utilizá-la como um instrumento útil para ensinar outras matérias, tais como história, geografia etc. A má utilização da literatura seria ler o texto de maneira pragmática. Como por exemplo, ler *Viagens na minha Terra*, de Almeida Garret, com a intenção simplesmente de mapear os lugares de Lisboa a Santarém. Ou até mesmo ler *O cortiço* para somente ter conhecimento dos problemas habitacionais de uma dada época. Se esse fosse o objetivo da literatura, qual a função das figuras emblemáticas do romance? Como os personagens João Romão ou Miranda? De que serviria conhecer as personalidades que formavam um verdadeiro cortiço humano? Sem dúvida, a literatura contém o conhecimento de si e das outras disciplinas, por isso ela precisa ser ensinada, questionada e refletida. É por meio de leituras literárias que o leitor pode usufruir de emoções especificamente produzidas pela palavra, “já a literatura – no sentido moderno – é a arte da palavra, falada ou escrita. Um romance ou um poema pode produzir emoção, o riso e outras tantas respostas afetivas, apenas por meio da palavra” (FRANCHETTI, 2009, p.3).

O autor, ao discorrer sobre a necessidade de provar que a literatura tem um elemento formativo diferenciado para o cidadão, cita a herança cultural a que se tem acesso ao ler Literatura, “ensinar literatura, portanto, em sentido amplo, é criar as condições para que o estudante, o leitor em formação, possa tornar-se ele também um herdeiro desse manancial” (Op. Cit., p.7). Perrone-Moisés (2016) também condiz com este pensamento, pois, segundo a autora, a herança cultural dá a oportunidade de compreender a relação com o passado, reinterpretando obras canonizadas e, muitas vezes, relendo-as em novas obras. Para a estudiosa, é preciso ter conhecimento do cânone literário, mas não o entender como patrimônio no sentido estático, pois as obras são constantemente transformadas. A leitura dos cânones faz transcender os limites atemporais, trazendo novas sensibilidades para o presente.



As grandes obras do cânone ocidental não são um “patrimônio”, no sentido museológico do termo. O patrimônio monumental é imóvel. A literatura, pelo contrário, é incessantemente disseminada e inseminadora, infinitamente reinterpretada. Por isso, não há razão para se fazer o luto da literatura. A melhor reinterpretação da literatura é aquela fornecida pelas novas obras que a prosseguem. (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 53)

Por esse motivo, insiste-se no ensino literário, ler literatura e os grandes clássicos é um direito do aluno. Ao refletir sobre as Orientações aos Parâmetros, eles são a oportunidade de retificar as inadequações feitas à disciplina, porém o documento reafirma a equiparação do texto literário a outros gêneros. As Orientações incentivam a leitura, mas não é dado um lugar significativo à literatura, descaracteriza-se o ensino literário para outras práticas pedagógicas.

Luft (2014) detecta dois problemas latentes em relação à disciplina. O primeiro deles diz respeito à contradição existente, porque os PCN+ alertam para o caráter de um estudo memorizado e caracterizado na história da literatura, mas, em seguida propõem um estudo da literatura identificando as manifestações no eixo temporal e espacial. Essa postura condiz com uma prática de ensino diacrônica. O outro problema se refere à fruição da obra de arte pelo receptor. O documento destaca que momentos fora da sala de aula devem propiciar aos alunos que leiam, assistam filmes e produzam poemas de sua autoria. Essa orientação desconsidera o prazer estético que o texto literário pode proporcionar ao leitor e o confunde com atividade lúdica. O professor deve desenvolver no aluno a competência de ler um texto literário, assim como adequar essa experiência com a literatura e outros meios culturais. Com atividades desenvolvidas e direcionadas para o letramento literário, o aluno pode discutir e refletir sobre o texto. Desse modo, o aluno pode produzir novos sentidos por causa da leitura da literatura.

Em dezembro de 2018, o Ministério da Educação lançou um novo documento direcionador da educação, Base Nacional Comum Curricular. No entanto, este estudo priorizou somente os três documentos publicados entre 2000 e 2006, pois eram eles que regiam o ensino até o ano de 2017, data das provas do vestibular.

Sendo assim, segue-se com a análise das *Orientações Curriculares para o Ensino Médio* (2006). No que se refere à literatura, elas iniciam com uma definição do dicionário *Aurélio*, “em seu primeiro significado – ‘Arte de compor ou escrever trabalhos artísticos em prosa ou verso’” (BRASIL, 2006, p.50). Em seguida, o documento expõe uma declaração de uma mãe de aluno falando o que seria arte para ela, “Arte é aquele conhecimento mais da delicadeza, não é? [...] é aquele trabalho

que não é a luta de todo dia.” (LINHARES, 2003, p. 99 *apud* BRASIL, 2006, p. 50). A mãe, ao se pronunciar, tenta esclarecer o que é arte, ela relaciona como algo mais delicado, ou como trabalho artesanal. Já diferente da visão do trabalho fora da escola, esse representado como algo mais penoso, uma luta diária, “Arte é ‘delicadeza’ que amolece o homem e não deve fazer parte do currículo da escola porque ‘aqui fora’ não vinga, ou seja, não logra sucesso” (BRASIL, 2006, p. 50). A mãe, com um pensamento comum, vê a arte como uma alegriazinha e o trabalho como doloroso. Assim, o documento expõe que esse é um dos motivos de a arte constar no currículo do Ensino Médio, pois é um pensamento impiedoso querer que a escola prepare somente para o sofrimento do dia a dia. Ao refletir sobre a fala da mãe, sobre o desejo de preparar o filho para a vida dura, uma das justificativas deveria ser justamente a libertação cognitiva por meio da literatura, o indivíduo se perceberia dentro da sociedade, refletiria sobre sua condição e quiçá poderia mudá-la.

Adiante na leitura das Orientações, elas explicitam a partir de qual conceito a literatura é pautada.

Boa parte da resposta pode ser encontrada talvez no próprio conceito de Literatura tal como o utilizamos até aqui, isto é, em seu sentido mais restrito. Embora se possa considerar, *lato sensu*, tudo o que é escrito como Literatura (ouve-se falar em literatura médica, literatura científica, etc.), para discutir o currículo do ensino médio tomaremos a Literatura em seu *stricto sensu*: como arte que se constrói com palavras. (BRASIL, 2006, p. 52)

É preciso pensar a literatura para além da arte, é necessário compreender a importância dela para a vida. As *Orientações* indicam que texto literário é aquele que proporciona uma fruição a partir do prazer estético. O conceito de literatura como arte que se constrói com palavras, parte do *stricto sensu*, mas não deixa de reconhecer que há discussões amplas sobre o assunto. Na sequência do documento, percebe-se como texto literário aquele que reafirma o *status quo* da literatura. Ele também lança várias indagações, se o texto causa estranheza, se tem intencionalidade artística, se tem significado-histórico, atende a esses requisitos, é considerado literatura.

Sabemos que em literatura uma mensagem ética, política, religiosa ou mais geralmente social só tem eficiência quando for reduzida a estrutura literária, a forma ordenadora. Tais mensagens são válidas como quaisquer outras, e não podem ser proscritas; mas a sua validade depende de forma que lhes dá existência como um certo tipo de objeto. (CANDIDO, 1995, p. 250 *apud* BRASIL, 2006, p. 57)

O autor supracitado confirma que para reconhecer um texto literário, além de ele emitir uma mensagem, vem com uma forma de texto diferenciado, que por si só já é visível, diferentemente do texto de consumo.

Mas não nos iludamos sempre haverá, em alguns casos, uma boa margem de dúvida nos julgamentos, dúvida muitas vezes proveniente dos próprios critérios de aferição, que são mutáveis, por serem históricos. Mesmo apresentando dificuldades em casos limítrofes, entretanto, na maioria das vezes é possível discernir entre um texto literário e um texto de consumo, dada a recorrência, no último caso, de clichês, de estereótipos, do senso comum, sem trazer qualquer novo aporte. (BRASIL, 2006, p. 57)

Fica evidente que o conceito de literatura está sempre duvidoso, isto é, pouco claro, até mesmo porque não há uma definição pronta do que é literatura, mas que o estudo dela proporciona é indispensável para definir o que é uma boa literatura e para que ela serve. O professor fica responsável por escolher métodos, textos que sejam os mais adequados para cada turma. Como afirma Cereja (2005), é essencial o professor adotar algumas escolhas, tais como metodologias, autores, qual estilo ou épocas. E, nessas escolhas, muitas vezes o professor, pressionado por pais e alunos, acaba cedendo a um ensino instrumental voltado para o vestibular.

Exemplo disso são os exames que utilizam o texto literário como mote para avaliar análise linguística, professores julgando a leitura por meio do texto literário, isso sem mencionar os livros didáticos que atendem a anseios vazios e desconsideram as especificidades do texto literário. Essas são as reminiscências deixadas por um ensino descomprometido com a disciplina e se faz presente até hoje. Ceia (2002) elucida essa situação referente à postura de muitos professores em Portugal, mas que não difere do nosso cenário. Ele classifica a postura por “falácia estética”.

Ninguém ousa discordar que as funções e sucessões matemáticas ou a configuração eletrônica de átomos e íons sejam matérias de difícil ensino e aprendizagem na Matemática e na Física, respectivamente, mas também ninguém discorda da sua importância científica e conseqüente pertinência para o Ensino Secundário, só porque em si mesma sejam matérias “difíceis”. A ideia de que em literatura tudo tem que ser muito simples e ajustado ao gosto do estudante é uma falácia estética que nem sequer devia ser discutida, se não fosse o fato lamentável de muitos professores de Português a subscreverem, a começar pela própria Associação de Professores de Português [...] A excessiva crença nas pedagogias centradas no estudante – tudo se constrói em torno do estudante, jamais se contraria a expectativa do estudante – conduziu ao desrespeito pela obra de arte literária, no que ao ensino da literatura diz respeito. Tais pedagogias não estão erradas em si

mesmas, porém levaram, entre nós, a um total desresponsabilização do educador literário perante a obra ensinada. (CEIA, 2002, p.11-13).

Infelizmente, a explanação acima ilustra o cotidiano escolar, as escolas estão cheias de pessoas dando opinião sobre a área de literatura, basta observar os documentos oficiais cujos consultores dos *Parâmetros Curriculares para o Ensino Médio*, assim como das *Orientações Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (PCN+)* não têm formação na área literária<sup>3</sup>. Como sustenta a citação, há uma diferença no tratamento dado às ciências exatas em relação à literatura. No que diz respeito à participação do aluno, acredita-se ser essencial, pois ele ajuda a construir o debate a respeito da obra literária, verificar suas interpretações e experiências com o texto. Certamente isso é bem mais importante do que procurar facilitar a atividade para o aluno ao ponto de não solicitar dele uma contribuição ativa.

Pondera-se no estabelecimento de critérios sobre qual tipo de conhecimento é necessário que o aluno tenha ao sair da educação básica, até mesmo porque nem todos têm interesse em cursar o ensino superior, dessa forma, o objetivo é garantir a formação humana, por isso é tão relevante o estudo do texto literário.

Nesse ponto é indiscutível a importância da permanência da literatura na sala de aula, Tiunan (2017) disserta sobre a possível desigualdade de saberes que podem ocorrer se a literatura não for ensinada nas escolas. Esse risco também pode acontecer se a decisão pela escolha dos conteúdos ficar a critério dos professores, pois pode ser que haja os que por gosto deles ou dos alunos, dediquem menos tempo à disciplina. Portanto, isso pode proporcionar conhecimento a alguns e outros não.

Portanto, a suposta autonomia do professor para decidir quais conteúdos são mais significativos para seus alunos está atrelada à questão da injustiça social e econômica e da distribuição desigual do conhecimento e dos bens culturais. Para Apple (2006, p. 49), 'podemos pensar sobre o conhecimento como algo distribuído de maneira desigual entre as classes sociais e econômicas, grupos profissionais, diferentes grupos etários e grupos com

---

<sup>3</sup> Gabriela Luft informa que a equipe que elaborou os *Parâmetros Curriculares para o Ensino Médio* foi composta por doutores em Educação, Psicologia, Artes e Engenharia elétrica. Os profissionais são Isabel Gretel M. Eres Fernández (doutora em Educação), Maria Felisminda de Resende e Fusari (doutora em Psicologia), Maria Heloisa Corrêa de Toledo Ferraz (doutora em Artes), Mauro Gomes de Mattos (doutor em Educação), Marcos Garcia Neira (doutor em Educação) e Marcos Alberto Bussab (doutor em Engenharia Elétrica). Já *Orientações Complementares aos Parâmetros Curriculares Nacionais para o Ensino Médio (PCN+)* foram elaborados pela Maria Paula Parisi Lauria, doutora em Educação.

diferentes poderes'. Desta maneira, cada grupo social tem acesso a determinados conhecimentos, mas não a todos os tipos de conhecimento de todos os outros grupos. (TIUMAN, 2017, p. 121)

Logo, escolher o mais fácil para o aluno não quer dizer que esteja se fazendo o melhor para ele. Deve-se ensinar ao aluno literatura não só porque é direito dele, mas porque há no texto literário a perspectiva de olhares críticos. Bem se sabe que muitos alunos, devido a seus entornos, não têm incentivo à leitura, ao olhar crítico, portanto, cabe à escola levá-los ao questionamento, ao saber, à criticidade. Nesse ínterim, a literatura pode ajudar a transformar e desenvolver o indivíduo para ser consciente da sua existência, questionador da sua realidade, conhecedor da profundidade de sentimentos que o rodeia, sejam estes piores ou melhores.

A literatura nos diz o que somos e nos incentiva a desejar e a expressar o mundo por nós mesmos. E isso se dá porque a literatura é uma experiência a ser realizada. É mais que um conhecimento a ser reelaborado, ela é a incorporação do outro em mim sem renúncia da minha própria identidade. (COSSON, 2007, p. 17)

Por meio da experiência literária, o aluno pode despertar virtudes em si, bem como transformar sua realidade. Como afirma Cosson (2007), viver e sentir novas experiências por intermédio da leitura é romper tempos, espaços, é ser o outro sem abandonar a essência. A maior herança cultural presente na literatura não pode ser poupada aos alunos simplesmente por acreditar que o jovem não tem capacidade para entender o texto.

Diante do exposto, volta-se ao papel que o docente deve exercer na sala de aula, ele realiza um papel pertinente nos encaminhamentos da literatura como disciplina. Segundo as Orientações Curriculares para o Ensino Médio, há docentes que são chamados de tradicionais, pois preferem trabalhar mais com autores e textos canônicos, assim existem aqueles chamados de libertários, que seriam professores mais liberais, aqueles que consideram como objeto de estudo outras formas de artes, deixando a literatura de lado. Dessa maneira, torna-se comum nesse professor libertário, que simplesmente ceda ao gosto dos alunos e não trabalhe textos canônicos.

Ao selecionar um texto, o professor não deve desprezar o cânone, pois é nele que encontrará a herança cultural de sua comunidade. Também não pode se apoiar apenas na contemporaneidade dos textos, mas sim em sua atualidade. Do mesmo modo, precisa aplicar o princípio da diversidade entendido, para

além da simples diferença entre os textos, como a busca da discrepância entre o conhecido e o desconhecido, o simples e o complexo, em um processo de leitura que se faz por meio da verticalização de textos e procedimentos. (COSSON, 2007, p.35-36)

Como afirma o autor acima, não há motivos para renegar anos de estudos que comprovam a quão valiosa é determinada obra, que deve ser dado espaço para conhecer novas obras, mas não se pode desconsiderar que, na maioria das vezes, a escola será o único lugar em que o aluno terá contato com o cânone literário.

Neste mesmo sentido há o posicionamento de Calvino (1993), ele contribui com a assertiva de que a escola deve sim proporcionar ao aluno certo número de clássicos. Depois, o próprio aluno reconhecerá seus clássicos.

A única razão que se pode apresentar é que ler os clássicos é melhor que não ler os clássicos.  
E se alguém objetar que não vale a pena tanto esforço, citarei Cioran (não um clássico, pelo menos por enquanto, mas um pensador contemporâneo que só agora começa a ser traduzido na Itália): 'Enquanto era preparada a cicuta, Sócrates estava aprendendo uma ária com a flauta. 'Para que lhe servirá?', perguntaram-lhe. 'Para aprender esta ária antes de morrer'. (CALVINO, 1993, p. 16).

O pesquisador, ao fazer o trocadilho de que pior que ler é não ler, destaca que desconhecer os clássicos é ser privado de conhecimentos e saberes por diferentes óticas. Para o estudante da última etapa da educação básica, pela impressão de Calvino (1993), pode não ser bom impor, mas poupá-los dos clássicos é privá-los de uma experiência de leitura diferente. Isso sem esquecer que a leitura de um livro clássico permite o acesso ao mais alto exemplo de excelência estética de texto. Ao ler este tipo de texto é perceptível que se criam critérios para avaliar as próximas leituras.

Posto que a literatura de consumo está sempre em evidência, deve-se ressaltar que o professor que conhece seu papel social, como agente multiplicador, possui uma postura crítica e compreende a relevância do valor da literatura, conduzindo o aluno a compreender a função de um clássico à literatura de massa, construindo assim saberes que torne conscientes os alunos para as práticas sociais, para a vida. No próprio documento indaga-se sobre "Qual seria então o lugar do *rap*, da literatura de cordel, das letras de músicas e de tantos outros tipos de produção, em prosa ou verso, no ensino da literatura? " (BRASIL, 2006, p. 56). O documento

responde que os textos devem revelar uma qualidade estética e terem suporte em si mesmos.

Ao indagar o lugar do *rap* ou letras de músicas, abre-se o debate sobre a desconstrução do cânone literário. As universidades, em sua grande maioria, estão se abrindo a novas explorações de textos e autores, esse movimento já se configura como uma luta para não só estudar e conhecer autores canônicos, mas o interesse é voltado para o texto, se for ele literário, valerá a pena ser lido e estudado. A exemplo disso, destaca-se a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), que listou como leitura obrigatória o diário de Carolina Maria de Jesus (*Quarto de despejo: diário de uma favelada, 1960*)<sup>4</sup> e, para 2020, constará o álbum *Sobrevivendo no inferno*, do grupo de rap Racionais MC's, que inclusive saiu em livro pela Companhia das Letras, em 2018. Essa postura da Universidade é uma maneira de desconstruir a ideia de supremacia. Para a professora Rosana Harmuch:

Ao formular a lista de obras a serem lidas pelos estudantes e futuros candidatos, a Universidade assume uma enorme responsabilidade, que é a de interferir diretamente no cotidiano das escolas. Assim, todos teriam a ganhar se essa oportunidade, primeiramente, ao invés de repetir o modelo hegemônico historiográfico, problematizasse-o. (HARMUCH, 2017, p. 15)

Uma obra, ao ser incluída em lista de leitura para vestibular, será alvo de estudos por inúmeros estudantes. Sabe-se que a finalidade da literatura não deve ser somente para ingressar nas Universidades, no entanto, não há como negar que é interessantíssimo saber que há inúmeros alunos lendo *Quarto de despejo. Diário de uma favelada* e, por meio da obra, eles têm a oportunidade de conhecer aquele que vive na favela e convive com a miséria constantemente.

Referente à lista da UEPG de 2017, destaca-se que,

Para o último ano do Ensino Médio, a escolha de obras contemporâneas, de Cristóvão Tezza, de Caio Fernando Abreu e de Manoel de Barros é, por um lado, um ponto bastante positivo. Por se tratar de obras que, em geral, não figuram nos livros didáticos, acabam contribuindo para o enfrentamento propriamente dito dos textos. No caso específico dos professores, estimulam a procura da fortuna crítica para respaldar ou rechaçar determinadas leituras. Por outro lado, justamente por não figurarem nos materiais didáticos, estimulam a manutenção de um rentável mercado de produção de material alternativo, via de regra constituído de resumos vendidos na rede particular de ensino. (HARMUCH, 2017, p. 6)

---

<sup>4</sup> O livro da Carolina Maria de Jesus também foi listado no vestibular de 2019 da UEPG.

Como alertado pela pesquisadora, há um mercado de resumos na rede particular de ensino, assim como na internet, todavia nem sempre eles são eficazes. Isso porque os ciclos de trocas dos livros didáticos são de quatro em quatro anos e, como a lista do vestibular é atualizada aproximadamente a cada dois anos, não há tempo hábil para incluir resumos, fragmentos ou até mesmo atividades que privilegiam as obras dos vestibulares<sup>5</sup>. Desse modo, logicamente, o vestibular exigirá dos alunos e, principalmente, do professor uma pesquisa sobre os livros, tal como a leitura das obras.

Na mesma vertente de reflexão sobre o ensino de literatura, há o artigo *O ensino de literatura como fantasmagoria*, de Jaime Ginzburg (2012). Ele levanta a hipótese de que as limitações da educação escolar podem estar correlacionadas às dificuldades dos acadêmicos do curso de Letras. Entretanto, o autor afirma que as questões realmente são voltadas para um campo limitado de conhecimento.

Por essa razão, a imagem do conhecimento de literatura predominante em muitas questões, em provas em diversas universidades brasileiras, ano após ano, está associada a um campo limitado de exercício do conhecimento: nomes de autores associados a nomes de obras, períodos literários, gêneros literários, características consagradas, de modo geral em perspectiva canônica e reproduzindo modelos de leitura estabelecidos há mais de três décadas pela historiografia literária. Bem menos constantes são as ocasiões em que os vestibulares podem se aproximar de pesquisa constituída pela produção acadêmica atualizada. (GINZBURG, 2012, p. 212)

Entende-se que há produções acadêmicas dedicadas a refletirem sobre as obras literárias, estudos que comprovam que ensino literário evoluiu. No entanto, esse aperfeiçoamento de como estudar literatura não alcançou a educação básica, porque como afirma Ginzburg (2012), ainda há um ensino literário pautado em um modelo historiográfico.

O pensamento de Perrone-Moisés (2016) correlaciona-se com Ginzburg (2012) ao afirmar que o ensino da literatura se voltou para termos positivistas, “os autores (biografias), as obras (produtos dos autores e de seu tempo), as escolas e movimentos (sistematização e homogeneização de produções diversas em grupos

---

<sup>5</sup> Refere-se somente aos livros didáticos. Porque se sabe que os manuais e a internet têm um mercado mais ativo voltado para as obras selecionadas para o vestibular.



característicos)” (PERRONE-MOISÉS, 2016, p. 10). Esse é o modelo de ensino presente, mesmo sendo combatido.

A angústia dos estudantes por buscarem uma aprovação no vestibular não condiz com um aluno que se interesse por estudar literatura. O motivo de eles buscarem algum conhecimento na disciplina é para serem aprovados nos vestibulares, a busca por conhecimento pautado no hoje causa problemas nos ensinamentos do amanhã, já que a literatura não cumpre seu papel se ela não é estudada e ensinada de modo reflexivo e com debates. Como não se pode ignorar o vestibular, resta cobrar e esperar que as questões acerca da literatura sejam melhor elaboradas, respeitando as especificidades do texto literário.

De acordo com o texto das *Orientações*, o professor não pode simplesmente ceder aos conteúdos de vestibular.

É verdade que quando há listas de obra estas acrescentam um peso maior aos alunos já sufocados pela quantidade de conteúdo. Entretanto, é preciso primeiro aliviar – como se disse – o programa oficial extenso da disciplina, retirando dele o que não for essencial, e segundo, ter claro que o aluno deve se preparar ao longo da escolaridade para, ao final do ensino médio, ter se tornado autônomo em relação à leitura de obras mais complexas. O professor não pode submeter seu programa ao programa do vestibular: ele deve oferecer ao aluno condições satisfatórias de aprendizagem para que possa sair-se bem em provas que exijam um conhecimento compatível ao que foi ensinado. (BRASIL, 2006, p. 76)

Uma das funções do Ensino Médio é preparar o aluno para o ensino superior. Contudo, a teoria não condiz com a realidade, porque há uma série de fatores discrepantes entre o trabalho em sala de aula, os conteúdos abordados, as provas de vestibular e a construção de conhecimentos para as práticas sociais. Entende-se que há um desafio para o professor em manter equilíbrio na metodologia utilizada para ensinar literatura. Se ele for para o livro didático, encontra-se um ensino historiográfico. Se o professor adotar somente a abordagem do vestibular, pode não ter êxito no ensino de literatura. Considera-se que professor tem uma base filosófica, teórica-conceitual consolidada e consegue fundamentar a sua prática pedagógica da melhor maneira para o ensino literário.

Levando em consideração que existe uma descontinuidade entre escola e universidade. Sabe-se que a escola deve ensinar literatura, mas há exames que não cobram literatura. Como afirma o professor Ginzburg (2012), a universidade deve repensar seu papel com o ensino literário, no caso das questões da UEPG, elas

contribuem para um ensino instrumental que nada ajuda na formação humana e muito menos garante acadêmicos capacitados para refletir e debater sobre os textos literários.

Isto é, um ensino de literatura que tende a caracterizar as cobranças do professor com relação ao aluno como agressões e a constituição da sala de aula como ambiente hostil. Em vez de um debate de ideias, a projeção do ensino instrumental voltado para um *telos* (o vestibular, o mercado de trabalho) acentua a competitividade entre estudantes, motivando chances de frieza, de distanciamento e mesmo de intolerância entre eles. (GINZBURG, 2012, p.222).

O ponto a ser olhado, analisado e melhorado é a educação básica, mas a universidade, além de pensar sobre os professores que lança ao mercado, também precisa rever a concepção de literatura no exame de vestibular.

Ao refletir sobre como melhorar o ensino literário no ensino médio, as *Orientações curriculares para o ensino médio* mencionam algo bastante positivo, o incentivo à leitura individual e integral da obra.

Se consideramos que o texto literário é por excelência polissêmico, permitindo sempre mais de uma interpretação, e se admitimos que cada leitor reage diferentemente em face de um mesmo texto, pensamos que o passo inicial de uma leitura literária seja a leitura individual, silenciosa, concentrada e reflexiva. Esse momento solitário de contato quase corporal entre o leitor e a obra é imprescindível, porque a sensibilidade é a via mais eficaz de aproximação do texto. Mediante o isolamento e o silêncio, a leitura individual proporciona ao aluno a experiência literária de um texto que pode atingir sua subjetividade de maneira inusitada e certamente diferente da maneira como atinge a subjetividade do colega. (BRASIL, 2006, p.60)

Estimular o aluno a ter contato com a obra é o primeiro passo para garantir um ensino de literatura, porque é preciso que ele experimente o estranhamento causado pela ficção e saiba que precisa ter atenção maior com o texto. Harmuch (2017) reafirma essa importância e acrescenta a opinião de como trabalhar o texto na sala de aula.

A partir da minha experiência em sala de aula, creio ser possível e produtivo que, antes que os alunos iniciem a leitura, haja uma conversa introdutória sobre a obra e questão e mesmo a leitura conjunta de alguns capítulos, como forma de instigar a curiosidade e mesmo lançar a eles algumas inquietações a respeito do que lerão. Mas não há evidentemente um caminho único a ser trilhado. A melhor metodologia de trabalho, no meu entendimento, é a que é encaminhada por aqueles que convivem com os alunos e entendem a dinâmica ali instaurada. (HARMUCH, 2017, p. 3)

Conforme afirmado acima, é de grande valia que se incitem discussões que podem ser estabelecidas, posteriormente, pelo texto literário, até mesmo porque o aluno não está habituado a ler esse tipo de texto e precisa de algumas orientações. Logo, cabe ao professor estimular indagações e reflexões sobre o texto literário. Ao continuar a análise da leitura do documento, nota-se que ele leva para a consolidação da importância da leitura literária. Dessa maneira, ele incentiva que o professor deve motivar os alunos para ler.

Parece, portanto, necessário motivá-los à leitura desses livros com atividades que tenham para os jovens uma finalidade imediata e não necessariamente escolar (por exemplo, que o aluno se *reconheça* como leitor, ou que veja nisso prazer, que encontre espaço para compartilhar suas impressões de leitura com os colegas e com os professores) e que tornem *necessárias* as práticas da leitura. Tais atividades evitariam que o jovem lesse unicamente porque a escola pede – o que é com frequência visto como uma obrigação. (BRASIL, 2006, p. 70-71)

O artigo de Adriana Demite e Robson Coelho, *A formação dos professores mediadores de leitura literária: os desafios atuais*, de 2014, defende que para ser um bom professor de literatura, o docente precisa ter ao longo da sua formação acadêmica uma boa relação com a leitura. Os autores citam Lajolo (1988, p.53), quando ela afirma que “se a relação do professor com o texto não tiver um significado, se ele não for um bom leitor, são grandes as chances de que ele seja um mau professor”. Vale destacar que sem condições de trabalho favoráveis para o professor, ele não tem tempo para ler. Ainda no artigo já mencionado, é citado Silva (2012), segundo ele, os alunos precisam de um testemunho vivo de pessoas que apreciam leitura e a praticam. Ele acredita ser necessário um professor apaixonado por livros, porque este é o mediador de ensino e incentivador de leitura literária. Evidentemente um professor leitor faz toda a diferença na sala de aula, por esse motivo insiste-se na formação deste profissional, além de questionar a formação inicial pela universidade, o professor precisa estar ciente de que a profissão requer esforços e aprendizagem contínuos ao longo de toda a carreira.

## 1.2 O PRAGMATISMO E A LITERATURA

Há aproximadamente duas décadas assiste-se a criações de leis e documentos que norteiam a educação, elas vão desde última alteração na Lei de Diretrizes e Bases (1996) à lei 13.415/2017 relativas à reforma do Ensino Médio. Durante esses anos, o governo, comprometido com metas, traçou planos para o melhoramento na educação, principalmente de índices. Inclusive o portal do MEC exhibe reportagem sobre a queda de analfabetismo no país de 2004 a 2012, mostrando a diminuição de 11,5% para 8,7%<sup>6</sup> em oito anos. Logicamente a notícia causa alegria ao comprovar que os índices de analfabetismo têm diminuído, oferecendo a melhora na educação. Neste cenário, anseia-se que o aluno domine a leitura, porém o aceleração da universalização do ensino, de certa maneira, traz uma indiferença na escolha da leitura dos alunos, pois espera que se leia, contudo sem a preocupação com o que é lido.

Zilberman (1988) anunciou uma queda no hábito de leitura no público jovem. Nessa época, a denúncia era vista como um paradoxo pelo fato de ser um período de expansão e mudanças no campo cultural. Ela menciona as novas experiências que o mundo textual pode oferecer aos alunos>

Não é ocasional o fato de que a escola se afirme enquanto instituição a partir desse período; nem que se considere que deva iniciar sua atividade por ensinar a ler e escrever. Alfabetizando, ela converte cada indivíduo num leitor, introduzindo-o no universo singular de sinais da escrita cujo emprego é tornado habitual por meio de treinamentos contínuos. (ZILBERMAN, 1988, p. 18).

De acordo com a autora, ter mais pessoas sendo alfabetizadas com o passar dos anos, não significa necessariamente que estejam letradas. A escola precisa fazer um trabalho árduo para além de ensinar o aluno a ler, que seria decodificar os signos, mas precisa também letrar na literatura, isto é, fazer com que o aluno estabeleça sentido para a literatura.

Para que a leitura seja de novas descobertas, tenha significado para o aluno, é necessário que ele saiba realmente ler para além da ação de simplesmente decifrar códigos, o que remete também a uma concepção de linguagem dialógica. Manguel (2009) expõe didaticamente três etapas necessárias para quem deseja aprender a ler.

---

<sup>6</sup> Informação sobre . Disponível em: . Acesso em ago. de 2018.

Primeiro, o processo mecânico de aprender o código da escrita na qual está codificada a memória de uma sociedade.

Segundo, o aprendizado da sintaxe que comanda esse código.

Terceiro o aprendizado de como as inscrições nesse código servem para conhecer de maneira profunda, imaginativa e prática nossa identidade e a do mundo que nos cerca. Esse terceiro aprendizado é o mais difícil, o mais perigoso, o mais poderoso – e o que Pinóquio jamais poderá alcançar. Pressões de toda espécie – as tentações com que a sociedade o afasta da sua meta, a zombaria e a inveja de seus colegas, a orientação distante de seus preceptores morais - confrontam Pinóquio com uma série de obstáculos quase insuperáveis para sua transformação em leitor (MANGUEL, 2009. P. 41).

Percebe-se que a terceira etapa não foi alcançada, Pinóquio vai à escola, mas simplesmente recita os textos, não os compreende, assim jamais adentrará no mundo textual de forma profunda. Se Pinóquio fosse letrado no mundo literário, certamente teria uma boa compreensão, entenderia essa busca de querer ser um menino e ser aceito no mundo dos humanos. Segundo Manguel (2009, p. 42), na sociedade em que Pinóquio está inserido, falta o necessário para sobreviver, tais como moradia, assistência médica e alimentos, o livro fica em um plano secundário, “numa sociedade em que as necessidades básicas do cidadão não são atendidas, os livros são um alimento, mal utilizados, podem ser mortais”. O estudo é assimilado como algo penoso, difícil e nada atraente, tanto que o amigo de Pinóquio, Pavio, fala de forma fascinante de um mundo sem livros e sem escolas. No pensamento de autor, a escola não incentiva o aluno a ultrapassar os limites necessários para adquirir novas experiências e, portanto, Pinóquio é a representação da falência do ensino, ele vai à escola para mostrar que é responsável, mas só decifra os códigos da escrita, sem os compreender.

Tornar o ensino obrigatório e exibir índices de quedas do analfabetismo não garante que todos aprendam a ler<sup>7</sup>. É preciso que o ensino seja eficiente, essa eficiência pode ser alcançada pelo ensino da literatura. Mas também há a presença de um novo público, novos tempos e outras prioridades.

Assunção (2013) conceitua o homem-massa, são todos aqueles que não têm leitura cultural e muito menos interesse por ela. De acordo com ele, o homem-massa

---

<sup>7</sup>Compreende-se que para área da linguística há uma diferença entre alfabetização e letramento. E saber ler não significa que o aluno tenha entendido o que leu. No entanto, nestes estudos, interessa-me somente o letramento literário. O livro *Letramento literário: teoria e prática* proporciona ao leitor uma discussão ampla sobre como proporcionar o letramento literário. Cosson (1999) organiza no seu livro estratégias didáticas, que são aspectos metodológicos aplicados de formas sistematizadas e ajudam o aluno do ensino básico a aprender a ler literariamente.

não está interessado em estudar os ecos do passado e muito menos vê sentido na cultura, não demonstra empenho em aprender a ler.

Não acredita nem vê necessidade de acreditar na cultura [...] por isso, sua relação com o livro e a leitura são superficiais. Só se relaciona com eles de maneira funcional, pois não lhe interessam, nem compreende os valores fundamentais da cultura, e não se faz solidário deles". (ASSUMÇÃO, 2013, p. 40).

Eles leem somente textos mais fáceis ou que julguem úteis. São aqueles que não veem sentido algum tanto na escola quanto na cultura. No entanto, os homens-massa estão por aí, expressando suas opiniões na mídia e também nas escolas. Logo, o ambiente escolar, que deveria ser um local de debates, leituras, vai se tornando um lugar que se afasta do antigo sentido de transmitir cultura. A escola tem se transformado em um local de troca de conhecimentos utilitários e mecânicos.

O autor ainda defende que é fundamental uma relação cultural com a leitura, especialmente com a literatura, pois ela é a mais exigente das leituras.

Daí a importância da leitura, e mais especificamente, da leitura cultural, da leitura de literatura, ativa, crítica, para a qual necessitamos utilizar uma razão muito mais plenária, mais vital que a utilizada para a leitura funcional, com respeito a fins, utilitária e pragmática, escolarizada. Uma sociedade que não desenvolve este tipo de relação com a leitura (em seu sentido mais amplo, de interpretação do mundo e, depois, das palavras, como em Paulo Freire) envelhece, atrofia, pois lhe falta algo rejuvenescedor e fundamental em qualquer cultura: a arte, seu componente destrutivo, arejador, oxigenador. (ASSUMÇÃO, 2013, p. 117)

O autor supramencionado apoia a leitura literária e afirma que ela contribui para desenvolver uma melhor interpretação e, sem ela, a sociedade definha, para de evoluir. Ele continua apresentando a indispensabilidade da leitura cultural, ela é vital para tirar o homem da ingenuidade e superar essa condição de homem-massa.

Entende-se que a leitura literária equivale à leitura cultural, até mesmo porque ela vai além do pragmatismo e desenvolve o que foi apontado pelo escritor citado. Já a leitura funcional, é aquela que visa somente o utilitarismo. Negar ou não proporcionar a leitura literária é permitir que se perpetue um ciclo de pessoas preparadas somente para a ação do fazer, não para o pensar.

Há um consenso dos especialistas de literatura em apontarem a modernização da sociedade como um dos fatores que ajudaram a depreciar o pensar.

A professora Rosana Harmuch menciona no seu texto o conceito de Sérgio Paulo Rouanet de Anti-iluminismo.

Sérgio Rouanet, refletindo sobre a mesma problemática, desenvolve o conceito de Anti-iluminismo, na tentativa de dar conta de um estado contemporâneo, em que o fazer não apenas se sobrepõe, como tenta apagar o refletir. Nesse estado, a rapidez se torna um valor imprescindível, em oposição ao inevitável uso do tempo necessário à reflexão, à busca de não uma, mas várias respostas, à valorização da ambiguidade como condição essencial do que consideramos como humano. (HARMUCH, 2011, p. 148)

A problemática é que há uma inversão de valores, cada vez mais a sociedade valoriza o fazer. O refletir demora tempo e a falta dele é uma das maiores desculpas que se tem para não ler o texto literário. Percebe-se, claramente, que são tempos de fazer, o sistema quer muito que se faça, sem pensar no processo. Esses novos tempos trouxeram a desvalorização para a área das humanas, porque uma das ferramentas dessa área é exatamente refletir. A modernização da sociedade trouxe consigo um novo público que prioriza o fazer. A época contemporânea impulsiona todos a priorizar a rapidez e o imediatismo, é a técnica vencendo o manual. De certa maneira, ler é uma atividade manual, ela demanda bastante tempo. O refletir é um processo mais demorado, porque é preciso mensurar e assimilar diversas situações, até o ponto de compreender o que se leu e nada disso tem prioridade.

Logo, o sistema produz o tipo de homem que ele quer e de que necessita. Vale trazer o épico filme *Tempos modernos*, do Charles Chaplin. Nele temos a representação de um homem que não questiona e simplesmente repete uma mesma ação ininterruptamente, a ação irrefletida torna mais fácil o ato de dominar. Certamente é mais simples lidar com o conformismo, por isso é preciso que se mantenha o ensino da literatura, não como uma fuga desse serviço árduo, mas como uma ativação de se perceber nessa sociedade manipuladora. Um ensino que não priorize textos literários tende a causar uma deficiência na formação do indivíduo.

Portanto, com as considerações de Assunção (2013) mostra-se a relevância de compreender o porquê de se estudar a literatura.

### 1.3 PRETEXTOS PARA O ENSINO LITERÁRIO

A literatura é uma disciplina que a todo o momento precisa ser justificada e comprovada como necessária para estudo<sup>8</sup>. Ela que tinha um lugar privilegiado, hoje necessita de fundamentação para que os alunos continuem tendo acesso ao leitor literário. Pleiteada pelos documentos oficiais, inicia-se o questionamento para compreender para que convém a arte.

O problema, entretanto, persiste: se a Literatura é arte, a arte serve para quê? Poderíamos partir do paradoxo de Jean Cocteau que inicia o livro de Ernst Fischer: 'A poesia é indispensável. Se ao menos soubesse para quê.' (Apud FISCHER, 1966. BRASIL, 2006, p. 52)

Desde a antiguidade clássica os pensadores discutem sobre a arte e sua finalidade. Sabe-se que entender o que é literatura é importante, mas é também essencial apreender para que ela serve. Compagnon (2009) disserta em uma aula inaugural em 2006, no Collège de France, sobre a importância da literatura nos dias atuais e a manutenção e continuação dela. Para isso, o autor inicia indagando sobre a contribuição da literatura para nós.

Por que falar – ainda falar – da 'Literatura francesa moderna e contemporânea' em nosso início de século XXI? Quais valores a literatura pode criar e transmitir ao mundo atual? Que lugar deve ser o seu espaço público? Ela é útil para a vida? Por que defender sua presença na escola? (COMPAGNON, 2009, p. 20)

A indagação referente à escola e à vida lembra do discurso magistral de Antonio Candido (2011), *O direito à literatura*, nele se afirma que, por meio da literatura, acontece o processo de humanização no seu sentido mais profundo. Privar o aluno de conhecer literatura e estudá-la é como diz Candido (2011), mutilar sua personalidade, porque a literatura dá formato aos sentimentos e a visão do mundo.

Já Compagnon (2009) alerta que a literatura não é tão rentável e pode ser frágil para o amanhã. Esse discurso da fragilidade da literatura, de ela algum dia não existir em um novo amanhã, é mencionado por Perrone-Moises (2016, p.8), "Por estar incluída num momento cultural de mutação acelerada, a literatura esteve sujeita, na

---

<sup>8</sup>O estado do Mato Grosso do Sul, em 2017, retirou do currículo escolar a disciplina de literatura. Isso contribuiu para uma situação de ameaça para o ensino de literatura, porque temos a impressão de que devemos justificar a todo instante a importância de estudar literatura, pois se não, pode acontecer como no estado citado, simplesmente retirá-la do currículo.



virada do século, a afirmações apocalípticas: a literatura está em perigo”. Segundo a professora, ao mencionar o fim da literatura, ela está se referindo a um tipo de literatura. A pesquisadora também cita o teórico francês William Marx, o qual afirma que a literatura passou por três fases. Do século XVIII para o XIX houve uma supervalorização da literatura. Por volta do século XIX os escritores se isolaram no cultivo da forma e no final do século XIX acabaram destruindo a comunicação com os leitores. A classificação das fases é, portanto, expansão, autonomização e desvalorização. A autora destaca que parte da produção literária do século XX era chamada de literatura do adeus, já que se imaginava que ela estava estagnada. E agora, em pleno século XXI, a literatura está mais viva do que nunca e termina seu pensamento com uma frase de Mark Twain, “As notícias de minha morte foram muito exageradas” (Op. Cit. p. 26).

Compagnon (2009) dá quatro explicações sobre o poder da literatura. A primeira delas refere-se à aprendizagem do homem através da literatura. Este poder remete a Aristóteles e ao conceito de *mímesis*. O autor destaca que literatura instrui deleitando, ela ensina mais do que qualquer regra posta. Paulo Franchetti, ao discutir a mesma questão, afirma.

Dependendo apenas da palavra, a literatura teria menor poder de produzir prazer e emoção do que as artes que combinam a palavra com outros elementos? Não é o que a experiência mostra. Muita gente chora ao ler um romance, se emociona fortemente ao ler um poema, refina uma opinião e um sentimento ao ler uma peça de teatro. Por depender só da palavra, a literatura, na verdade, tem uma força que as artes combinadas não possuem. Ela abre um espaço enorme à projeção do leitor. De fato, tudo depende da sua imaginação: a forma de um rosto, por mais pormenorizadamente descrita que seja, é uma para cada leitor. (FRANCHETTI, 2009, p. 3)

De acordo com o autor, a leitura do texto literário desperta no leitor emoções singulares. Para exemplificar, ele cita a descrição dos olhos de Capitu. Ao ler a passagem, não se pensa se ela tem mãos ou pés, ao se debruçar na descrição feita pelas palavras do narrador, só é possível pensar nos olhos. Mesmo que se tente desenhar os olhos da personagem, esse desenho não causaria a mesma impressão que a leitura do trecho de *Dom casmurro*.

O segundo motivo destacado por Compagnon (2009) é o poder de cura que a literatura pode trazer. Ela pode libertar o indivíduo da alienação religiosa, pode despertar a criticidade e fazer com que ele questione a política, perceba sua existência no espaço.

A literatura é de oposição: ela tem o poder de contestar a submissão ao poder. Contra poder, revela toda a extensão de seu poder quando é perseguida. Resulta disso um paradoxo irritante: a liberdade não lhe é propícia, pois priva-a das servidões contra as quais resistir. (COMPAGNON, 2009, p.34)

O pensamento do autor relembra da liberdade conflituosa da literatura, porque ela liberta o indivíduo, concede a ele o poder de interrogar, mas ela pode ficar na mira daqueles que não desejam que a liberdade individual aconteça. Para isso, o teórico cita o enfraquecimento da literatura no espaço público europeu. Evidentemente, o fato aconteceu na Europa, como descrito por Compagnon (2009), mas também é perceptível no Brasil. É possível que haja interesses maiores para que a literatura tenha sido desvalorizada. O fato de se adquirir um olhar que vai além do cotidiano que cerca o indivíduo, pode também trazer um mal-estar, por isso que ele chama de cura que pode intoxicar<sup>9</sup>. Candido observa que:

A respeito dos dois lados da literatura, convém lembrar que ela não é uma experiência inofensiva, mas uma aventura que pode causar problemas psíquicos e morais, como acontece com a própria vida, da qual é imagem e transfiguração. Isto significa que ela tem papel formador da personalidade, mas não segundo as convenções; seria antes segundo a força indiscriminada e poderosa da própria realidade. (CANDIDO, 2011, p. 178)

Está no texto literário, escrito de diversas maneiras, os valores que a sociedade recomenda ou julga como nocivos. Por intermédio da leitura, o leitor confirma essa experiência. O autor reafirma que no ambiente escolar, às vezes, a literatura pode causar conflito, porque ultrapassa normas já estabelecidas. Exemplo disso são os casos em que os pais vão até à escola para reclamar sobre os livros e requerer o cancelamento de leitura deles, uma vez que muitas obras tratam de assuntos não conversados dentro das próprias famílias. Logo, os pais não entendem que esse é um dos motivos de a literatura permanecer na escola. Candido (2011) reitera que faz parte do processo humanizador essa complexidade contraditória.

Retornando ao Compagnon (2009), o terceiro motivo refere-se à literatura corrigir as imperfeições da linguagem, “a literatura fala a todo o mundo, recorre à língua comum, mas ela faz desta uma língua particular – poética ou literária” (Op. Cit., p. 37). O pesquisador cita Mallarmé e Bergson ao afirmar que a poesia não é alívio

---

<sup>9</sup> Nesse aspecto, a literatura pode revelar os melhores assim como os piores sentimentos do humano.

para os males da sociedade, mas para a inconformidade da língua. Ainda, a linguagem tem poder, porque pode atacar e se defender. (Op. Cit. P. 40). O autor exemplifica com Roland Barthes ao qualificar a língua como “fascista”, pois “só a literatura, trapaceando com a língua, salvava a língua do poder e da servidão”.

Para terminar seus argumentos, o autor declara que o quarto poder pode ser simplesmente uma variação do terceiro e continua declarando a dubiedade que é a literatura, ela diverte, mas é perigosa. Ela é moral, mas também imoral. Um dos últimos argumentos do porquê a literatura ser lida e estudada está exatamente na maneira única “de preservar e transmitir a experiência dos outros” (COMPAGNON, 2009, p. 47).

## 2 A UEPG E O EXAME DE VESTIBULAR

Criada a partir da união de faculdades independentes, a Universidade Estadual de Ponta Grossa vem desde 1969 contribuindo para a construção de uma sociedade mais justa e democrática. Hoje, a UEPG é um polo educacional e científico reconhecida mundialmente. Inclusive a revista inglesa *Times Higher Education* (THE), no ano de 2018, classificou-a entre as cem melhores instituições de ensino superior<sup>10</sup>.

A Universidade utiliza-se de várias formas de ingresso aos cursos de graduação, entre eles o sistema de cotas que destina uma quantidade de vagas para alunos de escolas públicas e outra para negros. Outra modalidade é o Processo Seletivo Seriado (PSS), dá oportunidade de o aluno ser avaliado ao longo da sua formação no Ensino Médio. E, por último, o Vestibular tradicional. O exame ocorre duas vezes ao ano, uma no inverno e outra no verão. Cada vestibular apresenta três etapas e são realizadas em dois dias. A primeira é a prova de Conhecimentos Gerais. Simultaneamente, há a etapa da redação e a última é a Vocacionada e as questões seguem o modelo somatório.

O Manual do Candidato informa que na Prova de Conhecimentos Gerais há um total de 07 questões de Língua Portuguesa e Literatura Brasileira, já na Vocacionada são 15 questões. Ele indica os conteúdos programáticos, sendo: noções básicas de teoria literária; gêneros e estéticas literárias; romantismo brasileiro; a ficção realista e naturalista; a poesia parnasiana e simbolista; o modernismo brasileiro e a literatura contemporânea. Vale ainda destacar a lista das obras indicadas: *Amar, verbo intransitivo*, de Mário de Andrade; *A morte e a morte de Quincas Berro D'Água*, de Jorge Amado; *Livro sobre nada*, de Manoel de Barros; *O filho eterno*, de Cristovão Tezza e *O ovo apunhalado*, de Caio Fernando Abreu.

Para este estudo foram selecionadas as provas do vestibular de 2017. A análise feita foi somente das questões que tenham ou mencionem algum conteúdo literário, assim, foram analisadas um total de quatorze questões. Desse modo, explicita-se que todas elas têm o mesmo comando para o candidato, ou seja, assinalar

---

<sup>10</sup> A revista Times Higher Education (THE) explicou que avalia as universidades ao observar a pontuação referente influência de pesquisas, citações científicas, entre outros. A notícia do *ranking* da UEPG foi destaque em diversos meios de comunicações, entre eles ressaltamos a revista Exame. Disponível em: < <https://exame.abril.com.br/carreira/36-universidades-do-brasil-entraram-no-maior-ranking-educacional-do-mundo/> >.

as alternativas corretas. As questões são enunciadas pela assertiva: “assinale o que for correto”. Há somente duas das quatorze questões que apresentam enunciados mais extensos, a primeira traz dois fragmentos da obra de Cristovão Tezza, *O filho eterno* e a segunda é uma entrevista de Caio Fernando Abreu. No entanto, essas duas questões continuam com o mesmo objetivo das outras, encontrar a alternativa correta.

Algumas questões abordam somente a obra de um autor, outras reúnem vários autores. As obras mais citadas foram *O filho eterno*, de Cristovão Tezza, mencionada seis vezes e o livro de contos *O ovo apunhalado*, de Caio Fernando Abreu, aludida cinco vezes. As obras de Mario de Andrade e Manoel de Barros foram citadas quatro vezes e, por último, foi citada apenas três vezes *A morte e a morte de Quincas Berro d'água*, de Jorge Amado.

O vestibular é em um dos processos mais visados do país. Nesse contexto, acredita-se que o seu exame ganhou uma importância de grande proporção na sociedade.

Em vista disso, no momento em que a universidade indica seus conteúdos programáticos, rapidamente professores e instituições se voltam para estudos intensivos sobre eles com o propósito de que seus vestibulandos sejam aprovados.

William Cereja (2005) afirma essa ação como algo negativo à sistematização do ensino da Literatura, a saber, somente para fins de aprovação do aluno no vestibular. Então, ele destaca:

Portanto, o vínculo existente entre o programa escolar e o programa do exame do exame vestibular é direto. Este é, assim, quase sempre determinante das escolhas constantes no programa escolar, principalmente nas escolas da rede particular, em que há uma forte expectativa de toda a comunidade (famílias, alunos, professores, direção) quanto à aprovação dos alunos nas universidades mais renomadas, que são geralmente as públicas. (CEREJA, 2005, p. 56)

O autor diz que a preocupação excessiva da rede básica de ensino com o exame vestibular, até mesmo adotando os modelos e procedimentos do exame, deve ser motivo de reflexão constante para nós professores, assim como para a comunidade acadêmica. Ainda Cereja (2005) alerta que os pais, principalmente da escola particular, pressionam professores e instituições com o propósito de que seus filhos sejam aprovados nas conceituadas universidades. Logo, a transmissão dos conteúdos será repassada com a equivalente metodologia das provas de vestibular.

O professor Jaime Ginzburg (2012) reforça essa concepção ao citar que:

Em um círculo vicioso, escolas de ensino médio e cursinhos preparatórios se organizam em função de perfis de exames vestibulares. Acostumados às rotinas previsíveis e aos princípios de trabalho das aplicações dos exames, muitas escolas condicionam os ambientes de ensino à preparação para o alcance de vagas no ensino superior. O ensino de literatura se torna, desse modo, alavanca para realização de provas. Essa função instrumental caracteriza com exatidão, para a direção da escola, as famílias e os estudantes a partir de um critério de qualidade do professor e de suas aulas – será um bom professor aquele que se prepara bem para os exames. (GINZBURG, 2012, p.212)

Nesta perspectiva, o ensino da literatura se reduz ao conteúdo das provas do vestibular, como também a justificativa de a estudar para ser aprovado no exame. Além disso, reafirma o pensamento de inúmeras famílias que o excelente profissional da educação é aquele que consegue desenvolver no vestibulando técnicas que o ajudem a ter um bom desempenho nas provas.

Inclusive, o professor William Cereja fez uma pesquisa de campo em 2002 com o objetivo de fazer um levantamento das práticas de ensino utilizadas nas aulas de literatura, a pesquisa ajuda a compreender o atual cenário do ensino literário, no qual professores se sentem cobrados para trabalhar as questões do vestibular e os livros cobrados nos exames. Ele constatou que o ensino de literatura não é pautado no objeto de estudo, que deveria ser o texto literário. Ginzburg (2012) acrescenta que, muitas vezes, o desejo do aluno de estudar é somente porque ela será exigida no vestibular. Então, confirma-se que esse exame é determinante para o ensino de literatura.

Destaca-se o discurso de força que há na indicação dos livros literários do vestibular. A partir das listas dos livros, a escola passa adotá-los<sup>11</sup> e, conseqüentemente, espera-se que se promovam debates e reflexões sobre eles.

Além disso, a lista de vestibular é um bom momento para estudar diversos autores, dentre estes, inclusive aqueles que não são canônicos, e abrir um espaço para discutir a literatura marginalizada. Um exemplo disso é a Universidade Estadual de Campinas (Unicamp), já citada anteriormente, que listou como leitura obrigatória o álbum *Sobrevivendo ao inferno*<sup>12</sup>, do grupo Racionais MC's.

---

<sup>11</sup> Ainda que a lista de vestibular possa representar uma perda na autonomia da escola, a indicação dela no vestibular vê-se nesse estudo como algo positivo. Pois, há inúmeros alunos que buscam as obras literárias indicadas como complemento de leituras extras. Também, elas de alguma maneira estimulam o professor a lerem e buscarem estudos sobre elas.

As alterações nas listas das obras dos vestibulares implicam em mudanças nas aulas de literatura, entretanto vale destacar que é importante a continuação de obras indicadas no vestibular, pois grande parte da leitura literária no Ensino Médio gira em torno dos livros escolhidos pelos vestibulares, por isso mantê-los é um dever com o ensino de Literatura.

A lista de obras literárias é exigida apenas para o vestibular, porque o Enem - Exame Nacional do Ensino Médio, a maior avaliação para o ingresso ao Ensino Superior, não tem uma lista de leitura mínima para o exame, desse modo vale fazer alusão a uma lista de obras literárias uma vez que isso traz consequências para o ensino da disciplina.

De tal modo, exemplifica-se com a dissertação de mestrado da pesquisadora Camila Sequetto Pereira (2011), da Universidade Federal de Minas Gerais, *apud* Gabriela Luft. Segundo Luft, a Sequetto assistiu aulas de Língua Portuguesa de uma educadora, ela avaliou que os ensinamentos de literatura ficaram mais centradas na historicidade literária depois que a Universidade Federal Minas Gerais aderiu ao Enem. Os alunos, até mesmo a professora, deixaram as obras literárias à margem do aprendizado, já não as liam, pois não havia livros obrigatórios como no antigo vestibular tradicional da Universidade. Pereira (2011) destaca que no início do ano letivo, a professora teve a preocupação de exigir leitura literária dos alunos. Porém, no segundo bimestre, depois do anúncio de a Universidade aderir ao Enem, foi nítida a mudança do plano de aula. A docente preferiu centrar suas aulas de literatura no livro didático, não deu atenção à leitura dos textos literários. Embora os autores dos livros didáticos tentem analisar obras literárias, acaba se tornando um estudo somente de fragmentos, desconsiderando a totalidade dos livros. Diante disso, nesse estudo em particular, mostrou-se evidente a importância de manter a indicação de livros para exames.

No que se refere ao processo de seleção de ingresso à UEPG, o PSS, a professora Rosana Harmuch (2011) constata na listagem das obras um critério cronológico para a escolha delas. O PSS1 (2017) solicita aos alunos a leitura de *Sonetos*, de Luís de Camões e *Antologia poética*, de Gregório de Matos. Já para o PSS para o segundo ano do Ensino Médio, indica *Memórias póstumas de Brás Cubas*, de Machado de Assis e *Eu & outros poemas*, de Augusto dos Anjos. Os alunos do

terceiro ano do médio, participantes do PSS, deveriam ler as obras do vestibular<sup>13</sup>. Em certa medida, a instituição, ao adotar esse critério, está contribuindo para um estudo cronológico das obras literárias<sup>14</sup>.

Levando em consideração que o vestibular é um ditador de estudos e interesses dos alunos do Ensino Médio, por consequência torna-se tema central da preparação das aulas dos docentes. De acordo com Maria da Glória Bordini:

[...] a consequência dessa deturpação, no caso do ensino de literatura, é que este só obtém alguma ênfase quando se torna pré-requisito para atingir o saber científico-tecnológico originalmente visado pela sociedade. Como os concursos vestibulares para ingresso na universidade exigem algum domínio de linguagem e algum conhecimento da tradição literária nacional, as escolas do nível imediatamente inferior tentam habilitar o jovem a vencer as provas – e os alunos as pressionam a cumprirem essa tarefa, desde que não ultrapassem as fronteiras dos programas dos vestibulares (BORDINI *apud* TIUMAN, 2017, p. 34 e 35).

Aqui reside a grande incógnita sobre a literatura, por que os documentos da educação não são suficientes para fazer frente ao ensino pautado na história da literatura, discursarem sobre a relevância formativa do leitor, se há exames que desconsideram totalmente a completude da obra literária. Consequentemente, os cursinhos pré-vestibulares, as aulas, os materiais didáticos continuarão todos direcionados ao propósito de fazer os candidatos serem aprovados nos exames de seleção.

Por isso, por menor que seja, manter uma indicação de obras literárias, representa uma luta para o ensino de literatura, porque como afirmado na dissertação de Camila Sequetto (2011), haverá uma preocupação de solicitar aos alunos a leitura literária.

Nessa direção, essa investigação nos exames, no caso o vestibular da UEPG, objetiva verificar se as questões realmente atendem aos padrões mínimos já

---

<sup>13</sup> O fato de o Processo Seletivo Seriado da Universidade Estadual de Ponta Grossa listar para os alunos do primeiro ano autores dos séculos XVI e XVII, para o segundo ano escritores do XIX e deixar para os alunos do terceiro ano obras mais contemporâneas, é um caráter historiográfico, o mesmo que já existe em alguns materiais didáticos. Estudar a história literatura não é o empecilho, mas como afirma Rosana Harmuch o problema é o como nos apropriamos dela, pois é preciso que o estudo seja centrado no texto literário, não em aspectos históricos. Também nos instiga a compreender a contribuição do exame para o estudo da literatura, pois entendemos que não é necessário estudar literatura somente seguindo a cronologia.

<sup>14</sup> A lista atual das obras literárias para os vestibulares da UEPG são: *Vidas secas*, de Graciliano Ramos; *Obra completa*, de Murilo Rubião; *Vestido de noiva*, de Nelson Rodrigues; *Toda poesia*, de Paulo Leminski e *Quarto de despejo: diário de uma favelada*, de Carolina Maria de Jesus.



explanados nos documentos oficiais e por tantos teóricos, é o apreço ao texto literário como absoluto objeto de estudo. Posto isso, por que, se parte da premissa, existirem concursos vestibulares formulados de maneira que exija dos candidatos uma plenitude no estudo da obra? O efeito nas aulas de Literatura será positivo, pois é preciso bons leitores para compreender e estudar o texto literário. Logo seria possível, empiricamente, a Literatura causar seus resultados, estimulando a compreensão crítica, vivificando experiências e emoções únicas, enfim, desestruturando e construindo o ser constantemente.

## 2.1. ANÁLISE DAS QUESTÕES DA OBRA DE CRISTOVÃO TEZZA, *O FILHO ETERNO*

Para os candidatos responderem as alternativas, era preciso algumas informações, como por exemplo: o romance já foi premiado e conta a história e dramas de um pai/escritor que teve dificuldades de aceitar o seu filho com Síndrome de Down. Ainda se faz necessário saber que o romance tem um narrador em terceira pessoa e que, às vezes, aparece em primeiro. Há alguns fatos mais específicos para saber, tais como, o narrador e o pai são pessoas diferentes no romance. Também é importante saber que esse narrador é irônico, pois ele critica a sociedade que se julga perfeita. Assim, ele condena o sistema pelos maus tratamentos dados aos doentes e necessitados. Em síntese, o resumo da obra já é suficiente para responder as provas.

Além disso, detalhes do menino Felipe são essenciais. Ele é alegre, sociável e gosta de jogar bola. Inclusive, em uma das alternativas, é mencionado um momento marcante e emocionante do enredo. Trata-se da forma brutal como os médicos passaram o diagnóstico aos pais, isso logo depois do nascimento de Felipe. Ainda há revolta do pai, que é algo bastante mencionado. Até mesmo, é narrado que o pai se sentia incomodado de estar com o filho, preferia ficar em casa escrevendo. Houve momentos que ele até se irritou com o menino ao ponto de dar umas palmadas nele. De certo modo, a crítica à sociedade aparece nas alternativas do vestibular ao afirmar que o narrador diz que há uma sociedade com padrões ditos como normais.

O romance foi citado em duas questões das provas de conhecimentos gerais. Uma no vestibular de inverno, questão 06, em que todas as suas alternativas mencionam *O filho eterno*. Outra é questão 07, do vestibular de verão, somente uma alternativa. No vestibular de conhecimentos específicos, o romance *O filho eterno* foi

citado em quatro questões. O de inverno em três questões, num total de nove alternativas. Em uma questão do vestibular de verão, ela contemplou inteiramente o romance de Tezza, nas cinco alternativas.

Assim, inicia-se com a questão número seis da prova de Conhecimentos Gerais do Vestibular de Inverno.

Questão de Literatura na prova de Conhecimentos Gerais do Vestibular de Inverno.

**06**– Com relação aos fragmentos abaixo, retirados do livro *O Filho Eterno*, de Cristovão Tezza, assinale o que for correto.

Fragmento a: "Na esquina, o filho quer pipoca, e o pai recusa, ríspido, puxando-lhe pela mão, está quase na hora do almoço – a criança obedece imediatamente. O Estado, ele pensa. Seu filho só está vivo porque existe o Estado, o monstro abstrato – ao acaso da tribo ou da natureza, o seu filho estaria morto em três dias úteis, inútil. Que era o que o pai desejou, num rompante e num tempo que agora lhe parecem absurdamente longínquos. Na outra esquina, uma criança escura, sem camisa, da idade de Felipe, pedelhes esmola – o filho estende a mão, sorrindo, para cumprimentar o menino, que desta vez não foge, mas olha intrigado aquele ser sorridente que parece um pequeno chinês. O pai lhe dá mecanicamente uma moeda (para que aquela mão suja de terra não toque a mão aberta de seu filho), que a criança recolhe rápida e feliz (...)" (TEZZA, 2008, p.158)

Fragmento b: "A pobreza em torno: deficiência é coisa de pobres, molambentos, miseráveis, retirantes, necessitados, na face daquela exigência crispada de alguma justiça e ao mesmo tempo os olhos que se abaixam a tempo antes que a borduna arrebente-lhes a cabeça, mendigos rastejando nas esquinas, ecos de uma pobreza imortal, de cócoras, reverberando pelos séculos a vergonha de estar vivo. E no entanto aqui estou eu, com meu pequeno leproso no colo, para a delícia imaginária de alguma madre superiora a assomar no átrio do hospital em seu único momento de real felicidade, a vida inteira a se punir, o silício na alma, mas é preciso que ela leve alguém junto para o fogo daquele inferno particular, e a madre superiora sorri, toda de negro na sua pequena morte cotidiana, o falso sorriso, as unhas avançam para o suave carinho na cabeça do bebê, que, incauto, dorme.(...)" (TEZZA, 2008, p.82)

01) Nota-se que possuir um filho chinês e portador de hanseníase numa sociedade mecanicamente perfeita é algo revoltante para qualquer pai.

02) Nota-se que a questão da paternidade está incluída no plano emocional que leva a reflexão a pontos de revolta e rispidez.

04) Observa-se a aversão aos pobres e classes sociais abastadas pelo motivo de serem todos normais enquanto o filho eterno se diferencia única e excepcionalmente pela riqueza material.

FONTE: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA. Gabarito (alternativas 02 e 08).

A questão acima traz dois fragmentos retirados do romance *O Filho Eterno*, de Cristovão Tezza. Desde o início é indicado para o candidato que as alternativas serão pertinentes aos fragmentos apresentados na questão. Os trechos exigem atenção na leitura, pois há um narrador em terceira pessoa que ora narra o presente momento: "Na esquina, o filho quer pipoca, e o pai recusa, ríspido, puxando-lhe pela mão, está quase na hora do almoço – a criança obedece imediatamente. " (Op. cit.),

ora esse narrador se aproxima muito dos pensamentos do pai, revelando-os, “O Estado, ele pensa. Seu filho só está vivo porque existe o Estado, o monstro abstrato – ao acaso da tribo ou da natureza, o seu filho estaria morto em três dias úteis, inútil.” (Op. cit).

Neste primeiro trecho, como exemplificado pela narração, nota-se que, mesmo com a ação da cena, o pai relembra a relação conflituosa que houve quando seu filho Felipe nasceu, pois ele desejou a morte do pequeno. Também recorda que graças ao Estado, seu garoto, com Síndrome de Down, teve cuidados especiais garantindo de forma segura a sua sobrevivência.

No que diz respeito à figura narrativa, Daniel de Oliveira Gomes, no seu artigo publicado na revista *Uniletras*, 2014, intitulado *O filho eterno: A biopolítica e a imagem do anormal*, entende que se trata de um narrador anormal<sup>15</sup>. Ele apresenta, a partir de vários aspectos teóricos, principalmente da teoria de Michel Foucault referente aos anormais, uma reflexão sobre o romance de Cristovão Tezza. Entende-se como narrador anormal, porque, mesmo o romance sendo narrado em terceira pessoa, acredita-se que as experiências do eu, Tezza enquanto pai, escritor, ajudaram a construir a narrativa. Mas, o autor do artigo diz que *O filho eterno* não se encaixa em um gênero de autobiografia, nem muito menos oferece um sentimentalismo. Em outras palavras, a obra desnuda a realidade por um autoral, olhar corajoso, um narrador de terceira pessoa que torna transparentes os fatos, não da perspectiva do eu, mas desse que foi criado pelo narrador.

Para entender o porquê da classificação dada ao narrador, o autor do artigo esclarece que o romance de Cristovão Tezza pode ser uma variante de autoficção.

Não é apenas o caso de um autor que, de súbito, se autoanalisa por intermédio da palavra/escritura (pressuposto psicanalítico), mas sim o caso de uma escrita que eternamente alude a si mesma, como processo de composição de verdades, e que desconfia da autenticidade de um resgate da experiência pelo relato. (GOMES, 2014, p. 164)

Por este motivo, o autor reafirma o romance como uma biografia anômala, uma autoficção. Já que a narrativa mostra um narrador em terceira pessoa, mesmo

---

<sup>15</sup> Daniel de Oliveira Gomes afirma que essa abordagem está correlacionada ao conceito de poder sobre o anormal, estudo de Michel Foucault, desenvolvido no livro *Os anormais*.

se apossando da visão e experiências de Tezza, que deixa o leitor desconfiar do que está sendo recontado.

Ainda do que se discutiu sobre a lembrança do narrador ao citar que Felipe estava vivo por causa do Estado, ideia exposta no primeiro fragmento da prova, Gomes diz que:

Logo, a culpa se mescla com uma revolta ingênua contra “o Estado”. Imediatamente, o protagonista sai da condição de pai que atende ao filho para assumir a condição do delirante trágico, uma vez mais. Esta condição de delirante trágico associa-se à juvenil imagem anormal que ele cultivou desde antes de sua adolescência rebelde. Para o pai, o tiro sempre sai pela culatra. Contendo a revolta e o narcisismo como combustíveis, o pai reincide no inconsciente e cruel desejo de morte do filho. (GOMES, 2014, p.158)

Segundo o autor, o narrador retoma lembranças, essas cada vez mais contínuas, como um reconhecimento de suas falhas. Ele sai do momento presente para realçar que, quiçá, estivesse pagando por algum erro passado. A passagem cita o narcisismo paterno. Gomes (2014) expõe que o pai demonstra interesse de narrar somente acontecimentos que envolvam a sua vida. Essa atitude o configura como alguém egoísta e, para o pai, o que importa não é a anormalidade do filho, mas como ele enfrentará, se possível, a aceitação do filho.

Retorna-se o discurso da questão 06, trecho A. Ele narra o momento em que o pai está caminhando com seu filho e passa por uma esquina, o menino quer pipoca, ele puxa o braço com força para mostrar que não irá comprá-la, já que está na hora do almoço. Ainda do outro lado da esquina há um garoto de rua, o pai dá uma moeda ao moleque para ele não tocar a mão de Felipe. Isto posto, o menor abandonado olha curioso para o menino Felipe, achando-o parecido com um chinês, por causa dos olhos puxadinhos.

Já no fragmento B, é possível observar somente uma voz narrando que é o pai, percebe-se a partir do trecho: “E, no entanto, aqui estou eu, com meu pequeno leproso no colo, para a delícia imaginária de alguma mãe superiora a assomar no átrio do hospital em seu único momento de real felicidade” (TEZZA, 2015, p.82). O candidato também terá que entender o tom irônico, assim como o convite à reflexão sobre a situação dele e dos demais que estão sendo observados e lembrados naquele instante. O leitor do romance sabe que a passagem citada na prova se refere ao momento em que o pai está com sua família em uma clínica, distante do centro, procurando por um programa completo de estimulação precoce para crianças com

Síndrome de Down. “A clínica fica num morro, rodeada de verde – anos depois ainda lembrará nitidamente aquele prédio de linhas azuis, imponente como um colégio velho” (TEZZA, 2015, p.81). Entende-se que as pessoas que procuravam essa clínica não tinham muitos recursos.

Ainda no trecho B, nota-se que o pai faz uma reflexão sobre o que está ao redor da pobreza, ele cita os deficientes físicos e demais necessitados que, incondicionalmente, vivem essa miséria por séculos. Essa míngua que não tem fim simplesmente vai se repetindo e as pessoas já cansadas, habituadas a serem humilhadas e maltratadas, baixam suas cabeças e seus olhares, indicando isso como uma ação comum. Para aqueles que, em algum momento tentem reclamar da situação lamentável em que se encontram, desanimam frente às dificuldades e antes que eles vivenciem novas humilhações, aceitam a condição miserável em que se encontram. “A pobreza em torno: deficiência é coisa de pobres, molambentos, miseráveis, retirantes, necessitados, na face daquela exigência crispada de alguma justiça e ao mesmo tempo os olhos que se abaixam a tempo antes que a borduna arrebente-lhes a cabeça [...]” (TEZZA, 2015, p.82). Ainda no trecho, o narrador se inclui nessa miserabilidade e, sarcasticamente, pensa numa figura, que seria uma madre superiora. Destaca-se que a descrição da freira é um dado importante, pois ajudará ao aluno na hora de resolver a questão. Ela ficaria na entrada do hospital a esperar por todos que de alguma maneira procurariam o local por motivos não muito bons, seria por falta de saúde ou por necessitar de cuidados especiais. A descrição da freira é feita tanto da parte exterior quanto do interior. Ela está inteira de negro, sugerindo algo mais sombrio. Ela sorri de forma superficial e faria um carinho na cabeça do filho, Felipe. O narrador define a madre como uma pessoa infeliz e que morre diariamente. É possível assimilar sua figura como alguém maquiavélico, incapaz de fazer carinho com os dedos, pois seriam as garras que primeiramente tocariam a cabeça das crianças. “[...] mas é preciso que ela leve alguém junto para o fogo daquele inferno particular, e a madre superiora sorri, toda de negro na sua pequena morte cotidiana, o falso sorriso, as unhas avançam para o suave carinho na cabeça do bebê, que, incauto, dorme” (TEZZA, 2015, p.82).

Para compreender as alternativas, como já informado no comando da questão, basta uma leitura atenta dos trechos apresentados. A alternativa 01 afirma que o filho é chinês e portador de hanseníase. Para o candidato não assinalar, só a leitura do trecho exposto na prova já é suficiente, pois o candidato deve ter observado

na narração da passagem que havia do outro lado da esquina um garoto de rua e esse menino olhou para Felipe, achando-o parecido com um pequeno chinês. “[...] o filho estende a mão, sorrindo, para cumprimentar o menino, que desta vez não foge, mas olha intrigado aquele ser sorridente que parece um pequeno chinês” (TEZZA, 2015, p.158). Referente à afirmação de que Felipe tem hanseníase, se o candidato tiver conhecimento que essa é uma doença também conhecida como lepra, entenderá o tom irônico do narrador. Pois ele, no trecho, menciona que está com seu pequeno leproso no colo. “E, no entanto, aqui estou eu, com meu pequeno leproso no colo” (TEZZA, 2015, p.82). Também, na mesma alternativa, é mencionada uma sociedade mecanicamente perfeita. Essa ironia é derrubada na leitura do fragmento b ao ser narrada a pobreza, pois aponta a deficiência como algo comum entre os miseráveis. “A pobreza em torno: deficiência é coisa de pobres, molambentos, miseráveis, retirantes, necessitados [...]” (TEZZA, 2015, p.82). Assim, para resolver a alternativa 01 não foi preciso o aluno ler a obra literária.

A alternativa número 04 é facilmente descartada, pois há uma afirmação de que o pai tem aversão aos pobres e classes sociais mais ricas, porque eles são considerados normais. Logo em seguida, cita que a única diferença do menino que é pela sua riqueza material. Mais uma vez uma leitura atenta do fragmento B revela a resposta. Nota-se no trecho que o narrador se inclui aos pobres e ainda afirma que está com seu pequeno leproso nas mãos. Essa menção à lepra marca a maneira como o personagem pensa que todos veem o filho dele: como portador de algo contagioso e socialmente estigmatizado. Assim, para a resolução da alternativa, não foi preciso ler o livro de Tezza.

Já a alternativa 02 estabelece um discurso em que o pai está em um plano de sentimentalismo e isso o leva à revolta e rispidez. Nota-se que mesmo com uma leitura superficial e, desta vez, somente do fragmento, já é possível perceber esses pontos citados. Comprova-se a começar com a primeira passagem. Nela é narrado o momento em que o pai está agitado, mostrando-se mais rude ao puxar a mão da criança ou até mesmo por não querer que o menino da rua toque na mão do seu filho. Assim como relembra a época em que desejou a morte do filho. Logo, somente com o fragmento já é possível o candidato saber que a alternativa está correta.

No entanto, ao desdobrar a alternativa 02, é possível refletir sobre a sistematização da sociedade, essa que leva o pai à revolta extrema. Ela impõe uma classificação entre pessoas normais e anormais. Como se sustenta a ideia que o pai

sente vergonha da anormalidade do filho, ele sempre está relembando-a e se ressentindo por ela. Nesse aspecto, mesmo que Felipe se socialize com outros, para o protagonista, pai do Felipe, o menino sempre será o diferente, até mesmo porque, para o pai, a criança jamais alcançará um cognitivo normal como os demais<sup>16</sup>.

O discurso de Daniel de Oliveira relembra que:

O livro trabalha não apenas o tema das preocupações paternas com um filho anormal, mas tange o tema da inadequação deste pai com relação às preocupações biopolíticas da própria sociedade, ou seja, as preocupações de governabilidade indireta que, por meio da gestão da saúde mental e física, vai planejando e modelando a vida da população. Acredito que Tezza proporciona uma crítica ontológica às classes escolares ditas “inclusivas”, operantes em um dispositivo prometeísta que, no fundo, continua a obrar a educação no velho olhar de incluir para distinguir. (GOMES, 2014, p. 155)

Nesse ponto, o autor do artigo revela que o romance vai muito além do que mostrar um pai com filho anormal. Segundo ele, a obra também discute a dificuldade das práticas inclusivas na sociedade. Para isso, o artigo de Daniel de Oliveira Gomes relembra que há um intuito, por parte do romance, de denunciar os controles e construções hipócritas da uniformização da figura do anormal na sociedade. Em seguida, o autor do artigo aponta a escola como uma máquina de governamentalização para produzir controle na sociedade.

Dentro desse contexto, há questão doze, alternativa 04, Prova Vocacionada, Vestibular de Inverno.

Questão de Literatura na prova vocacionada de inverno 2017

**12**– Assinale o que for correto.

04) Tezza, em *O Filho Eterno*, tece críticas contundentes, por meio da Literatura, aos padrões de comportamento normais de uma sociedade onde, no fundo, as crianças “bem-educadas”, por assim dizer, são as crianças que melhor se adaptam a uma lógica produtivista.

FONTE: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA. Gabarito (alternativas 04 e 16).

Ela afirma que a obra faz uma crítica à sociedade que se julga perfeita, assim como diz que as crianças consideradas bem-educadas são as que mais se ajustam

---

<sup>16</sup> A relação de classificação da sociedade ser dividida pelo seu nível cognitivo foi amplamente discutida por Daniel de Oliveira Gomes. Ele, apoiado em Veiga-Neto (2001), remete-se ao sistema educacional ao mencionar a dificuldade de ensinar em classes inclusivas. Pois, nelas são misturados todos os níveis cognitivos, classificados como normais e anormais. Ele explica que já perdura a lógica de dividir, seja por classes sociais, gêneros, entre outros. E isso colabora para a ação normativa de separar as pessoas, pleitear uma distinção entre elas.

ao ciclo de uma logística produtivista. A declaração da alternativa instiga o candidato a assinalá-la, porque retoma um discurso conhecido, exatamente o fato de a literatura provocar reflexões sobre temas trazidos pelas leituras. Também, ressalta-se que apenas uma leitura do resumo da obra já instigaria o candidato a marcá-la. O resumo informaria que a obra apresenta a história de um pai que tem um filho com Síndrome de Down. Aqui, o candidato já perceberia que há motivos suficientes para a obra apresentar críticas a uma sociedade com padrões ditos como normais. Portanto, a alternativa não exige do aluno interpretação e leitura da obra literária já que pode respondê-la só com ajuda de resumos.

Referente aos padrões ditos como anormais, como já explicitado, acredita-se mesmo que o ambiente escolar contribua para o controle da sociedade, recorda-se da diretora da escola que tenta convencer o pai do menino a transferi-lo para outro estabelecimento escolar. Ela alegava que já havia ficado com o garoto por bastante tempo, a escola já não poderia oferecer mais nada a ele e seria necessário outro local para Felipe estudar. O discurso da diretora demonstra o desejo de se livrar do que era considerado um problema, em outras palavras o anormal não é tão fácil de dominar.

Daniel de Oliveira escreve:

Na narrativa, as buscas de inclusão nas “escolas normais”, tanto quanto as buscas terapêuticas ou inclusivas em classes especializadas, sempre são frustrantes, afinal não passam daquilo mesmo que opera no discurso narrativo: toda tentativa de inclusão pura do anormal reincide na exclusão, no transbordamento da diferença. (GOMES, 2014, p.156)

Assim, diante do fato de que as diferenças são muito expressivas, a diretora não conseguiu transformá-lo e, para ela, os obstáculos e emoções de Felipe não importavam, o sentimento era que já havia feito o bastante. Observa-se, então, que novamente a ação de ir buscar a inclusão repete a exclusão. Sendo assim, o discurso criado pela sociedade de incluir é uma ideia falida, evidencia-se já no tratamento da saúde mental e se estende à escola.

Questão de Literatura na prova vocacionada de inverno 2017

**13**– Sobre as obras de Cristovão Tezza e Manoel de Barros, assinale o que for correto.

08) A depressão, a tristeza e a falta de capacidade de imitação dos gestos sociais são características intrínsecas do personagem Felipe, de *O Filho Eterno*.

FONTE: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA. Gabarito (alternativas 01,02 e 04).



Em seguida, a alternativa 08, questão treze, Prova Vocacionada de Inverno, diz que o menino Felipe é incapaz de imitar gestos sociais, assim como ele é triste e depressivo. Nesse caso, imagina-se um candidato que não leu a obra integralmente, mesmo com conhecimento limitado do enredo, ele consegue responder à alternativa. Sabe-se que Felipe tem Síndrome de Down e isso nada o impediria de se socializar normalmente e exercer um papel de comunicação com seus colegas. Exemplo disso é um relato de pesquisa publicado na Revista Brasileira de Educação Especial. Nele, pesquisadores observaram dois grupos, seis crianças com Down, chamada de grupo de estudo, e outras seis crianças com desenvolvimento típico da idade, grupo comparado. A observação comprovou que o grupo de estudo apresentou características de interação social semelhante ao grupo de estudo comparado. A pesquisa evidenciou que a pessoa com Down consegue relacionar-se normalmente com os demais.

Questão de Literatura na prova vocacionada de verão 2017

**13**– A respeito da obra *O filho eterno*, de Cristóvão Tezza, assinale o que for correto.

02) O futebol transforma-se num poderoso estímulo para Felipe, que tem síndrome de Down. Por exemplo, promove certa socialização. Quando chega uma visita, Felipe pergunta qual é seu time e vai à sua coleção de camisas para vestir a do time do visitante. Mas, feita a diplomacia, ele volta à sala com a camisa do seu clube, o Atlético Paranaense.

FONTE: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA. Gabarito (alternativas 01, 02 e 08).

Nessa mesma perspectiva, há a questão treze, desta vez do Vestibular de Verão, Prova Vocacionada, número 02. Ela afirma que Felipe, por meio do futebol se socializa. Ela também cita que o menino mostra aos visitantes sua camisa do clube Atlético Paranaense. A ideia de ligar o futebol para socializar o garoto, facilita para o candidato responder a alternativa.

Além das alternativas, o assunto tratado por elas retoma a ideia da socialização de Felipe. O menino, apesar do baixo nível cognitivo, está incluído em uma classificação dentro da sociedade, a de torcedores. No entanto, o protagonista insiste em evidenciar a anormalidade do menino. No íntimo do pai, ele sente vergonha do garoto, porque jamais se encaixará nos padrões impostos como normais na sociedade.

Questão de Literatura na prova vocacionada de inverno 2017

**15**– "(...)Condenável no cotidiano, a crueldade pode ser uma virtude literária. Ela é a grande qualidade em *O Filho Eterno*". Pensando nestas palavras

críticas de Jerônimo Teixeira que falam da crueldade no romance de Tezza, assinale o que for correto, em momentos desta narrativa.

01) O pai é colocado como um jovem guru altruísta e compreensivo que, diante de um filho escritor de sucesso, apesar de autista, também se vê sob a crueldade do ofício de retratar o mundo.

02) Em certos momentos da narrativa, também é utilizado o artifício de comparações cruéis e do humor negro, como quando se descreve o ritual de dois médicos que diagnosticam Felipe. Estes, militarmente, entram como sacerdotes que em outros tempos poderiam sacrificar uma criança com mongolismo.

04) Em certos momentos da narrativa, o pai demonstra que preferiria estar em casa a escrever seus livros do que estar com os problemas pragmáticos próprios do pai de um filho anormal.

08) Para o pai, em muitos momentos da narrativa, o filho é cruelmente encarado como um "intruso" em sua vida.

16) Em certo momento da narrativa de Tezza, o pai é violento e bate no filho indócil "uma, duas, três, quatro vezes", o filho que buzinava ininterruptamente.

FONTE: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA. Gabarito (alternativas 02,04,08 e 16).

Prossegue-se o estudo com a questão quinze, Prova Vocacionada, Vestibular de Inverno. O elaborador traz no enunciado a opinião de um crítico, Jerônimo Teixeira, que diz ser a crueldade uma virtude literária.

Nesta mesma vertente, o artigo de Daniel de Oliveira Gomes cita a fala de Tezza. Nele é dito que o autor ao se transformar em personagem pode bater em si mesmo. Entende-se que a ideia de crueldade vai além, pois o narrador revela os mais íntimos e sinceros sentimentos de um pai revoltado com a anormalidade<sup>17</sup> do menino. Levando-se em consideração a interpretação de Gomes, observa-se:

Na contracapa do livro, a explanação do crítico Jerônimo Teixeira propõe a "crueldade" como a grande qualidade do livro. Realmente, o personagem principal do romance traz um narcisismo quase tirânico, quando, por exemplo, ao não aceitar o filho anormal, naturalmente imagina sua morte. (GOMES, 2014, p.154)

O autor acredita que um ponto de acerto no romance foi a escolha de um narrador de terceira pessoa. Ele é extremamente impiedoso com o filho e, a partir dessa figura cruel, que o autor consegue uma produtividade literária. Nas palavras do estudioso, o protagonista é um tirânico, um narcisista perverso, ao ponto de não aceitar seu próprio filho, por causa da sua anormalidade.

---

<sup>17</sup> Recordar-se que a ideia de anormalidade escrita não se encaixa exatamente dentro dos padrões normais prescritos pela sociedade.

Ao retornar ao que foi pedida na questão 15, para assinalar momentos do enredo que demarcam crueldade, observa-se que os enunciados das alternativas apontam com transparência quais delas poderiam ser assinaladas.

A alternativa 01 expõe ao ridículo, pois diz que o pai é guru altruísta e o filho escritor de sucesso. A questão cita que a crueldade é porque o filho, mesmo autista, retrata sua profissão ao mundo. Ela nem ao menos é direcionada aos leitores de resumos da *web*, pois suas afirmações são absurdas e nada se assemelham à obra.

Ainda na questão quinze, número 02, ela menciona que também houve o momento em que os médicos revelam aos pais que Felipe tem Síndrome de Down. É importante lembrar de que essa passagem do romance não é somente sobre a postura dos médicos, mas marca a ruptura de um momento em que havia pessoas felizes, de um pai aparentemente alegre com a chegada do bebê. Ao retornar a passagem do romance, recordar-se que o próprio narrador, ao descrever que os médicos estavam carrancudos demais para o momento, quebra todas as expectativas de recém-pais. Assim, a enunciação deste momento, a forma atroz dos médicos requer do leitor um entendimento da narração, para compreender que ali, delinea-se a narração perfeita, transparente do momento, a chamada virtude literária citada por Jerônimo Teixeira. E para a resolução da alternativa, o próprio enunciado já incita o candidato a marcá-la como correta.

Segue-se com a explanação da alternativa 04, ela afirma que o pai preferia escrever os seus livros a enfrentar os problemas típicos de um genitor de uma criança anormal. A afirmação feita na alternativa dá a entender uma atitude cruel. A alternativa não expõe quais seriam esses problemas que o pai enfrentava, nem muito menos o que seria uma criança anormal, simplesmente minimiza o assunto. Acredita-se que seria uma boa oportunidade de discorrer sobre esses dois assuntos de uma maneira respeitosa e explorar o que seria essa anormalidade<sup>18</sup>.

A alternativa 08, assim como a dezesseis da mesma questão, menciona instantes que podem ser identificados como cruéis. O primeiro diz que o filho é visto como um intruso na vida do pai, isso já identifica a alternativa como correta. Nesse estudo já foram explicitadas as características do narrador/pai do romance, ele apresenta traços fortes de puro egoísmo. Esse aspecto apaga qualquer ponto de

---

<sup>18</sup> Muito embora não seja objetivo deste estudo propor alternativas para o vestibular, mas se entende que muitos assuntos polêmicos das obras são depreciados.

sentimentalismo existente entre ambos, pois o protagonista se põe no centro, o filho passa a ser mais um problema que o pai tem que enfrentar na vida.

A alternativa 16 expõe um momento em que o pai bate no filho, a ação já exhibe uma perversidade praticada pelo genitor. Arrisca-se a dizer que as próprias alternativas já impulsionam o candidato a assinalá-las, porque descrevem momentos bárbaros, assim como foi solicitado no comando da questão quinze. Dessa maneira, para respondê-las, não foi preciso ler a obra de Cristovão Tezza.

Ainda é preciso pensar se essa questão contribui com o ensino de literatura, pois a função do candidato seria simplesmente demarcar momentos cruéis, como solicitado no comando da questão. Pensa-se que ela é insuficiente para o pensamento proposto por Jerônimo Teixeira, pois ele se referia à riqueza da narração, muito além de identificar momentos cruéis.

Questão de Literatura na prova de Conhecimentos Gerais do Vestibular de Inverno.

**06**– Com relação aos fragmentos abaixo, retirados do livro *O Filho Eterno*, de Cristovão Tezza, assinale o que for correto.

08) Transcorre, nos ajuízares revoltados do narrador, certo tom de crueldade, desde a relação conflituosa com o próprio sistema social que trata dos anormais e os indigentes em sociedade.

FONTE: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA. Gabarito (alternativas 02 e 08).

A crueldade foi tema central da alternativa número 08, questão 06, prova de Conhecimentos Gerais, Vestibular de Inverno. Ela afirma que há um narrador revoltado com o tratamento desordeiro dado aos anormais e indigentes na sociedade. Isso pode ser identificado como um dos temas centrais da problemática apresentada no romance. Para isso, o candidato precisa identificar que há no romance um narrador que emite juízo de valor perante algumas situações. Mesmo considerando o enunciado da alternativa importante para a compreensão da obra, nota-se que é possível o aluno marcá-la sem ter lido o romance. No entanto, corre-se o risco de o aluno fazer uma interpretação de senso comum e correlacionar Felipe aos anormais e assinalar a alternativa. Apesar de o tema ser relevante para a compreensão do aluno, questiona-se se essa forma, como repassado para o candidato, contribui para o ensino da literatura, qual a interpretação da obra o aluno precisou para marcar essa questão. Novamente, entende-se que seria mais interessante o aluno ter no mínimo um trecho do romance para a leitura e dele partir para o entendimento total da obra.

Questão de Literatura na prova vocacionada de inverno 2017

**13**– Sobre as obras de Cristovão Tezza e Manoel de Barros, assinale o que for correto.

04) Dois problemas que levam o protagonista pai aos seus limites, na narrativa *O Filho Eterno*, são: o "filho problema" e a "literatura problema". Observe-se esta frase: "Eu não posso ser destruído pela Literatura; eu também não posso ser destruído pelo meu filho – eu tenho um limite: fazer bem feito, o que posso e sei fazer, na minha medida".

Na questão se diz que no romance há dois grandes problemas para o pai, um é o filho e o outro a literatura. Em seguida, expõe passagens do romance para exemplificar o que foi dito. A utilização de trechos do livro na prova é sempre instigante, de preferência que fossem passagens maiores. Entretanto, o elaborador precisa ser cuidadoso para que não correr o risco de ser avaliada a leitura, em vez da interpretação integral da obra. A alternativa ainda mostra uma interpretação fechada da obra de Tezza, apontando somente o filho e a literatura como únicos causadores de situações extremas em que o pai se encontrava em alguns momentos. No entanto, defende-se que o romance mereceria alternativas melhor elaboradas, para que não reduzir as problemáticas do romance, isto é, para não minimizar assuntos importantes. Em vista disso, o candidato usa do poder de inferência para responder a alternativa e, mais uma vez, não há necessidade de leitura da obra integralmente.

A seguir, as demais alternativas citadas compartilham da mesma ideia. Elas remetem a informações rasas do romance *O filho eterno*, o que difere são algumas informações acrescentadas em uma ou outra alternativa.

Questão de Literatura na prova de conhecimentos gerais de verão 2017

**07**– Assinale o que for correto.

01) *O filho eterno*, de Cristovão Tezza, é um romance brasileiro contemporâneo, que já ganhou vários prêmios importantes. A narrativa aborda o problemático desenvolvimento das relações entre o pai, escritor e professor que se debate com seus dramas pessoais, e seu filho Felipe, que nasceu com síndrome de Down.

FONTE: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA. Gabarito (alternativas 01, 02 e 08).

Para o aluno responder a alternativa, basta ele ter informações básicas do romance, como por exemplo, é uma obra contemporânea e narra a relação conflituosa do pai, escritor e professor, com seu filho Felipe que tem Síndrome de Down. Essa questão contempla o candidato que não leu romance, porque apesar de ela trazer dados considerados gerais da obra, ela nada acrescenta ao ensino reflexivo da

literatura. Em suma, ela só reforça a ideia que não é preciso ler a obra para responder as questões.

Questão de Literatura na prova vocacionada de verão 2017

**13**– A respeito da obra *O filho eterno*, de Cristovão Tezza, assinale o que for correto.

01) Trata-se de um premiadíssimo romance brasileiro contemporâneo. Embora com fortes traços autobiográficos, a história é contada por um narrador de terceira pessoa, à voz do qual se mescla, frequentemente, uma voz de primeira pessoa, ou seja, a voz do pai, que é escritor e professor, e cujo filho Felipe nasceu com síndrome de Down.

04) Classificado como romance, ou seja, como obra de ficção, na verdade este livro é um puro relato autobiográfico em que Cristovão Tezza só narra fatos verídicos de sua vida. Ele realmente foi professor universitário e é autor de romances citados neste livro, tais como: *Ensaio da Paixão* e *Trapo*. E é pai, na vida real, de um filho com síndrome de Down.

08) Podemos identificar neste romance três protagonistas, cujas histórias se entrelaçam: o pai, vivendo fortes crises relacionadas com o desejo de ser escritor e a necessidade de sobrevivência; o filho Felipe, com síndrome de Down, e a difícil evolução desta delicada relação pai-filho; e o Brasil dos anos de 1970-1980, com suas crises políticas, sociais, econômicas e culturais.

16) Quando o pai-narrador (que é escritor) fica sabendo que seu filho Felipe tem síndrome de Down e começa a correr atrás de informações e especialistas para entender melhor a situação e saber o que fazer, ele confessa que desde então já lhe nasce a ideia e o desejo de escrever sobre o assunto.

FONTE: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA. Gabarito (alternativas 01, 02 e 08).

A alternativa 01, questão treze, da Prova Vocacionada, Vestibular de Verão, solicita ao aluno que ele saiba novamente que o romance foi premiado e adiciona que a obra tem traços autobiográficos. Em certa medida, mesmo com informações costumeiras sobre o romance, a alternativa estimula a discussão nas aulas de literatura sobre os tipos de narradores, pois é mencionado que a obra tem um narrador em terceira pessoa que ora se mistura com um narrador de primeira pessoa. Se porventura, os alunos e professores se voltassem para um estudo nesse assunto, eles poderiam compreender melhor a obra de Tezza.

No entanto, deve-se frisar que a própria alternativa já dá inferências que ela está correta. Isso anula a necessidade da leitura integral da obra. Considera-se que se candidato que não tenha lido o romance, porém ele buscou aspectos básicos sobre do romance, o vestibulando saberá que é uma obra premiada e no enredo há um menino chamado Felipe com Síndrome de Down. Pondera-se que, nessa questão, se fossem retiradas essas relações tão genéricas e o elaborador deixasse somente o trecho que cita os narradores, faria o aluno refletir sobre o romance.

Ainda na mesma questão treze, número 04, há informações verídicas sobre a vida do Cristovão Tezza, como por exemplo, ele é escritor, tem um filho com Síndrome de Down e escreveu *Trapo e Ensaio da paixão*. A parte inicial da alternativa afirma que o romance é um puro relato autobiográfico. Entende-se que o candidato deve saber que o livro de Tezza tem traços autobiográficos, mas não se trata de um gênero autobiográfico. Para os alunos não assinalarem essa alternativa, é preciso ter um conhecimento que vai além de resumos da *web*, pois em sua grande maioria, as sínteses disponibilizadas apresentam a obra como autobiográfica. O artigo, escrito pelo jornalista Christian Schwartz, discute essa relação de o romance pertencer ou não ao gênero autobiográfico.

Na literatura, dada a impossibilidade essencial de autor biográfico e narrador (este entendido genericamente como qualquer conjunto de formas sintático-semânticas que criam a voz unitária de um objeto textual) serem as mesmas entidades, é preciso estabelecer diferenças. Ou, mais precisamente, graus de distância entre um e outro. Não é uma tarefa simples ou fácil', escreveu com didatismo o, aliás, ex-professor Tezza, em ensaio de 2008. Ainda sobre a distinção entre a biografia como tal e a ficção propriamente dita, arrematava: 'Já na biografia [...] o elemento factual, a realidade, a verdade, qualquer nome que se dê à intenção inalienável de representar fielmente os fatos do mundo concreto é de fato o seu eixo regulador absoluto. Na biografia, autor e narrador coincidem ao estabelecer o elemento factual como o centro do texto. (SCHWARTZ, 2012, s.p.)

Para o autor, é evidente que há coincidências entre a vida real e fatos narrados no romance de Tezza, mas não há uma unificação entre esses elementos. O artigo apresenta o comentário de Cristóvão Tezza afirmando que seu livro é mais confessional do que autobiográfico. Segundo a explicação dele, na literatura não é possível um narrador e um autor biográfico terem a mesma voz, para isso acontecer seria necessário estabelecer diferenças ou graus de distanciamento entre ambos. Isso não acontece no *O filho eterno*, pois o pai de Felipe nem ao menos é nomeado, para identificá-lo aparece somente o pronome ele.

Adiante, na mesma questão, a alternativa 08, é priorizado que o vestibulando saiba identificar três protagonistas no romance: o pai/escritor, o filho Felipe e o Brasil dos anos 70 e 80. Esse é um exemplo de uma alternativa de prova vocacionada que simplesmente faz o aluno elementos do romance. Mesmo que eles sejam dados fundamentais para conhecer a obra, identificá-los é o suficiente para o estudo da literatura? Será que na prova esses protagonistas citados só têm destaque por causa do pai?

A última questão é a número dezesseis. Ela menciona que desde o nascimento do filho, o pai confessa que irá escrever um livro sobre seu garoto. É necessário que o candidato recorde a situação do nascimento do menino Felipe para não assinalar essa alternativa. Sabe-se que o pai viveu momentos revoltosos, porque ele não aceitava um filho com Síndrome de Down. Para o aluno que leu a obra, saberá facilmente que foi preciso tempo e amadurecimento para o pai saber encarar a nova situação. Para o ensino de literatura, é como se estimulasse o aluno a lembrar somente do enredo, como não se fosse preciso o aluno pensar o que levou esse pai a não aceitar, tão rapidamente, a paternidade de um menino com Down.

Comprova-se que as alternativas 04, 08 e dezesseis se amparam em resumos superficiais da obra. Elas abordam a vida do autor, personagens e enredo. No entanto, em nenhuma delas era preciso ler integralmente o romance de Cristovão Tezza.

Questão de Literatura na prova vocacionada de inverno 2017

**13**– Sobre as obras de Cristovão Tezza e Manoel de Barros, assinale o que for correto.

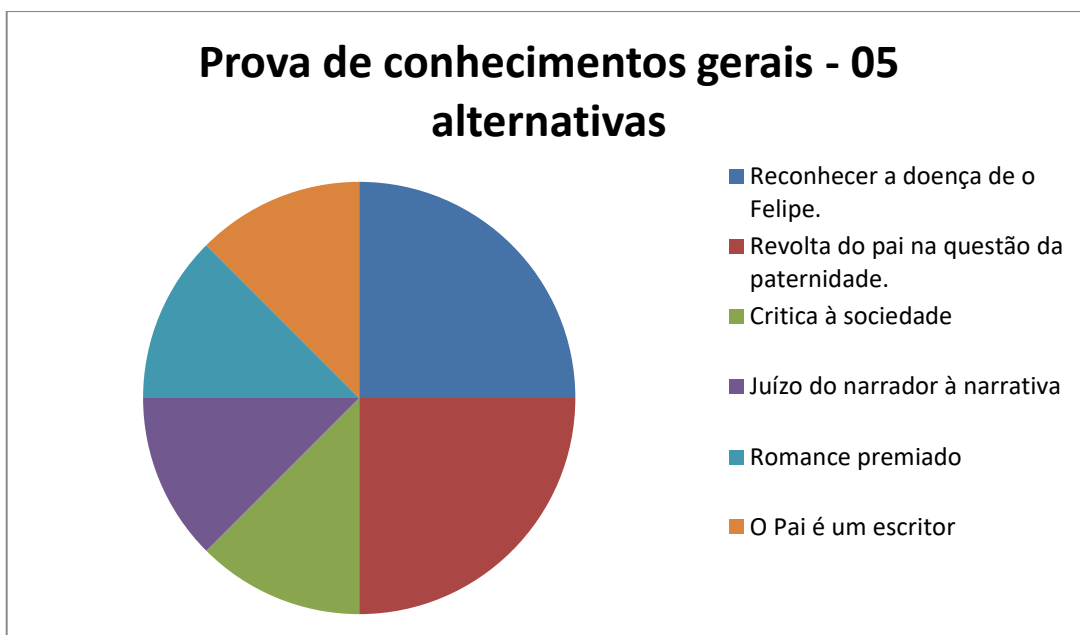
16) Em certo momento do romance *O Filho Eterno*, o narrador chama um fonoaudiólogo do filho de "cretino topográfico", posto que não o diagnosticasse corretamente. A história clínica de Felipe e o seu diagnóstico de anormalidade é algo que os médicos procrastinam, devido à raridade do caso.

Acredita-se que o intuito da alternativa é que o candidato se lembre do enredo. Nela se afirma que o narrador chama o fonoaudiólogo do filho de cretino topográfico, mas, na verdade, essa expressão foi utilizada pelo narrador para se referir à dificuldade do pai em se localizar topograficamente. Esse é um momento em que o pai está apreensivo, porque está procurando o filho que saiu de casa sozinho e o desespero do pai é agravado, porque ele não consegue se localizar. Há mais uma afirmação, que o diagnóstico de Felipe foi adiado por causa de ser um caso raro, o que não se confirma na obra, já que a síndrome de Down é identificada logo no início do romance.

Abaixo segue um gráfico explicitando o que foi solicitado nas provas de conhecimentos gerais e específicos. Ainda pode acontecer que na mesma alternativa tenha sido citado mais do que um assunto lista.



Gráfico 1 - Prova de Conhecimentos Gerais - Romance O filho eterno, de Cristovão Tezza.



Fonte: A autora.

Gráfico 2 - Prova de conhecimentos específicos.



Fonte: A Autora

## 2.2 ANÁLISE DAS QUESTÕES DA OBRA DE CAIO FERNANDO ABREU, O OVO APUNHALADO

Para o aluno responder as questões da obra *O ovo apunhalado* de Caio Fernando Abreu é preciso ele saber quem é o autor da obra e ano da publicação do livro. Ainda ajudará se ele souber que os contos estão divididos em três seções. Também foi solicitado aos alunos que eles saibam quais contos têm ou não epígrafes. Assim como eles devem reconhecer qual tendência a obra de Abreu se relaciona. Além disso, os alunos que conseguissem se lembrar de algumas frases de enredos, também teriam facilidade para responder as alternativas.

Para a prova vocacionada foram solicitadas as seguintes informações aos alunos, eles deveriam reconhecer que o livro de Caio Fernando Abreu foi escrito nos anos 70, época da ditadura militar no Brasil. E, que essa época foi causadora de aspectos que interferiram na vida e obra do autor. Entre o que foi solicitado nas alternativas, encontravam-se quais artistas influenciaram o contista, gênero da obra, comparações dele com outros artistas. Também foi exigido na resolução das alternativas que os candidatos soubessem o resumo de alguns contos. Algo notável foi a preocupação dos elaboradores em contemplarem uma quantidade considerável de contos, dos 21 foram citados mais da metade. São eles: *Uma veste provavelmente azul*; *Para uma avenca partindo*; *Visita, Sarau*; *O afogado*; *Cavalo branco no escuro*; *Noções de Irene*; *A margarida enlata*; *Gravata*; *Nos poços*; *Oásis* e *O ovo apunhalado*.

Nas provas de conhecimentos gerais a obra de Caio foi citada somente em uma questão, uma alternativa. Nas provas vocacionadas fez-se referência ao autor ou obra em três questões, totalizando onze alternativas.

A primeira alternativa analisada é o número 01, questão sete da prova de Conhecimentos Gerais do Vestibular de Inverno. O objetivo dela é que o aluno tenha conhecimento do enredo, porque cita passagens explícitas do conto.

Questão de Literatura na prova de Conhecimentos Gerais do Vestibular de Inverno.

**07**– Especificamente sobre os contos de *O Ovo Apunhalado*, de Caio Fernando Abreu, assinale o que for correto.

01) O narrador do conto "*Uma veste provavelmente azul*" que carecia de "uma longa veste" estava "sem nenhum plano imediato" quando viu dois homenzinhos verdes correndo sobre o tapete.

FONTE: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA. Gabarito (alternativas 01, 02 e 04).

A alternativa simplifica o conto, como se o aluno não precisasse fazer uma leitura mais apurada dele. O conto *Uma veste provavelmente azul*, há homenzinhos verdes e é perceptível que eles se sentem ameaçados e reprimidos pela mão ameaçadora do narrador. Essa repressão também foi se prologando por anos e anos.

Não foi difícil subjugar-los e obrigá-los a tecerem para mim. Trouxeram suas famílias e levaram milênios nesse trabalho. Catástrofes incríveis: emaranhavam-se nos fios, sufocavam no meio do pano, as agulhas os apunhalavam. Inúmeras gerações se sucederam. Nascendo, tecendo e morrendo. Enquanto isso, minha mão direita pousava ameaçadora sobre suas cabeças. (ABREU, 2001, p.31)

Seria interessante que a questão, de alguma maneira, verificasse se o candidato percebeu que o narrador subestimava as criaturas, obrigando-as a trabalhar anos após anos. Os seres imaginários não percebem a condição deles, simplesmente se esgotam pelo esforço que já não podem chamar de trabalho. A palavra que ficou conhecida por dignificar o homem, no conto, deixa claro que há basicamente o benefício somente do outro, não há gratificação e nem satisfação. O autor traz essa discussão no conto, de existirem pessoas que oprimem as outras e elas não percebem o estado lamentável em que se encontram. Desse modo, seria útil levar os candidatos a olhar para dentro da sociedade e refletirem sobre a situação de todos. Exemplifica-se aqui uma abordagem para esse tema, no entanto, o maior apelo é para que seja trabalhado o texto literário, independente de qual assunto.

Além disso, não há como ignorar a alusão feita dos tempos 60 e 70 no livro de Caio Fernando. Já na leitura da apresentação da obra, o autor cita o período que os militares governavam o país e esse momento era de muita opressão, de revoltas, sentimentos tristes, falta de liberdade e expressividade, nas palavras do autor “negra repressão”.

Tempo de dançadas federais. Tempo de fumaça, de lindos sonhos dourados e negra repressão. Tempos de Living Theater expulso do país, do psicodelismo invadindo as ruas para ganhar seus contornos tropicais. Tempos da festa que causou esta rebordosa de agora, e primeiras overdoses (Janis, Jimi). Eu estava lá. Metido até o pescoço: apavorado viajante. (ABREU, 2001, p.6)

As narrativas de Caio Fernando Abreu abrem espaço para o aluno refletir sobre esse período. A pesquisadora Andréia da Silva (2009), no seu estudo sobre

esse livro, evidencia que há um esgotamento dos indivíduos e uma falta de esperança neles.

Inseridas em um contexto histórico antagônico, as ações do indivíduo são pontuadas por uma inadequação e do não reconhecimento de si mesmos. A perda da identidade é pontuada pelas ações padronizadas e impostas pela sociedade massificada consumindo o sujeito no que se refere às esperanças e a percepção dos próprios sentimentos, sempre intercalados pela incompreensão. As relações sociais são apresentadas como instituições tradicionais e permeadas pela incomunicabilidade dos indivíduos. (CARNEIRO, 2009, p.148)

No conto: uma veste provavelmente azul, isso é perceptível, ele representa uma analogia da nossa sociedade em que pessoas mais necessitadas e menos instruídas, sem perceberem, fazem parte de um sistema cruel.

Questão de Literatura na prova de Conhecimentos Gerais do Vestibular de Inverno.

**07**– Especificamente sobre os contos de *O Ovo Apunhalado*, de Caio Fernando Abreu, assinale o que for correto.

02) *O Ovo Apunhalado*, inicialmente publicado em meados dos anos 1970, está dividido em três partes, Alfa, Beta e Gama, compreendendo enredos múltiplos e autênticos que suturam estilos. Estes podem beirar tanto a tendência ao psicodelismo quanto as subjetividades do real.

Espera-se que o aluno saiba o ano de publicação da obra e as divisões do livro, que são a sequência do alfabeto grego, alfa, beta e gama. Além disso, candidato deve compreender que o psicodelismo é um movimento artístico, inclusive citado pelo autor na apresentação do livro.

No que se refere a este período, sabe-se que instigava mudanças em todas as esferas sociais, artísticas e políticas. Segundo Cardoso (2007), o conto *Sarau* exemplifica a quebra de tradições, no caso, a família. O menino, narrador, sente-se inicialmente ameaçado pelo olhar dos pais que estavam jogando baralho na sala e depois de uma sequência de pensamentos, que parecem ser sonhos, os pais são cortados por golpes de cimitarra. Para a autora, o assassinato dos pais do garoto seria uma maneira de reorganizar a vida de ambos.

*Sarau* expressa simbolicamente as aspirações de um momento histórico-cultural avesso à tradição e interessado em conquistar a liberdade, a imaginação e o prazer. Aqui, o realismo fantástico cumpre a sua função estética e assemelha-se às viagens alucinógenas e, por extensão ao psicodelismo *hippie*. (CARDOSO, 2007. p.138)

A narrativa dá a oportunidade de interpretar pensamentos psicodélicos, que no conto são marcados por uma busca de libertação da estrutura convencional familiar. Essa perspectiva poderia ser mais interessante do que simplesmente explorar se o conto tem ou não epígrafe, como é solicitado na alternativa 8.

Questão de Literatura na prova de Conhecimentos Gerais do Vestibular de Inverno.

**07**– Especificamente sobre os contos de *O Ovo Apunhalado*, de Caio Fernando Abreu, assinale o que for correto.

04) Ao leitor de "*Para uma avenca partindo*", é oferecida a sensação de um ouvinte participativo ou um ente participativo do espaço narrativo. Assim notamos frases como: "se eu não te disser agora talvez não diga nunca mais"; "por favor, não me interrompa"; "claro que dou um cigarro para você"; "fecha a revista, por favor, olha, se você não prestar muita atenção você não vai conseguir entender nada" ou "é bom você botar um casaco, está esfriando tanto".

O objetivo da alternativa é apontar que conto é uma narrativa marcada pela sensação de diálogo. Assim, a recordação que havia só um travessão seria o suficiente, ou, até mesmo relacionar a afirmação com as frases expostas na alternativa. É fato que a narrativa é marcada por um monólogo, pois o narrador tenta desenvolver explicações sobre o fim do relacionamento ou procura respostas para o que aconteceu entre eles. Não há marcas que demonstrem a interação com a companheira, como afirma a pesquisadora Ana Cardoso.

Se para o narrador, o encontro tem a intenção de discutir as razões do término da relação amorosa, para ela, ao contrário, o debate não faz sentido algum. Diante disso, não há diálogo: é somente através da voz do narrador que o leitor tem acesso ao narrado. (CARDOSO, 2007, p.212)

A alternativa desconsidera a subjetividade do indivíduo que está no espaço narrativo, não há uma investigação da história, o que levou aquele sujeito a refletir sobre o fim da relação, nem tão pouco o estágio dos seus sentimentos. Essa alternativa não representa uma interpretação da obra. No conto, é compreensível um narrador-protagonista que, angustiado com a situação, deseja falar algumas coisas à amada antes que ela vá embora. Há ênfase em alguns elementos durante a narração, tais como o horário, a bagagem, o bilhete e a busca por uma explicação dos motivos que contribuíram para o fim do casal. No entanto, nada disso foi considerado na alternativa e, possivelmente, para o candidato seria um desafio analisar a subjetividade desse indivíduo.

Questão de Literatura na prova de Conhecimentos Gerais do Vestibular de Inverno.

**07**– Especificamente sobre os contos de *O Ovo Apunhalado*, de Caio Fernando Abreu, assinale o que for correto.

08) Por terem sido produzidos nos anos 1970, os contos de *O Ovo Apunhalado* não seguem exatamente um padrão formal e disciplinado, sendo que alguns possuem epígrafes e outros não. O conto "*Visita*" possui uma epígrafe de "Julio Cortázar: final del juego", enquanto o conto "*Sarau*" possui uma epígrafe de "Aluísio Azevedo: o Cortiço". Já o conto "*O afogado*" não possui epígrafe alguma.

A alternativa mescla informações corretas e incorretas. Inicialmente afirma que a narrativa do autor foi produzida nos anos 70 e ela não segue padrões convencionais. Poucas informações sobre a obra levaria o candidato a confirmar que esses dados são corretos, pois se sabe que os contos de Caio Fernando Abreu têm figuras alegóricas, trazem discussões inusitadas e tendem ao psicodelismo. Porém, em seguida, ela assegura que a narrativa não segue padrões formais, porque há contos com epígrafes e outros não. Assim, espera-se que o candidato se lembre de que o conto *Sarau* não tem epígrafe enquanto o conto *O afogado* sim.

Julgou-se como necessário que o candidato soubesse esse tipo de informação a respeito da obra do autor. Todavia, essa alternativa não acrescenta em nada o ensino da literatura, porque não estimulou a reflexão do texto literário.

Questão de Literatura na prova vocacionada de inverno 2017.

**11**– Em entrevista, Caio Fernando Abreu afirmou acerca de sua representatividade na literatura brasileira:

"Acho que sou uma figura atípica na literatura brasileira, enquanto uns fazem literatura limpa, eu sou o oposto, porque lido com o *trash*, de onde tiro não só 'boa literatura,' mas também vida pulsante. Acho que isso é aterrorizante, principalmente no meio universitário. Tudo é muito estético, é tudo muito cristalino. Mas deve ser insuportável para a universidade brasileira, para a crítica brasileira assumir e lidar com um escritor que confessa, por exemplo, que o trabalho de Cazusa e Rita Lee influenciou muito mais que Graciliano Ramos. Deve ser insuportável." (ABREU, Caio Fernando. Entrevista a Marcelo Secron Bessa, 1997)

Considerando questões referenciais desde tais palavras do autor de *O Ovo Apunhalado*, assinale o que for correto.

01) Embora o autor confesse sua influência mais por artistas sensíveis, músicos representativos, do que por escritores, se tomarmos a sensibilidade intimista constante na obra *O Ovo Apunhalado*, notaremos que Caio Fernando Abreu apresenta viva influência da escritora natural da Ucrânia, Clarice Lispector.

FONTE: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA. Gabarito (alternativas 01 e 16).

O enunciado da questão cita um assunto pertinente, referente à literatura limpa ou *trash*. Ela instiga o candidato a pensar na canonização de alguns autores literários, bem como a luta em reconhecer a presença da literatura em outros meios.

Além disso, sugere-se a reflexão sobre o que é valorizado no meio acadêmico<sup>19</sup>. Convém informar que o manual do candidato solicita ao aluno o conhecimento de noções básicas de literatura, salienta-se, desse modo, que o assunto abordado pelo autor na entrevista seria um momento oportuno para tratar desse tema nas alternativas.

A resposta da alternativa número 01 está no trecho da entrevista, pois o autor confessa que sua literatura foi influenciada por músicos, tais como Cazuza e Rita Lee.

Cardoso (2007) esclarece que a repressão da ditadura fazia com que os intelectuais se sentissem engessados, mas mesmo assim na narrativa de Caio de Abreu, é possível notar a brutalidade do tempo vivido nos sentimentos e ações dos personagens. Com o Ato Institucional número 5 (AI-5), toda e qualquer produção artística que atentasse aos bons costumes, seria proibida a veiculação. Para analisar esse item, Lois (2006) afirma que a Música popular brasileira, juntaram-se com o *rock* e o samba como uma frente única contra a ditadura militar, muitos tinham suas composições vetadas pelo regime militar. No entanto, eles utilizavam várias figuras de linguagem, inventavam palavras, tudo para driblar a censura.

Audaciosamente, aponta-se uma proposta interdisciplinar para ser explorada. Nesse norte, a narrativa de Caio Abreu juntamente com as letras de música e canções, que artistas brasileiros compuseram no tempo da ditadura militar, poderiam ser analisadas pelos candidatos<sup>20</sup>. Nessa época, muitos artistas tinham suas produções censuradas, assim eles usavam das formas mais criativas para driblar o regime militar. Há diversas letras de canções que mencionam a opressão da ditadura militar, tais como *Apesar de você*, de Chico Buarque, também *Cálice*, de Gilberto Gil e Chico

---

<sup>19</sup>Vale lembrar que a fala do autor é do ano de 1997. Relembra-se isso pelo fato da crítica que ele fez ao meio universitário, por ter declarado que o trabalho de Cazuza e Rita Lee o influenciou muito mais do que o de Graciliano. Conhecendo o trabalho do Caio Fernando Abreu nota-se mesmo que sua obra se articula com as ideias discutidas de os artistas citados. Entendo que ele não quis diminuir Graciliano, mas fomentar reflexões sobre a formação do cânone. Aliás, o pesquisador Eduardo Coutinho (1996) reconhece que a crítica literária já tem questionado a avaliação de obras baseadas naquelas que são chamadas de consagradas.

<sup>20</sup> Artistas como Chico Buarque, Gilberto Gil e Caetano Veloso foram opositores ao período da ditadura militar e com um estudo seria possível encontrar letras de canções que elas representem a reprovação ao discurso autoritário. Já Caio Fernando Abreu aborda esse período de forma também implícita e de uma forma prática e interpretativa, porque ele coloca seus personagens diante de problemas agravados pela época, como é o conto. Uma veste provavelmente azul. Na mesma perspectiva do conto tem a letra da música Cale-se, de Chico Buarque. Ambos explanam sobre a repressão do indivíduo. Então, tanto as letras desses artistas quanto as temáticas abordadas pelo autor têm o mesmo contexto histórico e consolidam uma luta contra a ditadura militar. Assim, entende-se que seria possível uma alternativa relacionar o período implícito citado nas músicas com um conto de Caio Fernando Abreu.

Buarque, assim como *Pra não dizer que não falei das flores*, de Geraldo Vandré. Trata-se de uma sugestão explorar a relação entre os textos e as letras de músicas, inclusive essa proposta é pautada nas Orientações Curriculares para o Ensino Médio: “Praticamente se impõe a necessidade da abordagem interdisciplinar, [...] quer no que se refere à teia de relações entre as disciplinas do ensino médio para o alcance das finalidades da educação com as quais se compromete nesse nível de ensino. (BRASIL, 2006, p. 34).

Ainda na mesma alternativa, afirma-se que Caio foi influenciado por Clarice Lispector. Diante disso, espera-se que o aluno tenha leitura das obras da autora e saiba fazer algum ponto de ligação entre eles. Muitas vezes, os alunos que buscam, somente em manuais, estudar literatura vão ter referência de apenas uma das personagens mais famosas de Clarice, Macabéa. Além do mais, é comum, em aulas de literatura ou em livros didáticos, exibirem trechos do romance *A hora da estrela* e descreverem Clarice como uma autora intimista. Os personagens de Caio Fernando Abreu vivem no meio urbano, são anônimos e a narrativa do autor dá importância à subjetividade dos indivíduos. Para Ana Cardoso, há uma vertente intimista no autor: “As cartas demonstram ainda a profunda admiração que mantém com a literatura intimista, em especial com a obra de Clarice Lispector”. (CARDOSO, 2007, p. 222). Segundo a autora, o autor apreciava Clarice e também autores europeus como Virginia Woolf, Fernando Pessoa, entre outros. Ademais, o próprio Abreu confirmou em entrevistas que se identificava mais com uma literatura feminina.

Considerando a relevância de colocar o aluno para pensar, seria bem mais interessante de ele perceber essa ligação entre os autores por meio da análise de textos literários no exame de vestibular.

Ainda um ponto questionável é o fato da questão se basear no discurso da concepção teórica do próprio autor, logo se pergunta: até que ponto as palavras do autor podem ou devem ser tomadas como norteadoras?

Questão de Literatura na prova vocacionada de inverno 2017.

11– Em entrevista, Caio Fernando Abreu afirmou acerca de sua representatividade na literatura brasileira:

02) Devido à censura de meados dos anos 70 que não aceitou o lado "trash" do autor e devido também ao abalo dos bons costumes provocado pela obra *O Ovo Apunhalado*, esta jamais foi republicada em solo nacional. Não à toa, Cazuza e Rita Lee são artistas menos representativos e bem mais lidos que Caio Fernando Abreu.



Anteriormente foi exposto que poderia ser explorada a literatura *trash* e a alternativa número 02 trouxe essa reflexão. Primeiramente, sugere-se que essa literatura era aquela que denunciava as atrocidades do tempo da ditadura militar, como também era a que abalava os bons costumes da sociedade brasileira. Na entrevista, o autor diz que sua literatura é bem diferente daquela produzida no meio universitário. Essas informações fazem parte da alternativa correta, menos ao iniciar que a obra de Abreu nunca foi publicada novamente, isso dá a entender que até hoje se vive momentos de repressões, por inviabilizar uma literatura de denúncia. Também, ela agrava-se com a afirmação sobre a falta de representatividade de artistas como Cazuza e Rita Lee frente a Caio Fernando Abreu, são informações que não deixam dúvidas sobre a incorreção.

Fica claro que o objetivo não é atingir o candidato que leu a obra, mas aquele que tenha um pouco de conhecimento sobre a história do Brasil nos anos 70. Saberes sobre isso já seriam suficientes para responder a alternativa.

Questão de Literatura na prova vocacionada de inverno 2017.

**11**– Em entrevista, Caio Fernando Abreu afirmou acerca de sua representatividade na literatura brasileira:

04) Pensando na falta de popularidade do autor, sendo uma figura atípica na nossa literatura, Caio Fernando Abreu, sobretudo com a publicação de *O Ovo Apunhalado*, ficou estereotipado excessivamente pelo "trash" e pela "limpidez descritiva do urbano". Acabou, assim, resumindo-se em uma figura totalmente aterrorizada no Brasil, perdendo muito espaço nas ruas, ao passo que perdeu também qualquer espaço no cenário crítico e no comércio em livrarias.

O item número 04 decide explorar a pessoa do autor, inclusive, parte dessas informações estão no trecho da entrevista, que Caio Fernando Abreu se classifica como alguém incomum e impopular. Para o aluno responder a alternativa, é preciso atentar às palavras “estereotipado excessivamente”, assim como “figura totalmente aterrorizada”, elas denunciam uma relação exagerada da figura do autor. Dessa forma, pode-se assimilá-la como incorreta.

No demais, o discurso apresentado não contribui para o ensino da literatura, nem ao menos contempla um estudo da teoria literária.

Questão de Literatura na prova vocacionada de inverno 2017.

**11**– Em entrevista, Caio Fernando Abreu afirmou acerca de sua representatividade na literatura brasileira:

08) Apesar de regionalista, tal como observamos no conto "Cavalo Branco no escuro", Caio Fernando Abreu não poderia ter sido influenciado por Graciliano

Ramos, pois publicou *O Ovo Apunhalado* em época concomitante ao escritor nordestino. Ambos sustentam dois modos simultâneos, porém distintos, de regionalismos naturalistas. Caio Fernando Abreu busca, deste modo, no "trash" e no "crash" a sua diferenciação primária e rivalizada com Graciliano Ramos, autor simbólico da academia brasileira.

A primeira afirmação diz que Caio Fernando Abreu é regionalista. Aqui, acredita-se que se o candidato pode recordar de outros autores gaúchos, essa informação pode auxiliá-lo a responder a alternativa. Outro autor conhecidíssimo é Érico Veríssimo, que escreveu a obra *O tempo e o vento*. Esse romance, que inclusive é dividido em três partes, é um exemplo da literatura sul-rio-grandense e conta histórias regionais e há uma abordagem de temas de família. Já Abreu, como afirmado pela Cardoso (2007), adota uma temática que prefere debater a respeito da subjetividade do indivíduo em relação ao outro e isso o coloca em caminhos contrários à literatura regional.

Questiona-se o objetivo da afirmação feita já no início da alternativa, porque ela não é explicada, apenas citada. A questão diz que Caio Abreu é regionalista e isso é notado no conto *Cavalo Branco no escuro*. E, indaga-se, para que serviu a leitura do conto? Só para confirmar que o contista não faz literatura regionalista? Lamenta-se que nem ao menos a interpretação dele foi solicitada. Cardoso (2007) ressalta que a narrativa discute sobre a importância de o indivíduo ter liberdade. Esse debate vai se acentuando a partir de lembranças da infância, elas são impulsionadas com a presença de um suposto cavalo.

A alternativa dá indícios que está incorreta, análogo a isso é a afirmação que o contista buscava uma rivalidade com Graciliano Ramos. Isso sem mencionar que se o candidato souber que Caio Fernando Abreu e Graciliano Ramos produziram suas obras em tempos diferentes, já identificava a opção como incerta.

Questão de Literatura na prova vocacionada de inverno 2017.

**11**– Em entrevista, Caio Fernando Abreu afirmou acerca de sua representatividade na literatura brasileira:

16) Sobre o livro *O Ovo Apunhalado*, também se pode dizer que não necessariamente seja uma busca obsessiva por realizar apenas a típica "boa literatura", considerando que seu autor, de modo geral, marquese por influências menos límpidas ou cristalinas. Ou seja, vai buscando elevar a bandeira de uma geração a qual a "vida pulsante" toca mais alto.

Essa alternativa é resolvida por meio de uma leitura minuciosa da entrevista, transcrita na questão, como se comprova nas frases: "Acho que sou uma figura atípica

na literatura brasileira, enquanto uns fazem literatura limpa, eu sou o oposto, porque lido com o *trash*, de onde tiro não só 'boa literatura' mas também vida pulsante. ” (UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA). Novamente o texto literário não é contemplado. Apenas se objetiva que o aluno saiba ler e buscar informações explícitas.

Questão de Literatura na prova vocacionada de inverno 2017

**12**– Assinale o que for correto.

16) No conto "Noções de Irene", de Caio Fernando Abreu, um homem e outro anos mais novo bebem uísque, ouvem Bach, e conversam abertamente sobre Irene.

FONTE: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA. Gabarito (alternativas 04 e 16).

A finalidade da alternativa é que o aluno saiba que na narrativa há dois homens e eles conversam sobre Irene. Basicamente um resumo simplório do conto. Pergunta-se, identificar isso na obra contribui para quê na interpretação dela? O aluno que tem boa memória é merecedor de acertar a alternativa? Baseado no enunciado, qual seria a importância para os vestibulandos discutirem sobre o conto se poucos dados dele já são suficientes para responder o que foi solicitado.

Vale lembrar que Irene é a personagem que liga os dois homens, o homem mais velho é o ex-companheiro dela e o mais novo; o atual amante. Ela, com o intuito de levar uma vida mais leve e fugir da opressão diária, começa a se interessar pela arte e conhece o seu novo amor. A representação característica do homem mais velho é o ser tradicional e conservador. Já o rapaz é referência da liberdade, da recusa aos padrões formais ditados pela sociedade. Então, nota-se que há motivos para no mínimo solicitar ao aluno uma leitura interpretativa da história.

Questão de Literatura na Prova de Conhecimentos Gerais de Verão 2017

**07**– Assinale o que for correto.

02) O conto "A margarida enlatada", do livro *O ovo apunhalado*, de Caio Fernando Abreu, estrutura-se com base em duas antíteses irônicas: o natural (a margarida, flor) x o artificial (lata acrílica, tecnologia); e o súbito sucesso comercial das vendas de margarida x a repentina queda total das vendas da mesma margarida.

FONTE: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA. Gabarito (alternativas 01, 02 e 08)

Essa alternativa, da prova de conhecimentos gerais, tem o objetivo parecido com o das questões já encontradas nas provas de conhecimento específico. O

propósito é que o aluno se lembre de características do conto, que é marcado por duas antíteses irônicas.

Contudo, há possibilidade de o candidato relacionar os dados da afirmação presente na alternativa e notar que ela está correta. Para isso, basta ele estabelecer semelhanças da margarida ser algo natural e enlatada artificial.

Respeita-se a escolha da abordagem da questão, mas o conto também apresenta outras possibilidades de reflexão. Uma delas é notar o personagem central. Ele é um empresário que entra na logística de mercado e começa a lucrar em cima desse público consumidor.

Compreende-se que é necessário encontrar uma forma de elaborar alternativas objetivas em que as afirmações delas não ofereçam, de forma tão simplória, a reflexão sobre os contos. Seria interessante o candidato pensar por que ocorre essa ironia no conto, ou até mesmo refletir sobre o efeito desse recurso no texto.

Questão de Literatura, Prova Vocacionada, Vestibular de Verão.

**12**– A respeito da obra *O ovo apunhalado*, de Caio Fernando Abreu, assinale o que for correto.

01) Trata-se de um livro de contos, situado dentro da literatura brasileira contemporânea. Seu autor é considerado um dos contistas mais representativos de sua geração, nas décadas de 1970-1980, período em que o Brasil vivia em plena ditadura.

FONTE: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA. Gabarito (alternativas 01 e 02)

A finalidade da alternativa é que o candidato identifique o gênero da obra, assim como saiba que Caio Fernando Abreu era um autor expressivo da época da ditadura. Essas são informações gerais da obra e do autor, podem ser consideradas fundamentais para ajudar na compreensão da literatura do Abreu. Entretanto, não é solicitado ao aluno nenhuma interpretação da obra literária, nem se quer foi preciso o aluno ler nenhum conto para responder a alternativa.

**12**– A respeito da obra *O ovo apunhalado*, de Caio Fernando Abreu, assinale o que for correto.

02) O conto "Gravata" pode ser considerado uma narrativa de realismo fantástico e de terror, fazendo sátira social. Conta a história de um homem que se sente fortemente atraído por uma gravata vista numa vitrine. Quando tem condições, ele a compra, e ao ir colocá-la pela primeira vez, a gravata como que cria vida e, qual uma cobra, se enlaça fatalmente em seu pescoço. Sem que ele consiga se desvencilhar, a gravata o estrangula até a morte.

A alternativa expõe um resumo da narrativa. Em algumas partes, nota-se o uso de sentido literal das palavras, como não houvesse propósitos muito mais amplos por trás dessa história fantástica. Compreende-se que se deseja que o candidato recorde do conto e ainda tenha capacidade de resumir a história.

Um dos propósitos do ensino da literatura é exatamente que o aluno consiga ler e refletir sobre o texto, possa fazer assimilações com a nossa realidade. Esse conto tem a mesma temática do conto A Margarida enlatada, isto é, incentivar a reflexão a respeito de uma sociedade consumista. Ele é narrado em terceira pessoa e tem como personagem um senhor de meia idade. O senhor é uma pessoa calada, fria com os que estão a sua volta, trabalha fazendo tarefas repetitivas e burocráticas. Certo dia, ele vê a gravata em uma vitrine e a compra. O homem imaginava que se sentiria completo com aquele produto. Em certo momento da narrativa, tomado por pensamentos perturbatórios psíquicos, ele imaginava que a gravata estava tomando conta da sua vida. Então, falou palavras duras para a gravata.

– Você é minha. Você não passa de um objeto. Não importa que tenha vindo de longe para pousar entre coisas caras na vitrine de uma loja rica. Eu comprei você. Posso usá-la à hora que quiser. Como e onde quiser. Você não vai sentir nada, porque não passa de um pedaço de pano estampado. Você é uma coisa morta. Você é uma coisa sem alma. Você... (ABREU, 2001, p. 14)

De certa medida, esse personagem representa alguém que se deixou levar pelo consumismo e ainda não consegue ter controle pela própria vida.

04) O conto "Nos poços" é uma longa narrativa em que o narrador de primeira pessoa conta como caiu num poço profundo, aparentemente sem fim. Ao longo da queda, ele vai lembrando cenas de sua vida e se indagando se a sua vida tinha valido a pena. A narrativa termina com um suspense: "E depois: no fundo do poço do poço do poço do poço você vai descobrir quê."

A alternativa é dividida em três períodos. O primeiro, explícita a informação incorreta, pois ela diz que a narrativa é longa. E na verdade esse é um conto curtíssimo. Inclusive, Ana Maria Cardoso diz que ele pode ser classificado como um miniconto ou até um poema, por causa da plenitude entre forma e conteúdo. O segundo período simboliza um resumo e o último a exemplificação da afirmação do terceiro período. Constata também que o resumo está incorreto. De fato a narrativa relata a experiência do narrador-personagem ao cair em um ou mais poços, como a queda fosse inevitável.

Apesar de a alternativa utilizar uma frase do conto o intuito não é do aluno refletir sobre o suspense no final, mas de confundir-lo.

12– A respeito da obra *O ovo apunhalado*, de Caio Fernando Abreu, assinale o que for correto.

08) O conto "Oásis" narra a história de uma empregada doméstica, a sensual Dejanira Valéria, que trabalha perto de um quartel. Ela tenta seduzir o soldado que fica de sentinela no portão do estabelecimento, para assim conseguir ser convidada a entrar e conhecer o quartel, que, em sua fértil imaginação, ela considera que deve ser um verdadeiro oásis.

A alternativa se apossa de elementos do conto original, tais como a empregada Dejanira, soldados e quartel e a partir deles constrói uma nova história. Assim, o objetivo da questão é que o candidato se lembre do enredo para não se confundir.

16) O conto "O ovo apunhalado" é uma narrativa do gênero "realismo fantástico". O personagem-narrador vai a uma loja comprar um ovo de Páscoa. Quando está escolhendo, um dos ovos sai da caixa e se põe a caminhar em sua direção. Apavorado, ele recua, mas o ovo avança ameaçadoramente. Um dos vendedores percebe a situação, arranja um punhal e atinge mortalmente o ovo misterioso.

FONTE: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA. Gabarito (alternativas 01 e 02)

A última alternativa, número dezesseis, inicia afirmando que o conto *O ovo apunhalado* pertence ao gênero realismo fantástico, informação também já referida em manuais didáticos da literatura, logo após a alternativa sugere outra narrativa que parte da ideia do título do conto, mas não se trata do enredo original. Logo, se o aluno souber que esse conto não tem um ovo de Páscoa, ele já entende que a alternativa não deve ser assinalada. A alternativa se limita ao enredo. Esse conto é a última narrativa do livro, ele é importante porque dá o título a ele. Também, nota-se nele uma narrativa intensa e que faz referência à música *Lucy in the sky with diamonds*, de Lennon & McCartney e a Clarice Lispector.

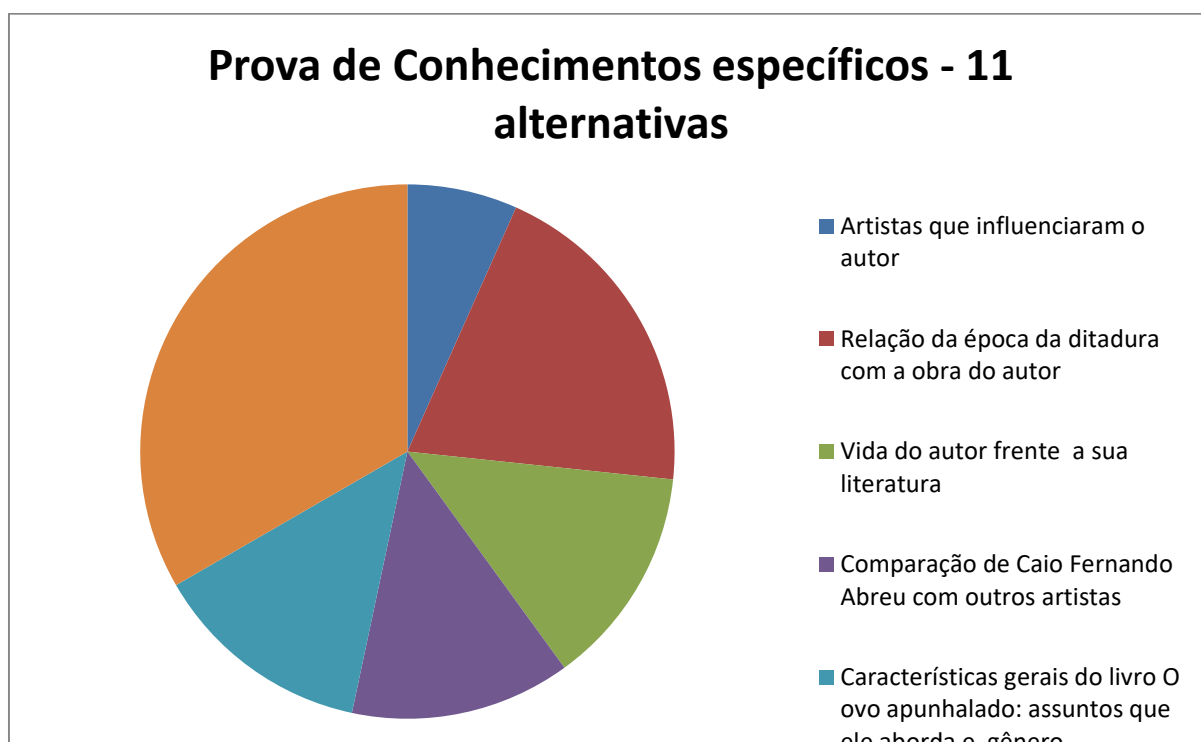
Abaixo segue gráficos com os dados abordados nas provas.

Gráfico 3 - Prova de Conhecimentos Gerais do livro O ovo apunhalado de Caio Fernando Abreu



Fonte: A Autora

Gráfico 4 - Prova de conhecimentos específicos.



Fonte: A Autora

## 2.3 ANÁLISE DAS QUESTÕES DA OBRA DE MÁRIO DE ANDRADE, *AMAR, VERBO INTRANSITIVO*

As alternativas que abordaram o romance *Amar, verbo intransitivo*, de Mário de Andrade surpreenderam pela falta de representatividade na prova de conhecimentos gerais. Apenas uma única alternativa no vestibular de verão abordou o romance estudado. Para respondê-la, o candidato deveria saber informações sobre o período literário, autor da obra e um resumo do enredo dela.

Já a prova Vocacionada priorizou que o candidato soubesse características físicas das personagens Fräulein e Carlos Alberto Sousa Costa. Inclusive, eles dois fazem parte da história central. Também houve primazia na avaliação do enredo da obra, o mais solicitado aos candidatos foi que eles soubessem o motivo da iniciação sexual do menino Carlos.

Inicia-se com a questão número doze da prova vocacionada de inverno, ela apresenta duas alternativas que destacam descrições de dois personagens, Fräulein e Carlos Alberto Sousa Costa. Ela oferece um caminho de análise do romance que seria definindo personagens e olhar com atenção para a descrição física deles, assim como estilo de vida, profissão e idade.

Questão de Literatura na prova vocacionada de inverno 2017

12– Assinale o que for correto.

01) O corpo de Fräulein, personagem de Mário de Andrade, é descrito, pelo narrador de *Amar Verbo Intransitivo*, como sendo um corpo clássico e perfeito, menor que a média dos corpos de mulher, e, portanto, romântico, helênico, apesar de nada voluptuoso. "Isso do corpo da pequena Fräulein ser perfeito, em muito, provocava sonhos e tornava a história forte (...)".

08) Carlos Alberto Sousa Costa é descrito, pelo narrador de *Amar, Verbo Intransitivo*, como um homem de origem oriental, com 35 anos, que trabalhara como pianista clássico para não se tornar um "homem-da-vida".

FONTE: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA. Gabarito (alternativas 04 e 16).

A alternativa 01 afirma que o corpo de Fräulein é clássico e perfeito, inclusive despertava devaneios, deixando a narração mais emocionante. Em seguida, é exposta uma frase entre aspas sem indicar a referência que, para o leitor da alternativa, pode ser entendida como uma passagem retirada do romance. Ainda



expõe uma passagem entre aspas sem indicar a referência dela<sup>21</sup>, configura-se como uma prática gravíssima. Esse é um dos motivos que pode sim levar o candidato a pensar que aquela passagem é realmente de o romance *Amar, verbo intransitivo*. Além disso, a alternativa se agrava ao ponto de haver motivos para sua anulação, porque mesmo sem referenciar o texto, entende-se que houve uma intenção de modificar a citação da obra.

No entanto, os leitores do romance, se seguirem a lógica de estudo proposta pelo exame e se lembrarem da descrição da personagem, saberão que o corpo de Fräulein é mais robusto. “Não é clássico nem perfeito o corpo da minha Fräulein. Pouco maior que a média dos corpos de mulher. E cheio nas suas partes. Isso o torna pesado e bastante sensual”. (ANDRADE, 2016, p.10). Na passagem, o narrador fortalece a imagem do corpo de uma mulher que não é franzino e, adiante, ele frisa novamente detalhamentos da personagem.

Isso do corpo de Fräulein não ser perfeito, em nada enfraquece a história. Lhe dá mesmo certa honestidade espiritual e não provoca sonhos. E aliás, se renascente e perfeito, o idílio seria o mesmo. Fräulein não é bonita, não. Porém traços muito regulares, coloridos de cor real. E agora que se veste, a gente pode olhar com mais franqueza isso que fica de fora e ao mundo pertence, agrada, não, não agrada? Não se pinta, quase nem usa pó-de-arroz. (ANDRADE, 2016, p.11)

O narrador revela que sua personagem não precisa de um corpo bonito, inclusive ele mostra que ela também não se esforça para ser vaidosa. Desse modo, entende-se que o principal fio condutor utilizado para seduzir os seus amantes não é o corpo. Ademais, a atenção da questão voltada para a aparência de Fräulein é irrelevante, pois nem o narrador a considera importante. Ainda é preciso pensar se realmente foi necessário o candidato ler o romance para não assinalar a alternativa. A afirmação assimila o corpo da personagem como algo romântico e perfeito. Sabe-se que aluno concluinte do ensino médio, intencionado a fazer provas de vestibulares, deve ter estudado que Mário de Andrade pertence ao período chamado modernismo. Esta mesma época, os autores já não se interessavam em personagens com ideias românticas, essa visão do belo estava ligada à fase do romantismo.

Na prosa, Mário escreveu contos, publicados em *Primeiro andar* (1926) e *Contos novos* (1946), crônicas reunidas em *Os filhos da Candinha* (1945), o

---

<sup>21</sup> Referente aos elaboradores não referenciarem as passagens das obras, não sabemos o motivo. E se constam vários casos em que a prova traz citações entre aspas sem referenciar.

romance *Amar, verbo intransitivo* (1927) e a rapsódia *Macunaíma* (1928). Em quase todas essas obras se destaca a preocupação com a descoberta e a exploração de novas tecnologias narrativas e, ao mesmo tempo, com a sondagem do universo social e psicológico do ser humano das grandes cidades. (CEREJA, 2005, p. 446)

Mário de Andrade foi um dos precursores do modernismo e, como evidenciado, ele estava dedicado a abordar aspectos de denúncia e reflexão sobre realidade em suas obras. Inclusive a tese de doutorado do pesquisador Luciano Ribeiro de Carvalho faz uma análise do livro. Nela, Carvalho (2009) fez um estudo do romance com fins de refletir sobre a contradição existente entre o indivíduo e a sociedade nos anos vinte. Além disso, ele ainda apresenta os impactos dos fatos históricos vividos na Europa, em especial na Alemanha, a respeito das personagens. Ele ressalta que esse romance foi fruto de muito trabalho do autor.

Já dissemos que ele foi publicado pela primeira vez em 1927, porém não podemos esquecer que, em carta a Manuel Bandeira de 29 de setembro de 1924 (Moraes, 2000, p. 130), Mário está reescrevendo pela terceira vez o texto que pretende publicar. E mesmo assim, o já experiente e exigente autor, o repensou para a publicação de 1944, que é a que estamos discutindo. Ou seja, o romance é fruto de muito tempo de amadurecimento intelectual, pesquisa e reescritura do autor. (CARVALHO, 2009, p. 09)

Por isso, a personagem Fräulein mereceria uma atenção mais respeitosa na questão. Carvalho (2009) alerta que a primeira leitura dela pode ser enganosa.

De imediato, tentaremos transpor a primeira armadilha que o romance nos apresenta, que é descobrir as verdadeiras capacidades intelectuais de Fräulein. A nossa primeira impressão da personagem instruída em línguas, por ser alemã, lida e viajada, seria que ela é culta e erudita, ainda mais porque tem contato com obras dos grandes nomes da cultura universal, da música, da filosofia e, claro, da literatura. Desse modo, ela tem sido apresentada como a representação mais acabada do modernismo, especialmente do alemão sufocada pela elite burguesa paulistana da década de vinte. (CARVALHO, 2009, p. 9)

Isso dá motivos para acreditar que a personagem Fräulein precisaria de uma leitura e análise atenta no romance. E, porventura, a alternativa abordasse de uma maneira que exigisse do candidato uma interpretação precisa dessa personagem, a alternativa estaria promovendo um incentivo a interpretações mais detalhadas das personagens. No entanto, sabe-se e se respeita que o elaborador escolha outros aspectos do romance para avaliar o candidato.

Carvalho (2009) diz que Fräulein passa uma imagem de uma pessoa culta que, inicialmente, convence o leitor e mais ainda a família Souza Costa.

Minhas filhas já falam o alemão muito direitinho. Ontem entrei na Liral com Maria Luísa...pois imagine que ela falou alemão com a caixeirinha! Achei uma graça nela!...Fräulein é muito instruída, lê tanto! Gosta muito de Wagner, você foi no Tristão e Isolda? Que coisa linda. Gostei muito. Também: Quatrocentos mil réis por mês!

E continuava falando que Felisberto não se importava de gastar, contanto que os meninos aprendessem, etc. (ANDRADE, 2016, p. 14)

A passagem transcreve D. Laura, esposa de Felisberto Souza Costa, fazendo elogios à governanta, pois sempre a observava lendo e isso causava admiração nela. De fato, D. Laura é a senhora da família burguesa retrógrada, dona de casa e uma pessoa sem sonhos. Seu esposo comprava livros, mas não há nenhuma menção de ela lê-los. Neste mesmo trecho, a primeira impressão de Fräulein é apresentada, a legítima intelectual.

No entanto, ler literatura é uma tentativa de compreender a obra na sua completude e, essa personagem, ao longo da leitura, foi apresentada de outras formas. Primeiramente, tende-se a crer que a personagem será o oposto da família Souza Costa, uma vez que ela é europeia, conhecedora de línguas, leitora e culta. Mas o romance deixa pistas de uma personagem que não é revolucionária, não tem ideias novas. O fato de o livro ser escrito no modernismo e o autor ser um grande líder desse movimento, o leitor esperava que a personagem fosse uma revolucionária. Ela é uma leitora que não é crítica e também não faz articulação da sua leitura com a realidade.

Fräulein quase nada sabia do Expressionismo nem de modernistas. Li; Goethe, sempre Schiller e os poemas de Wagner. Principalmente. Lia também bastante Shakespeare traduzido. Heine. Porém Heine caçoara da Alemanha, lhe desagradava que nem Schopenhauer, só as canções. Preferia Nietzsche mas um pouquinho só, era maluco, diziam. Em todo caso Fräulein acreditava em Nietzsche. Dos franceses, admitia Racine e Romain Rolland. Lidos no original. Seguiu página por página livros e revistas ignorados. Compreendeu e aceitou o Expressionismo, que nem alemão medíocre aceita primeiro e depois compreende. O que existe deve ser tomado a sério. Porque existe. Aquela procissão de imagens afastadíssimas, e continuo adejar por alturas filosóficas metafísicas, aquela eterna grandiloquência sentimental... E a síntese, a palavra solta desvirtuando o arrastar natural da linguagem.... De repente a mancha realista, ver um bombo pam! de chofre... Eram assim. Leu tudo. E voltou ao seu Goethe e sempre Schiller. Se lhe dessem nova coleção de algum mensário inovador, mais livros, leria tudo página por página. Aceitaria tudo. Compreenderia tudo? Aceitaria tudo. Para voltar de novo a Goethe. (ANDRADE, 2016, p. 23)

O fragmento se refere ao momento em que Fräulein volta da casa dos seus amigos, um grupo seletivo, e traz várias revistas. Muitas vezes ela aparece na companhia de textos ou interpretando partituras, o que fortalece mais ainda a primeira impressão da imigrante ser uma pessoa sábia. Porém, o narrador inicia o parágrafo revelando que a governanta não sabe muito sobre o Expressionismo. Ademais, esse foi um movimento artístico que os intelectuais procuravam descrever a realidade, assim como refletir sobre a angústia que suscitava na Alemanha por causa da primeira guerra mundial. Dessa afirmação, subentende-se que a personagem não demonstra interesse em compreender o movimento, assim como não aceita essas novas transformações que ocorreram no país dela. Fräulein é leitora do tradicional, tanto que ela leu e voltou novamente a Goethe e Schiller<sup>22</sup>. Logo, depreende-se que os textos não a modificaram. Por isso, esse é um dos motivos pelos quais não é considerada uma personagem crítica, que lê e assimila sua leitura à realidade. Como afirma Luciano Carvalho.

Através de uma leitura atenta e cautelosa, veremos que é um engano considerar Fräulein como a representação do herói tradicional ou de algum líder revolucionário. Ao contrário, ela não entende e nem aceita o modernismo ou o expressionismo. Mostraremos que a personagem, apesar de lida, não relaciona a leitura com o momento vivido historicamente, por isso a sua forma de lutar pelos seus projetos está restrita a um modelo de mundo velho e tradicional. (CARVALHO, 2009, p.10)

Fräulein é uma moça tradicional, posto que ela deseja voltar para sua velha Alemanha, casar-se, ter uma vida confortável de burguesa média. É exatamente o que notamos na passagem seguinte.

O amor deve nascer de correspondências, de excelências interiores. Espirituais, pensava. Os dois se sentem bem juntos. A vida se aproxima. Repartem-na, pois quatro ombros podem mais que dois. A gente deve trabalhar... os quatro ombros trabalham igualmente. Deve-se ter filhos.... Os quatro ombros carregam os filhos, quantos a fecundidade quiser, assim cresce a Alemanha. De noite uma ópera de Wagner. Brahms. Brahms é

---

<sup>22</sup> O estudo de Luciano Carvalho ressalta que Fräulein não era defensora nem do Expressionismo e nem do modernismo. Ainda ele informa que ela conheceu uma das mais relevantes revistas do movimento Expressionista, *Der Sturm*, e outros textos e autores durante sua estadia no Brasil através da personagem Fraun Benn, o médico que havia chegado da Alemanha a pouco tempo. Também Carvalho reafirma que a personagem não tinha interesse de mudar sua formação acadêmica, por esse motivo sempre retornava aos autores tradicionais “Os autores que ela privilegia, há muito tempo, são Schiller e Goethe, portanto, as mensagens dos livros e revistas emprestados eram novidades, eles eram ‘ignorados’ por ela, que se apegara a autores que já eram conhecidos e distantes do modernismo. A formação de Fräulein é tradicional e ela não pretende mudar, longe disso, sua intenção é manter e defender valores e ideias da velha Alemanha” (CARVALHO, 2009, p.18)

grande. Que profundidade, seriedade. Há concertos de órgão também. E a gente pode cantar em coro.... Os quatro ombros frequentam a Sociedade Coral. Têm boa voz e cantam. Solistas? Só cantam em coro. *Gesellschaft*. Porém isso é para alemães, e para outros? Sim: quase o mesmo.... Apenas um pouco mais de verdade prática e menos Wagner.

E o serviço dela entende só da formação dos homens. O homem tem de ser apegado ao lar. Dirige o sossego do lar. Manda. Porém sem domínio. Prove. É certo que a mulher o ajudará. O ajudará muito, dando algumas lições de línguas, servindo de acompanhadora pra ensaios na Panzschuele, fazendo a comida, preparando doces, regando as flores, pastoreando os gansos alvos no prado, enfeitando os lindos cabelos com margaridinhas... (ANDRADE, 2016, p. 15-16)

Inicialmente é demonstrado o pensamento da Fräulein sobre sua teoria do amor. Ela, metaforicamente, apresenta a sua ideia de casal, representada pelos quatro ombros. O sonho da personagem é construir família, também ela desejava ter uma casa, cuidar dos serviços domésticos e filhos enquanto o marido trabalha. Esse sonho são idealizações de um pensamento tradicional. Assim, reitera-se que existiam aspectos mais interessantes para serem abordados da personagem do que uma simples menção e observação do corpo.

Na alternativa número 08, o candidato precisa ter pouco conhecimento sobre ela para respondê-la, pois precisa saber que Carlos Alberto não é um homem oriental e nem um pianista. Porém, o vestibulando, ao pesquisar sobre o romance, rapidamente terá a informação de que Carlos Alberto é o garoto estudante que terá sua iniciação sexual com a governanta contratada pelo seu pai, Fräulein. É interessante que a afirmação da alternativa coloca alguns elementos que fazem parte do romance como o piano e o homem-da-vida<sup>23</sup>. Para o leitor de resumos, as afirmações feitas na alternativa já demonstram que está errada. Um leitor do romance jamais se confundiria com os elementos colocados na questão. Insiste-se que as alternativas poderiam elaborar melhor os enunciados ao ponto de o candidato necessitar de uma análise mais profunda do romance para respondê-las.

---

<sup>23</sup> Fräulein também era professora de piano. Referente ao homem-da-vida, Luciano Carvalho (2009) analisa uma discussão bem mais ampla que transpassa o limite da personagem e um homem alemão. Ele observa que a concepção de homem-da-vida e homem-do-sonho é um diálogo sobre a sociedade alemã da época. Além disso, o autor defende que a imigração dos homens-da-vida pela guerra “O texto traça todos os elementos que fez surgir a Primeira Guerra e a atuação de seus principais atores, que formavam a Frente Ocidental: Alemanha, Inglaterra e França. Além disso, narra esse processo sob a ótica de Fräulein. Ela defende que a guerra é o resultado da luta dos homens-da-vida desses três impérios, estes atuam na fábrica e no comércio, enfim, é o capitalista” (CARVALHO, 2009, p.113). Ainda no texto de Luciano de Carvalho é salientado que o homem-do-sonho é aquele que defende a família patriarcal e não tem nenhuma culpa na guerra. Percebe-se que o autor utiliza essa personagem, esses pensamentos tradicionais para demonstrar que havia pessoas como ela. E que o movimento Expressionista e o modernismo não conseguiram alcançar todos.

A apresentação do personagem Carlos no romance requer uma atenção do leitor.

Repare nesse menino que passa. É grandalhão, é. Mesmo pesado. Muitos afirmam que ele é magro... A culpa não é tanto das carnes, que são rijas e abundantes. Come bem. Dorme bem. Passa vida regalada. E é escandalosamente sadio, nem sequer a faringite crônica de oitocentos mil paulistanos.

Mas então porque é magro? Já falei que não é magro, desraçado, apenas isso. O que sucede com as raças muito apuradas? A carne é bem cotada no Mercado, por ser muito mais macia. Pra conservar tais excelências a Inglaterra proíbe a intromissão do boi zebu nas marombas dela. Toda gente sabe também que o gado abatido lá na grande Argentina, que do *polled-angus-albion* sempre abunda, atinge tipo elevado na cotação dos importadores europeus. (ANDRADE, 2016, p. 46)

Compreende-se como uma discussão de raças, isso é reafirmado por Luciano Carvalho (2009).

O romance lança mão de uma teoria de raças para buscar a questão que verdadeiramente importa. Dessa forma, o mercado europeu valoriza o boi que possua a carne macia e pelo claro, referência ao modelo eurocêntrico. Não é só o criador brasileiro que procura atingir esse padrão, sabemos que era desejo das elites essa europeização do brasileiro, mas o narrador discorda, o gado brasileiro ‘bem claro inda não está... Mas lindo assim mesmo, não acha? Moreno rosado... terá mais deliciosa e masculina cor! Cobre carnes rijas, musculosas, afirmo.’” (CARVALHO, 2009, p.93)

Certamente o narrador enaltece a raça brasileira <sup>24</sup>, pois revela a força de Carlos, acho-o musculoso, com carne boa, realmente o menino agrada ao mercado. Além do mais, Carvalho (2009) informa que, na primeira edição do livro, o autor foi questionado sobre essa citação a raças bovinas. Um leitor chamado de Tio Pio solicita ao autor mais explicações sobre o assunto.

Na primeira edição, exemplar especial, contendo notas e comentários do ‘Tio Pio’ e respostas do Autor, coaduna com nossa interpretação sobre a discussão da tese sobre as raças, quando o Tio Pio solicita maiores informações das diversas raças bovinas:

‘Tio Pio: Requeiro informações suplementar.

R: Não posso dar. Soube disso por informações de articulistas ou telegramas de jornais. Averigüei se, guardar documentação. Aliás, não carece sendo

---

<sup>24</sup> No contexto do romance, Fräulein revela seu pensamento, ela pensa que os alemães são uma raça superior e o narrador ironiza essa ideia “Elza, porém desde o primeiro instante se apresentara tão conhecida, tão trilhada e de ontem! O desembaraço era premeditado não tem dúvida, mas lhe saía natural e discreto. Isto se descontaria dentre as facilidades das raças superiores...” (ANDRADE, 2016, p. 05).

coisa de pouca importância (ANDRADE, 1927, p.102 *apud* CARVALHO, 2009, p.94)

Neste momento, depreende-se que o narrador estava além de discutir sobre bovinos, mas sim, interessava-se em sustentar uma discussão sobre a raça humana. Foi visto que a personagem Fräulein achava-se superior à família Sousa Costa, até mesmo D. Laura acreditava nisso. No entanto, o narrador considera Carlos mais bonito, ele sabia que Carlos era de família rica e a descrição do personagem na narração comprova uma diferenciação dele de outros mestiços. Este último dado faz supor que a classe social influenciou na avaliação do narrador, até porque ele inicia falando que Carlos não é magro, tem as carnes para cobrir os ossos, a pele é morena rosada, toda uma descrição feita realmente para agradar leitor.

Considera-se que a função dos elaboradores é de formular questões eficientes, sérias e comprometidas com o ensino da literatura. No entanto, o estudo apresenta um desejo ímpeto que o personagem Carlos Alberto fosse melhor abordado nas questões, porque para compreendê-lo é necessária uma interpretação melhor.

Prova Vocacionada de Verão, 2017.

**15**– A respeito da obra *Amar, verbo intransitivo*, de Mário de Andrade, assinale o que for correto.

01) O final do romance é trágico. O adolescente Carlos, que se apaixonara pela governanta Fräulein Elza, ao saber que ela se transformara em amante de seu pai, comete suicídio.

02) Sousa Costa preocupa-se com a iniciação sexual de seu filho Carlos, adolescente. Tem medo que se envolva com prostitutas que, além de lhe transmitirem doenças e vícios, certamente o explorariam financeiramente. Por isso decide por uma segura iniciação sexual feita em casa e, assim, contrata Fräulein Elza, uma alemã de 35 anos, para essa tarefa, sob o disfarce de governanta.

04) O que era para ser apenas uma iniciação sexual se transforma numa situação afetiva problemática, pois o adolescente Carlos acaba desenvolvendo uma forte paixão por Fräulein Elza, a governanta encarregada de iniciá-lo na prática sexual.

08) Sousa Costa, pai do adolescente Carlos, que contrata Fräulein Elza para fazer a iniciação sexual do filho, acaba se apaixonando por ela e decide transformá-la em sua amante. A esposa dona Laura, por conveniência burguesa, aceita essa situação, desde que o marido não mantenha a amante dentro da casa da família.

16) O autor classifica a obra no gênero "idílio", ou seja, uma história de amor ou um devaneio amoroso, envolvendo Fräulein Elza, uma alemã de 35 anos, que é contratada como governanta pelo pai de uma família burguesa, para, sob esse pretexto, fazer a iniciação sexual do filho, o adolescente Carlos.

Gabarito (alternativas 02, 04 e 16)

A questão número quinze, da Prova Vocacionada de Verão, alternativa 01, menciona Carlos. Essa alternativa é incorreta e ela apresenta o desfecho do romance,

afirmando que ele foi catastrófico em razão de Fräulein, a moça por quem Carlos estava apaixonado, ter virado amante do pai dele e isso o levou ao suicídio.

O elaborador da prova de vestibular deveria estar ciente da responsabilidade que é esse exame para o ensino de literatura e, inquestionavelmente, os livros escolhidos serão alvos de estudos e repassado os resumos sobre eles. Se houvesse qualquer tragédia no enredo, evidente que seria informado nesses materiais didáticos ou em qualquer site. A percepção que se tem da prova do vestibular da UEPG é que realmente só não acerta as questões de literatura quem no mínimo não fez uma leitura de um resumo na internet. Parece não haver comprometimento e respeito com o estudo literário. A alternativa seria facilmente eliminada pelo candidato, pois saberia que não houve suicídio.

Ainda sobre a mesma alternativa, há menção do nome da governanta. Recorda-se que a partir do momento que ela chega à casa de Carlos, o narrador começa a nomeá-la como Fräulein. Além do mais, há um instante que Elza faz as crianças repetirem o nome dela até gravarem. Talvez, em uma tentativa de exigir do aluno uma reflexão maior sobre a obra, seria interessante questionar se há ou não alguma diferença entre Elsa e Fräulein.

A alternativa número 08, da mesma questão acima citada, apresenta exatamente o mesmo discurso do número 01, ou seja, Fräulein como amante do pai de Carlos Alberto. Ao recordar o romance e tentar entender a insistência do elaborador em relação à amante de Felisberto, pai de Carlos Alberto, recorda-se a seguinte passagem.

Nas noites espaçadas em que Sousa Costa se aproximava da mulher, ele tomava sempre o cuidado de não mostrar jeitos e sabenças adquiridos lá embaixo no vale. No vale do Anhangabaú? É. Dona Laura comprazia com prazer o marido. Com prazer? Cansada. Entre ambos se firmara tacitamente e bem cedo uma convenção honesta: nunca jamais ele trouxera do vale um fio louro no paletó nem aromas que já não fossem pessoais. Ou então aromas cívicos. Dona Laura por sua vez fingia ignorar as navegações do Pedro Álvares Cabral. Convenção honesta se quiserem.... Não seria talvez a precisão interior de sossego?... Parece que sim. Afirmo que não. Ah! Ninguém o saberá jamais!... (ANDRADE, 2016, p.7-8)

Quanto à revelação de que o pai de Carlos Alberto já tinha tido uma amante, é possível notar sua preferência, a amante era loira enquanto D. Laura possuía cabelos negros. Mas a informação dele já ter tido uma amante é tão simplória quanto



as alternativas. No entanto, a narração sugere que há um interesse de Felisberto em ficar com uma pessoa que o narrador chama de mal-acabada.

Em tempos de calorão surgiam nos cabelos negros de dona Laura umas; ondulações suspeitas. Usava penteadores e vestidos de seda muito largos. Apenas um gesto e aqueles panos e rendas e vidrilhos despencavam pra uma banda afligindo a gente. Meio mal-acabada. Era maior que o marido, era. Lhe permitira aumentar as fábricas de tecidos no Brás e se dedicar por desfastio à criação do gado caracu. (ANDRADE, 2016, p. 7)

Como ressaltado pelo narrador, D. Laura não era bonita e, pela descrição dos vestidos largos, era gorda com um braço de carnes moles, “Sentia agora eles trepadeirando pelo braço gelatinoso dela e, meio dormindo, se ajeitando” (ANDRADE, 2016, p.16). Porém, mesmo ela não sendo modelo de beleza feminina, Felisberto intencionava ficar com ela. O narrador afirma que essa intenção era maior que a vontade dele. Entende-se essa união como interesse de classes, juntar-se a alguém que tem dinheiro e aumentar mais ainda a riqueza, como citado, ampliar as fábricas de tecidos e a criação de gado. Por consequência, a relação não era formada por desejos entre o casal, e sim como conservação de uma família.

Inclusive, a palavra amante está totalmente ligada aos números 02, 04 e 16 da questão 15. Essas alternativas estão interligadas com o mesmo assunto, a iniciação sexual do jovem Carlos.

Adiante, verifica-se que o aluno não precisará de muitos esforços para responder a alternativa 02, pois ela apresenta informações básicas do romance.

O número 04 é como a continuação da alternativa anterior, que a aprendizagem sexual de Carlos com Fräulein desenvolveu nele uma grande paixão.

Na última questão, número 16, a única informação acrescentada nela é a opinião do autor, que classifica a obra no gênero “idílio”, ou seja, uma história de amor. Até mesmo a palavra é subtítulo do romance. Novamente as informações que o candidato deve saber sobre o romance são muito superficiais. Pergunta-se ao candidato que assinalou essa alternativa sobre qual era o idílio de Fräulein. Mais ainda, ele assimilaria o idílio dela há uma vontade pessoal ou coletiva? Essas são indagações obrigariam o candidato a ter lido e pensado sobre o romance.

Vestibular de Verão, Prova de Conhecimentos Gerais, 2017.

**07**– Assinale o que for correto.

08) *Amar*, verbo *intransitivo*, de Mário de Andrade, é um romance do início do Modernismo, movimento do qual o autor foi um dos líderes. Narra a história de Fräulein Elza, moça alemã, que é contratada pelo burguês Sousa Costa

como governanta, para, na verdade, sob esse disfarce, fazer a segura iniciação sexual do seu filho, o adolescente Carlos.  
Gabarito (alternativas 01, 02 e 08)

Para o candidato assinalar essa alternativa, ele deve saber quem é o autor do romance, o período literário e, novamente, o resumo do enredo.

No entanto, compreende-se que os enunciados das alternativas indicam pontos que poderiam ir além de uma simples comprovação do conhecimento do enredo. Como por exemplo, as alternativas poderiam explorar a ligação do porquê da contratação da Fräulein. Sabe-se do interesse de Sousa Costa para que o filho continue a fortuna e não se desvirtue ao ponto de se casar com uma pobre, “O intuito da lição, que o pai deseja é mostrar que as águas não se misturam, à moça bem-nascida, a segurança da família construída e para os pobres o sexo irresponsável” (CARVALHO, 2009, p. 81). Nesse momento, o autor aponta a lição que Carlos tinha que aprender, isto é, entender a relação oposta entre amor e sexo. Assim como a sociedade da época, Carlos, como um homem de bens, guardaria o amor e o respeito à futura esposa e o sexo para as mulheres da vida, essas interessadas no dinheiro.

Enxergou a porta se abrindo. Ergueu a cara pro pai:

— Ela não teve a culpa, papai!

Não relumeava mais, mas sem imploração também. Emperrado apenas na própria verdade: quando uma mulher erra, só o homem é que tem a culpa. E, sem nenhuma temeridade, corajoso.

— Você está louco! Você sabe quem é essa mulher! E se ela agora te obriga a casar! Está muito bonito!

Carlos aterrado, casar! Que explosão de luz essa no cérebro! Luz ruim. Mas o apego a Fräulein subjuga todos os preconceitos, sociedade e futuro desaparecem, só Fräulein, o conchego de Fräulein fica. E ainda um pouco de coragem, cabeçudo. Flébil, flébil:

— Eu caso, papai...

— Bobo! Você não está vendo que é uma aventureira!

— Não é uma...

— Cale-se!

— Papai! mas ela não é uma aventureira!

Agora implorava. Que dó fazia na gente!

— Carlos, você é uma criança, Carlos! e não sabe nada, ouviu! E agora! E se tiverem um filho, como é! diga!! maluco...

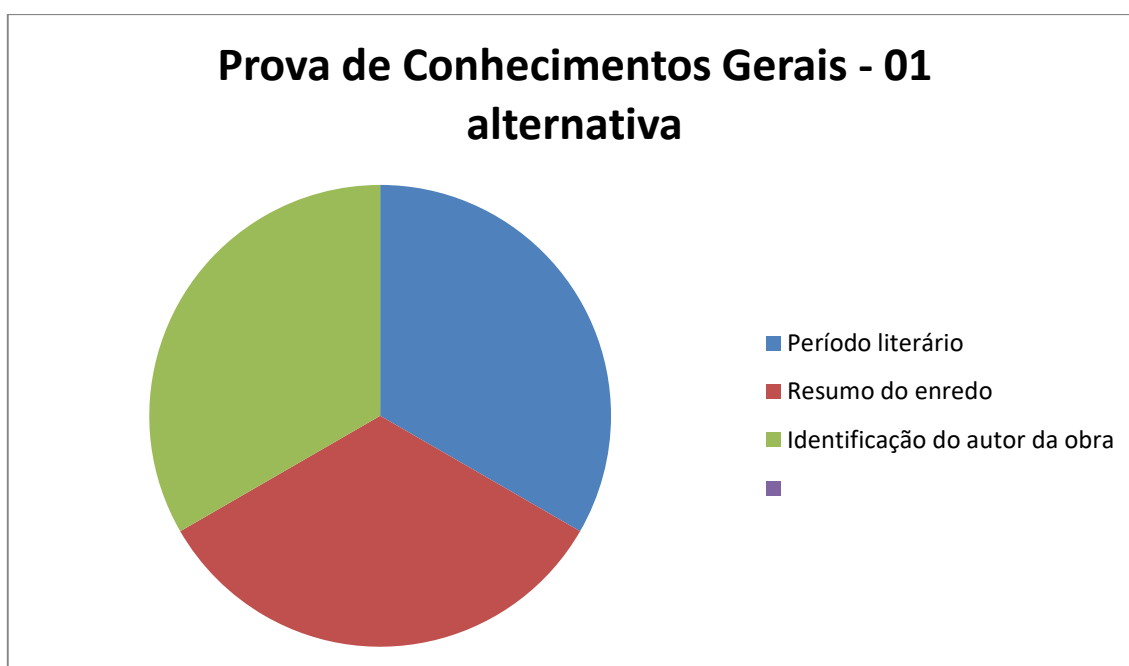
Ah! isso acabou Carlos. Caiu numa cadeira, chorou. Sousa Costa já estava cansado também. Sentou-se e falou manso. Aliás por pouco tempo, nem reparou que não ensinava nada. Viu o filho chorando e teve amor, consolou.

Felizmente ele estava ali pra acabar com aquilo. (ANDRADE, 2016, p. 91-92)

Logo depois que Sousa Costa viu o filho no quarto da governanta, dramaticamente o manda ao quarto para conversar e convencê-lo de que Fräulein não é a mulher certa para ele, que não passava de uma aventureira. Felisberto sente-se

satisfeito por estar participando desta situação para poder livrá-lo da existência de mulheres que desejam somente o dinheiro deles. Mais adiante, Sousa Costa alerta Carlos que, mesmo ele sendo uma criança, poderia gerar um filho e isso o assombrou terrivelmente. Esse idílio também acontece para mostrar a sociedade tal qual ela é, preconceituosa e manipuladora. Isso é notado em Felisberto, já que ele sentia orgulho que seu filho não sentisse medo e nem vergonha<sup>25</sup> do amor e aprendesse que um envolvimento com uma mulher qualquer o faria perder a classe de burguês.

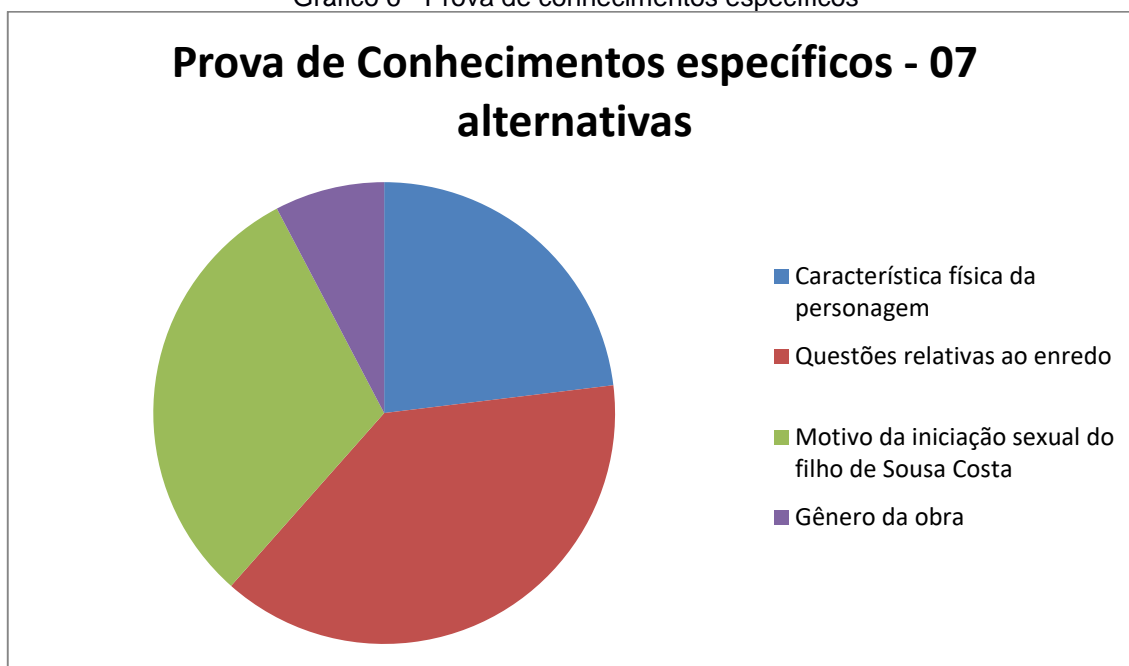
Gráfico 5 - Prova de conhecimentos gerais do romance *Amar, verbo intransitivo*, de Mário de Andrade



Fonte: A Autora

<sup>25</sup>Luciano Carvalho destaca os sentimentos do personagem Carlos, medo e amor, como uma representação do jovem de classe alta, que depois de aprender a intimidade do corpo da mulher a trata como uma mercadoria “Enfim, Carlos expressa o sentimento de um adolescente burguês das nossas sociedades, ensinado a temer o amor e se envergonhar com o prazer desperto na mulher. Ou seja, o tema do amor e medo, que o autor estudou no romantismo, é que caracteriza Carlos como um adolescente que representa o jovem burguês na sociedade capitalista.” (CARVALHO, 2009, p. 96-97)

Gráfico 6 - Prova de conhecimentos específicos



Fonte: A Autora

#### 2.4 ANÁLISE DAS QUESTÕES DA OBRA DE JORGE AMADO, *A MORTE E A MORTE DE QUINCAS BERRO D'ÁGUA*

Referente à prova de conhecimentos gerais, ela contempla somente uma questão do romance *A morte e a morte de Quincas Berro D'água*, de Jorge Amado. Para responder as alternativas dela, o candidato precisa saber o período literário da criação da obra, quem é o escritor. Mesmo que no próprio enunciado é informado o nome dele. Além disso, é necessário reconhecer o tipo de narrador, local da história e resumo do enredo.

O total de alternativas abordadas na prova de conhecimentos específicos foram de 06 alternativas. O assunto mais abordado foram as sucessivas mortes de Quincas Berro D'água. Ainda foram exigidos assuntos mais específicos da obra, não tão inusitados ao enredo do romance, tais como o que aconteceu no velório do personagem e no último capítulo do livro. O candidato deveria saber informações sobre o gênero da obra e do narrador do romance

Vestibular de inverno – Prova de conhecimentos específicos.

**12**– Assinale o que for correto.

02) No capítulo derradeiro da narrativa *A morte e a morte de Quincas Berro D'água*, não tendo nenhuma religião e nenhum parentesco com o morto, a irreverente personagem Vanda não apresenta exaltação alguma ante o morto. Ela sente até certo orgulho do riso infinito de deboche que o corpo de

"Quincas Berro Dágua" apresentava. O protagonista Quincas "berra" para Vanda, na água, uma poesia debochada que diz: "Com pedaços de mim eu monto um ser atônito".

Gabarito (alternativas 04 e 16).

A afirmação feita na alternativa dá várias dicas de que se trata de uma questão incorreta. A primeira delas é a informação sobre a personagem Vanda. Ela é a filha de Joaquim Soares da Cunha e esse é o tipo de conhecimento básico sobre as personagens.

A família do morto — sua respeitável filha e seu formalizado genro, funcionário público de promissora carreira; tia Marocas e seu irmão mais moço, comerciante com modesto crédito num banco — afirma não passar toda a história de grossa intrujice de bêbedos inveterados, patifes à margem da lei e da sociedade, velhacos cuja paisagem deverá ser as grades da cadeia e não a liberdade das ruas, o porto da Bahia, as praias de areia branca, a noite imensa. (AMADO, [1990-2000?]. p.06)

Um fato a ser observado no romance é o fato de Vanda pertencer a uma parcela da sociedade que cultivava uma vida diferente daquela que Quincas tinha escolhido para ele. O seu genro era funcionário público, o seu irmão Eduardo dono de um mercadinho e Vanda, sua filha, era vista pelos outros como uma pessoa respeitável. Já Joaquim Soares da Cunha decidiu abandonar a vida que levava ao lado da sua esposa Otacília, sua filha e também seu emprego de funcionário público.

A verdade é que Joaquim só começara a contar em suas vidas quando, naquele dia absurdo, depois de ter tachado Leonardo de *bestalhão*, fitou a ela e a Otacília e soltou-lhes na cara, inesperadamente:

– Jararacas!

E, com a maior tranquilidade desse mundo, como se estivesse a realizar o menor e mais banal dos atos, foi-se embora e não voltou. (AMADO, [1990-2000?]. p.22)

O fato de ele desabafar, mesmo sucintamente, sugere sua infelicidade diante daquela família.

Ainda se percebe que Vanda se tornou uma pessoa muito semelhante à sua mãe. Ela buscava uma vida confortável, tinha orgulho de seu marido ser de boa família e funcionário público. A envergonhada filha dava importância ao que os outros falavam sobre ela e sua família. Tendo como exemplo o momento que ela está velando seu pai, lá no quartinho do Tabuão e estava extremamente preocupada com as explicações que seu marido teria que dar para o chefe dele.

E Leonardo? Imaginou o marido cheio de dedos na Repartição, explicando ao chefe a inesperada morte do sogro. O chefe de Leonardo conhecera Joaquim nos bons tempos da Mesa de Rendas. E quem não o conhecera então, quem não lhe tinha consideração, quem poderia imaginar o seu destino? Para Leonardo seriam momentos difíceis, comentando com o chefe as loucuras do velho, buscando explicação para elas. O pior seria se a notícia se espalhasse entre os colegas, murmurada de mesa em mesa, enchendo as bocas de risinhos maledicentes, de piadas grosseiras, de comentários de mau gosto. Era uma cruz aquele pai, transformara suas vidas num calvário, estavam agora no cimo do morro, era ter um pouco mais de paciência. (AMADO, [1990-2000?]. p.13)

A ansiedade da personagem é porque seu esposo Leonardo teria que enfrentar, segundo Vanda, mais uma situação constrangedora por causa do pai dela. Ela estava aflita por causa das explicações que seu esposo daria sobre as peripécias do velho. O narrador destaca que a situação se agravaria se a notícia chegasse aos outros funcionários, Leonardo teria que enfrentar os comentários enfadonhos sobre o seu sogro.

De fato, a visão que Vanda passava aos outros pouco a pouco foi sendo desvendada por suas ações. A figura de uma filha que amava o pai e se importava com ele não se confirmou no momento que ela o encontra morto no quartinho.

Umhas poucas pessoas, gente da ladeira, espiavam o cadáver quando Vanda chegou. O santeiro informava em voz baixa:  
 – É a filha. Tinha filha, genro, irmãos. Gente distinta. O genro é funcionário, mora em Itapagipe. Casa de primeira...  
 Afastavam-se para ela passar, curiosos de vê-la lançar-se sobre o cadáver, abraçá-lo, envolver-se em lágrimas, soluçar talvez. No catre, Quincas Berro D'água, as calças velhas e remendadas, a camisa aos pedaços, num seboso e enorme colete, sorria como se estivesse a divertir-se. Vanda ficou imóvel, olhando o rosto de barba por fazer, as mãos sujas, o dedo grande do pé saindo da meia furada. Não tinha mais lágrimas para chorar nem soluços com que encher o quarto, desperdiçados umas e outros nos primeiros tempos da maluquice de Quincas, quando ela fizera tentativas reiteradas de trazê-lo de volta à casa abandonada. Agora apenas olhava, o rosto ruborizado de vergonha. (AMADO, [1990-2000?]. p.11)

A passagem narrada desmascara a filha de Quincas, porque os conhecidos que estavam ali em frente ao quartinho do morto davam passagem para ela entrar, logo, esperava-se que ela se debruçasse no corpo do pai e chorasse sentidamente com a perda. No entanto, ela examina cautelosamente o morto que lá estava e não chora. O narrador diz que ela já não tinha mais lágrimas, pois foram derramadas poucas vezes nos primeiros anos que Quincas saiu de casa. O protocolo de uma filha responsável e amorosa não foi cumprido. Longe disso, Vanda, com seu esposo, estava se sentindo mais aliviada e pior, sentia-se satisfeita com o falecimento do pai.

Mas agora sentia-se contente: olhando o cadáver no caixão quase luxuoso, de roupa negra e mãos cruzadas no peito, numa atitude de devota compunção. As chamas das velas elevavam-se, faziam brilhar os sapatos novos. Tudo decente, menos o quarto, é claro. Um consolo para quem tanto se amofinara e sofrera. Vanda pensou que Otacília sentir-se-ia feliz no distante círculo do universo onde se encontrasse. Porque se impunha finalmente sua vontade, a filha devotada restaurara Joaquim Soares da Cunha, aquele bom, tímido e obediente esposo e pai: bastava levantar a voz e fechar o rosto para tê-lo cordato e conciliador. (AMADO, [1990-2000?]. p. 20-21)

Nitidamente o narrador adentra nos pensamentos de Vanda e revela o seu contentamento de ver o pai no caixão. A situação causava um conforto nela, ao ponto de se sentir vitoriosa. Ela, assim como Otacília, gostava de um Joaquim sem voz, um homem que não reclamasse e aceitasse tudo que fosse ditado por elas. Portanto, Quincas voltou a ser Joaquim, o que é percebível até pelas vestimentas.

A leitura desse fragmento é relevante para esclarecer um ponto importante retomado na alternativa 01 da questão onze, prova Vocacionada de Verão.

Insistentemente na alternativa 02 da questão doze, ainda há uma citação de Vanda não ter nenhuma religião. Acredita-se que a simples informação de ela ter ou não religião não acrescentaria em nada na prova. Assim, seria necessária uma melhor elaboração do enunciado da questão abordando esse aspecto.

Ainda sobre religião, sabe-se que a filha era cristã, pois pretendia fazer um velório com intenções católicas e chamar o padre para enterrar o pai, mesmo reconhecendo que ele não merecia. Na arrumação do quarto, Vanda se orgulhava de duas velas enormes que havia colocado no lugar, elas reforçariam uma ideia mais sombria quando caísse a noite. No entanto, quando os amigos de Quincas, Pé-de-Vento, cabo Martim, Negro Martin e Curió chegaram ao local, viram uma cerimônia fúnebre contraditória com a vida de Quincas Berro D'água. Primeiramente, eles encontram um morto que nem mesmo parecia com Quincas por causa das roupas. Em seguida, os amigos, numa tentativa de velarem o companheiro, empenham-se numa reza que com muito esforço terminam. No entanto, eles sentem que Quincas não ficou muito empolgado com a reza e Pé-de-Vento decidiu colocar uma jia do lado do corpo do morto.

Ainda assim tentaram, Curió puxando a reza, os outros respondendo como melhor podiam. Finalmente Curió (que se havia posto de joelhos e baixara a cabeça contrita) irritou-se:

– Cambada de burros...

– Falta de treino... – disse o Cabo. – Mas já foi alguma coisa. O resto o padre faz amanhã.

Quincas parecia indiferente à reza, devia estar com calor, metido naquelas roupas quentes. Negro Pastinha examinou o amigo, precisavam fazer alguma

coisa por ele já que a oração não dera certo. Talvez cantar um ponto de candomblé? Algumas coisas deviam fazer. Disse a Pé-de-Vento:

– Cadê o sapo? Dá pra ele...

– Sapo, não. Jia. Agora, pra que lhe serve?

– Talvez ele goste.

Pé-de-Vento tomou delicadamente a jia, colocou-a nas mãos cruzadas de Quincas. O animal saltou, escondeu-se no fundo do caixão. Quando a luz oscilante das velas batia no seu corpo, fulgurações verdes percorriam o cadáver. (AMADO, [1990-2000?]. p. 20-21)

E, no momento que a jia entra em contato com o corpo de Quincas, acontece uma manifestação do sagrado. Essa observação foi mencionada por Silva (2016) que, no seu estudo sobre a obra de Jorge Amado, buscou ações na narrativa literária que valorizava adeptos ao Candomblé. Assim, ela refere-se ao contato da jia com Quincas.

O caixão, objeto simples, a princípio nada tem de sagrado, porém quando a jia é colocada nas mãos do defunto, ela corre e se esconde no fundo do caixão como se o mesmo se transformasse em um grande rio. Por fim, a junção entre corpo, jia e caixão faz alusão aos elementos água e terra, ou seja, a terra úmida é uma simbologia que transformada em hierofania faz emergir o egun de Quincas. Entende-se que, como entidade recomeça a vida, uma vida agora espiritual. Por se tratar de um personagem que faz alusão a um ser humano, ao morrer transforma-se em egun/egungun espíritos de pessoas falecidas. (SILVA, 2016, p. 2220)

Segundo a pesquisadora, no momento que a jia se encontra com as mãos de Quincas, acontece a união entre os elementos água e corpo, uma simbologia que faz acontecer a manifestação do sagrado. Após essa ocorrência, o espírito de Quincas retorna à vida, mas somente espiritualmente. É possível pensar em uma conexão forte do Candomblé com o personagem, já que no dia da sua morte ele foi achado por uma negra que havia ido ao seu quarto para buscar umas ervas que seriam utilizadas em festa de Xangô. Os acontecimentos posteriores, de Quincas responder aos amigos, demonstram uma hierofania. Desse modo, nota-se no romance a atenção para a religião afro-brasileira.

Vestibular de Verão – Prova Vocacionada.

**11**– A respeito da obra *A morte e a morte de Quincas Berro Dágua*, de Jorge Amado, assinale o que for correto.

01) No velório de uma das mortes de Quincas, por uns momentos, a filha Vanda fica a sós com o defunto. Então ela se recorda do antigo bom pai que ele tinha sido e com o qual tivera uma forte e carinhosa relação. Agoniada, Vanda acaba se desabafando num pranto incontrolável e, abraçando-se ao cadáver, fica gritando que quer morrer também.

Gabarito (alternativas 08 e 16)



A alternativa tem como objetivo que o candidato relembre o momento do velório de Quincas. A afirmação da questão diz que Vanda era uma filha que viveu momentos felizes com seu pai e no velório se desespera, abraça-o e chora incontrolavelmente. O fato de ser afirmado que ela tinha tido uma relação forte e amorosa com Quincas já indica que a alternativa está incorreta. Mesmo com pouco conhecimento do enredo, sabe-se que Quincas tinha abandonado a família, portanto, subentende-se que não teve uma relação de muito contato com sua filha. Desta maneira, para responder essa alternativa não se faz necessário que o candidato tenha lido o romance.

Há duas alternativas do vestibular que mencionam a morte como assunto principal delas.

Vestibular de Verão- Prova de Conhecimentos Gerais.

**06**– A respeito do romance *A morte e a morte de Quincas Berro Dágua*, de Jorge Amado, assinale o que for correto.

01) A primeira morte de Quincas Berro Dágua aconteceu quando ele foi esfaqueado numa briga dentro de um boteco, por trapacear no jogo de cartas.

04) A história é contada por um narrador de terceira pessoa, que já de início declara que até hoje ainda pairam dúvidas e contradições sobre a morte (ou as sucessivas mortes) de Quincas Berro Dágua, o protagonista do romance. Gabarito (alternativas 02 e 04)

A primeira é a alternativa número 01 da questão 06, prova de Conhecimentos Gerais, vestibular de Verão. Nela é declarado que a primeira morte de Quincas foi depois de uma confusão em um bar, ele tinha sido esfaqueado, porque trapaceou em um jogo de cartas. Assim, para o candidato não a assinalar, ele deve saber que isso não aconteceu com Quincas, já que o romance não declara o motivo da morte dele. Recordar-se o momento que o médico chega ao quatinho de Berro D'água.

O santeiro apontou o morto, o médico Cumprimentou Vanda, abriu a maleta de couro brilhante. Vanda levantou-se, afastando o caixão de querosene.

– De que morreu?

Foi o santeiro quem explicou:

– Foi encontrado morto, assim como está.

– Sofria alguma enfermidade?

– Não sei, não senhor. Conheço ele há uns dez anos e sempre sadio como um boi. A não ser que o doutor...

– O quê?

– ...chame cachaça de doença. Virava um bocado, era bom no trago.

(AMADO, [1990-2000?]. p. 14)

Compreende-se que o narrador não dá muita ênfase para explicar ao leitor o motivo da morte de Quincas. Logo, colocar em uma questão de vestibular para o aluno saber o motivo da morte de Berro D'água é irrelevante, não há importância no romance

sobre esse assunto. Ao abordar a morte é preciso fazer o aluno ir além do conhecimento superficial do enredo. Certamente se Quincas tivesse sido esfaqueado e morto em um bar, essas informações seriam repassadas em resumos banais. Nesta alternativa, conclui-se que não foi necessário ler o romance para respondê-la.

Persistindo no mesmo tema, há a alternativa 04, ainda da questão 06 da prova de Conhecimentos Gerais do vestibular de Verão. Para o aluno respondê-la é preciso ter as seguintes informações do romance, que ele é narrado em terceira pessoa e o narrador apresenta possíveis dúvidas sobre a morte, ou sucessivas mortes, de Quincas. Ainda se acredita que essas são informações habituais do enredo. Por isso, novamente é possível responder a afirmação sem ler o romance.

Vestibular de Verão – Prova Vocacionada.

**11**– A respeito da obra *A morte e a morte de Quincas Berro D'água*, de Jorge Amado, assinale o que for correto.

04) Trata-se de um romance do gênero "realismo fantástico" em que, de modo irônico e debochado, o próprio protagonista, o falecido Quincas, narra, em primeira pessoa, as suas errantes aventuras e as suas três sucessivas mortes, ocorridas de formas variadas e em diferentes cidades da Bahia.

A informação sobre o gênero do romance é interessante, mas ela não estimula o aluno a refletir ou até mesmo reconhecer o porquê de o romance se encaixar neste gênero. Por causa das afirmações que estão na alternativa, tais como narrador e local da história, facilmente é notado que a alternativa está incorreta. Portanto, não foi preciso a leitura do romance para respondê-la.

Vestibular de Verão – Prova Vocacionada.

**11**– A respeito da obra *A morte e a morte de Quincas Berro D'água*, de Jorge Amado, assinale o que for correto.

08) Embora o narrador desse romance inicie a história falando das confusões, dúvidas e contradições que ainda pairam sobre as sucessivas mortes de Quincas Berro *D'água*, ele acaba contando, com relativa clareza, como se deu cada uma delas.

16) A primeira morte de Quincas Berro *D'água* é, na verdade, uma morte simbólica, de caráter moral: depois que ele, bom marido, pai de família e exemplar funcionário público, decide largar a família e ir viver como vagabundo, cachaceiro e mulherengo, sua família o considera "morto" para a vida social, não mais falando dele ou então a ele se referindo como já falecido.

Na mesma questão onze, alternativa 08, os elaboradores persistem no tema da morte. É declarado que a história é cheia de confusões e de muitas dúvidas sobre as mortes de Quincas Berro *D'água*. Considera-se que essas são informações básicas

sobre o romance e, mesmo sem lê-lo completamente, o aluno assinalaria essa alternativa como correta.

A última alternativa que também menciona o assunto da morte é alternativa de número 16, questão 11, Prova Vocacionada de Verão. Ela cita a primeira morte de Quincas que seria simbólica, moral. Ele teria morrido para a família porque a abandonou e decidiu viver nas ruas bebendo cachaça, vagabundeando e se divertindo com mulheres. Outra vez a alternativa apresenta o enredo do romance e, para o candidato assinalá-la, pouquíssimas informações sobre ele seriam necessárias, logo o aluno a responderia facilmente.

Sabe-se que a discussão sobre as mortes de Quincas poderia ser mais bem explorada. Examina-se a primeira morte.

Em realidade, num esforço digno de todos os aplausos, a família conseguira que assim brilhasse, sem jaça, a memória de Quincas desde alguns anos, ao decretá-lo morto para a sociedade. Dele falavam no passado quando, obrigados pelas circunstâncias, a ele se referiam. Infelizmente, porém, de quando em vez algum vizinho, um colega qualquer de Leonardo, amiga faladeira de Vanda (a filha envergonhada), encontrava Quincas ou dele sabia por intermédio de terceiros. Era como se um morto se levantasse do túmulo para macular a própria memória: estendido bêbedo, ao sol, em plena manhã alta, nas imediações da rampa do Mercado ou sujo e maltrapilho, curvado sobre cartas sebatas no átrio da igreja do Pilar ou ainda cantando com voz rouquenha na ladeira de São Miguel, abraçado a negras e mulatas de má vida. Um horror! (AMADO, [1990-2000?]. p. 08)

Do ponto de vista dos familiares, a vida que Quincas escolheu era horrível, eles não aceitavam e nem tentavam compreender os motivos que o levaram a fazer isso. Sendo assim, a primeira morte de Berro D'água confirma-se como moral, no momento em que ele abandonou a família. A situação era extrema, uma vez que a esposa e a filha evitavam falar de Quincas. Quando alguém falava das bagunças dele, elas ficavam profundamente envergonhadas. Nesses momentos, elas tinham a impressão que Quincas, uma vez morto para eles, voltava à vida e as atormentavam.

Há claramente uma visão construída por parte da filha e da mãe no sentido do que é viver. Entende-se que viver para elas é ter um bom emprego, ser respeitado pelos vizinhos e estar ao lado dos familiares, independente se eles são respeitosos ou não. No entanto, Quincas decreta um fim desses valores impostos pela família dele. A partir do momento que Vanda anunciou um relacionamento mais sério com Leonardo e ela se vangloriou dele por ser funcionário público e de boa família, Quincas percebeu que a filha tinha as mesmas convicções da mãe. Então, ele chama o futuro

genro de bestalhão. De tal maneira que Joaquim se vê em Leonardo, ficar ali seria para ele reviver todas as afrontas já sofridas, pois certamente elas fariam de Leonardo um Joaquim. É possível pensar que Quincas deixou-as, mas sabia que não ficariam sozinhas, pois Leonardo assumiria o seu posto como um homem bom e obediente a elas.

Como foi exposto nas questões anteriores, a segunda morte é a carnal. Ela foi muito esperada pela filha e pela esposa, porque, por meio dela, teriam a regeneração da imagem de Joaquim.

Os homens da empresa funerária haviam feito bom trabalho, eram competentes e treinados. Como disse o santeiro, ao passar um instante para ver como as coisas se apresentavam, *nem parecia o mesmo morto*.  
Penteado, barbeado, vestido de negro, camisa alva e gravata, sapatos lustrosos, era realmente Joaquim Soares da Cunha quem descansava no caixão funerário – um caixão régio (constatou satisfeita Vanda), de alças douradas, com uns babados nas bordas. (AMADO, [1990-2000?]. p. 19)

Na visão da filha, os rapazes da funerária deram uma imagem mais respeitosa a Quincas. Agora, depois da morte corporal, as pessoas lembrariam, preferencialmente, de coisas boas dele, como por exemplo, Quincas era um bom homem, trabalhador e de boa família.

A última morte acontece quando Quincas se joga no mar. Depois de ele se manifestar espiritualmente, seus amigos decidem passear com ele pela cidade. É interessante que o narrador mescla uma realidade possível com uma imaginária, porque Quincas bebe, mas derrama grande quantidade de bebida. Ele também vai ao bar e um grupo de maconheiros pede a ele para afastar as pernas, mas o narrador diz que ele finge que não ouviu. Ao longo da noite, eles se juntam também com as mulheres, vão ao cais e encontram mestre Manuel com seu barco. Junto com eles estava Quitéria, com olhos lacrimejantes, reclamava do susto que tinha sentido ao saber da morte de Quincas, no entanto o narrador informa que ele nada dizia, simplesmente tocava a água com uma das suas mãos. Em seguida, o idílio é interrompido por uma forte tempestade. Desse modo, o narrador afirma que Quitéria viu Quincas em pé no barco, mesmo todos se segurando em cordas, ele estava sorridente, falou suas últimas palavras e se jogou em alto mar.

Segundo um trovador do Mercado, passou-se assim: *“No meio da confusão  
Ouviu-se Quincas dizer:  
”–Me enterro como entender*

*Na hora que resolver.  
Podem guardar seu caixão  
Pra melhor ocasião.  
Não vou deixar me prender  
Em cova rasa no chão."  
E foi impossível saber  
O resto de sua oração.*" (AMADO, [1990-2000?]. p. 56)

Além disso, o narrador destaca que há várias versões sobre as últimas palavras ditas por Quincas. E, concordando que seria difícil ouvi-lo com precisão no meio da tempestade, ele opta pela versão do trovador do mercado. Portanto, as últimas palavras de Quincas seriam de revolta à família, já que ele não deixaria que seu corpo cumprisse a cerimônia fúnebre escolhida por ela.

As demais alternativas optaram por se preocupar em abordar o período da criação da obra. Exemplo disso é a alternativa 02, questão onze, prova Vocacionada de Verão.

Vestibular de Verão – Prova Vocacionada.

**11**– A respeito da obra *A morte e a morte de Quincas Berro D'água*, de Jorge Amado, assinale o que for correto.

02) Esta narrativa, tal como os romances *O Quinze*, de Rachel de Queiroz, e *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, aborda a questão da seca no sertão nordestino e se enquadra no chamado Romance Regionalista de 30, do qual o escritor baiano Jorge Amado é um dos mais importantes representantes.

Para responder essa alternativa é preciso o aluno ter conhecimento da segunda geração do modernismo. Realmente os literatos como Rachel de Queiroz, Graciliano Ramos e Jorge Amado produziram romances nessa época, mas o livro, *A morte e a morte de Quincas Berro D'água*, não foi publicado nesse período. E não tem como tema a seca do Nordeste.

Vestibular de Verão- Prova de Conhecimentos Gerais.

**06**– A respeito do romance *A morte e a morte de Quincas Berro D'água*, de Jorge Amado, assinale o que for correto.

08) Esta obra do escritor baiano Jorge Amado se enquadra no chamado Romance Regionalista de 30, e sua história se passa na violenta região cacaueteira do sul da Bahia, onde várias narrativas deste autor são ambientadas.

02) Até os cinquenta anos, Joaquim Soares da Cunha era um bom marido e pai, respeitado amigo e vizinho, exemplar funcionário público, que a partir de então larga a família e passa a viver como vaga-bundo, beberrão e mulhereiro, sob o apelido de Quincas Berro D'água.

A abordagem da geração de 30 se iniciou na prova de conhecimentos gerais. Para o aluno responder à questão é preciso ele saber a data que foi publicado o romance e onde se passava a história. Também facilitaria para ele saber quais eram as obras e temas abordados na segunda geração modernista. Fica claro que o velho sistema de ensinar literatura foi priorizado nas alternativas do vestibular, porque o aluno deve saber datas e relacionar nomes a períodos literários. Portanto, a obra literária foi deixada de lado e aquele aluno que leu o livro integralmente não foi respeitado, uma vez que para responder à questão não se faz necessária a leitura do romance.

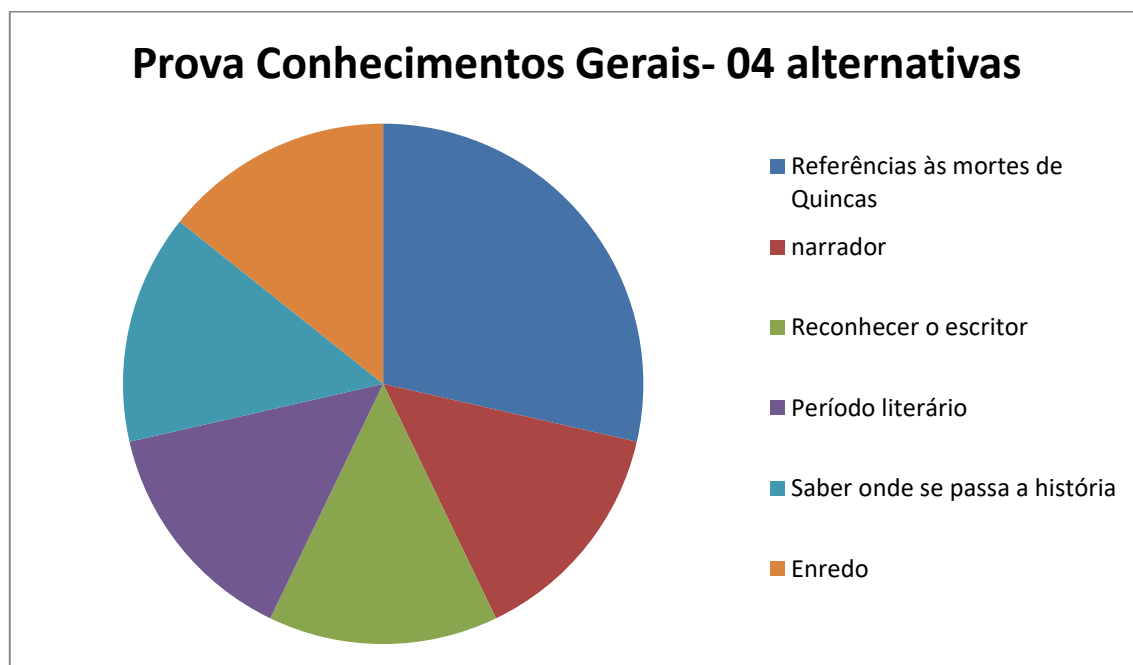
A última questão analisada, referente ao romance, é a alternativa 02, número 06, Prova de Conhecimentos gerais de Verão. Ela apresenta um resumo do romance, menciona que até os cinquenta anos de idade Joaquim Soares da Cunha morava com a família, tinha um emprego e era um homem respeitado. Depois, decidiu viver dias de vagabundagem e ficou conhecido como Quincas Berro D'água. As afirmações acerca do romance são muito superficiais e não exigem do aluno uma reflexão sobre a obra. Caso os cursinhos preparatórios e professores seguirem o modelo das questões do vestibular da UEPG, eles se deterão ao enredo da história. Os candidatos que estudaram sobre o romance lembrarão do motivo do apelido do Quincas, essa informação ajudaria na resolução da alternativa. Sobre o apelido recorda-se que:

Não que seja fato memorável ou excitante história. Mas vale a pena contar o caso pois foi a partir desse distante dia que a alcunha de *berro d'água* incorporou-se definitivamente ao nome de Quincas. Entrara ele na venda de Lopez, simpático espanhol, na parte externa do Mercado. Freguês habitual, conquistara o direito de servir-se sem auxílio do empregado. Sobre o balcão viu uma garrafa, transbordando de límpida cachaça, transparente, perfeita. Encheu um copo, cuspiu para limpar a boca, virou-o de uma vez. E um berro inumano cortou a placidez da manhã no Mercado, abalando o próprio Elevador Lacerda em seus profundos alicerces. O grito de um animal ferido de morte, de um homem traído e desgraçado:  
– Águuuuu! Imundo, asqueroso espanhol de má fama! (AMADO, [1990-2000?]. p. 27)

O narrador conta que, em uma brincadeira, os amigos colocaram água no copo e Quincas esperava cachaça. Ao beber o líquido, Quincas berra ferozmente a palavra água. A partir deste dia, ele ficou conhecido como Quincas Berro D'água. Nota-se que o elo das novas amizades partia de coisas simples, eles gostavam da

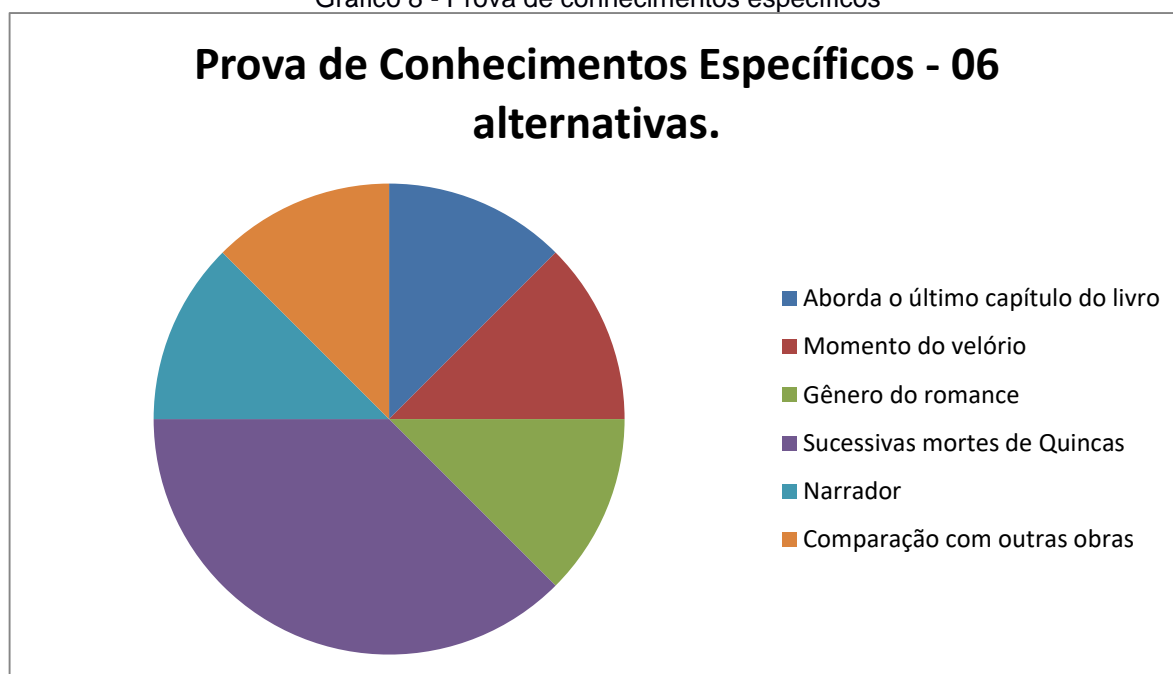
companhia de Berro D'água, admiravam o fato de ele reconhecer gostos, perfumes e procedências de cachaças.

Gráfico 7 - Prova de Conhecimentos gerais do romance A morte e a morte de Quincas Berro D'água, de Jorge Amado.



Fonte: A Autora

Gráfico 8 - Prova de conhecimentos específicos



Fonte: A Autora

## 2.5 ANÁLISE DAS QUESTÕES DA OBRA DE MANOEL DE BARROS, *LIVRO SOBRE NADA*

O candidato precisou apenas responder uma alternativa da prova de conhecimentos gerais e ainda ela era incorreta. Para isso era preciso o aluno saber sobre o assunto da obra e tipos de versos.

Na prova de conhecimentos específicos, somaram-se o total de doze alternativas. Como já era de se esperar, o principal assunto delas foi a linguagem. Inclusive teve uma questão inteira que solicitou informações sobre o idioleto manoelês arcaico, isso inclui o objetivo de o autor escrever tal língua. As alternativas solicitaram que o candidato reconhecesse o estilo poético de Barros, ainda que os poemas são feitos com uma mistura de linguagem coloquial e forma. Também os candidatos deveriam saber o tema do livro, estrutura, tipos de versos e a insistência da utilização do prefixo *-des*. Na oportunidade, foi feita uma comparação de Manoel de Barros com o poeta João Cabral de Mello Neto.

A análise inicia-se com a questão treze.

Vestibular de Inverno. Prova Vocacionada.

**13**– Sobre as obras de Cristovão Tezza e Manoel de Barros, assinale o que for correto.

01) Manoel de Barros procura, com seu estilo poético, atrapalhar as significâncias usuais do cotidiano e valorizar a vacuidade, em uma espécie de inspiração para a *desaprendizagem*.

Gabarito (01, 02 e 04)

O excerto aborda o estilo poético do autor, afirmando que a desordem nas coisas habituais do dia a dia e a valorização do vazio procuram inspiração para a *desaprendizagem*. Inegavelmente a afirmação expõe, mesmo de maneira geral, o fazer poético de Barros. No entanto, a questão não coloca o candidato para refletir sobre esse fazer poético. Indaga-se sobre o que essa alternativa contribuiu com o desenvolvimento de um pensamento crítico da obra literária. Como saber se o aluno soube ler literariamente a poesia de Manoel de Barros? Qual foi a interpretação que o candidato precisou demonstrar sobre o texto poético?

Ao analisar a questão, observa-se que ela conduz a questionamentos interessantes sobre a obra. Tais como, o que seria a *desaprendizagem*? Qual a importância da inutilidade, do nada, do vazio para a poesia de Manoel de Barros? Por que essas coisas trazem inspiração a ele?

Diante de tais dúvidas, chama-se a atenção para a palavra *desaprendizagem*. Para a análise dela, retoma-se a seguinte passagem.



A ciência pode classificar e nomear os órgãos de um sabiá  
 Mas não pode medir seus encantos.  
 A ciência não pode calcular quantos cavalos de força  
 Existem  
 Nos encantos de um sabiá.  
 Quem acumula muita informação perde o condão de  
 Adivinhar: divinare.  
 Os sabiás divinam. (BARROS, 1996, p.53)

Compreende-se que na poesia de Barros não se encontra uma aprendizagem já imposta, determinada. Dessa forma, percebe-se que para alcançar o texto poético é preciso fazer um processo inverso do que se está acostumado. Assim, retoma-se as origens para entrar em um campo singelo que mostraria a simplicidade, lugar simbólico que desconstrói o mundo racional para fazer poesia a partir do nada. Além disso, o texto poético não se concentra no pensamento humanista, ele se volta para um mundo inventado, em que o olhar contempla as coisas inúteis. O eu lírico brinca com as palavras e insiste que a ciência jamais poderia calcular quantos cavalos de força existem nos encantos de um sabiá, porque a poesia de Manoel de Barros está em um campo inexplicável, inalcançável.

Outro fato intrigante é o constante uso do prefixo *des-* nos poemas do poeta, também foi utilizado na palavra *desaprendizagem*. A insistência da utilização do prefixo nas palavras foi assunto em uma das alternativas sobre o romance, a questão quatorze, número 04, Prova Vocacionada do Vestibular de Verão.

Vestibular de Verão- Prova Vocacionada

**14**– A respeito da obra *Livro sobre nada*, de Manoel de Barros, assinale o que for correto.

04) O tempo todo o poeta vai invertendo as verdades do senso comum, estilisticamente usando, por exemplo, o prefixo negativo "des-", em versos como: "As coisas tinham para nós uma desutilidade poética." – "Olha o urinol enferrujado. / Serve para o desuso pessoal de cada um." "Vô! O livro está de cabeça pra baixo. / Estou deslendo." – "Trabalho arduamente para fazer o que é desnecessário."

Gabarito (01, 02 e 04).

Concorda-se com afirmação da alternativa, pois ela diz que o poeta inverte as verdades do senso comum ao utilizar o prefixo *des-* e, em seguida, são expostos versos exemplificando o que foi dito. Evidencia-se a simetria entre a afirmação e a exemplificação, isso não exige muito do candidato, praticamente o objetivo está na interpretação da alternativa, não da obra.

Para refletir, reproduzem-se os versos:

As coisas tinham para nós uma desutilidade poética.  
 Nos fundos do quintal era muito riquíssimo o nosso dessaber.  
 A gente inventou um truque pra fabricar brinquedos  
 Com palavras.  
 O truque era só virar bocó.  
 Como dizer : Eu pendurei um bentevi no sol...  
 O que disse Bugrinha: Por dentro de nossa casa passava  
 Um rio inventado.  
 O que nosso avô falou: O olho do gafanhoto é sem princípios.  
 Mano Preto perguntava: Será que fizeram o beija-flor  
 diminuído só para ele voar parado?  
 As distâncias somavam a gente para menos. (BARROS, 1996, p.11)

O que se observa é a experiência vivida pelo eu lírico e ela favorece o campo da criação poética. A memória muito presente traz um novo direcionamento para o leitor que deve observar o irrelevante e ouvir os insignificantes. Evidencia-se a comunicação existente nos versos transcritos e ela convida a novas experiências, como dizem os versos “A gente inventou um truque pra fabricar brinquedos / Com palavras. O truque era só virar bocó.”.

E, ao ressaltar novamente o uso do prefixo *des-*, entende-se que para o eu lírico não é importante o saber, mas o dessaber, descompromissado com a ciência. Nesse ponto, o lugar que a poesia barriana habita não é no óbvio, mas ela está antes de chegar nele. Talvez ela esteja no percurso contrário ou na sua gênese.

As alternativas contrapõem-se à análise dos versos da poesia de Manoel de Barros. Nota-se uma simplificação da obra no modo como as questões foram elaboradas. Mais uma vez, a alternativa 01 da questão treze, com pouca informação sobre a poetização de Manoel pode ser considerada correta.

Na alternativa 04, questão quatorze, basta somente interpretar a frase, não há necessidade de estudar o texto literário. Portanto, em nenhuma das duas alternativas foi preciso ler a obra do poeta.

Vestibular de inverno- Prova Vocacionada.

**14**– Manoel de Barros, em *Livro sobre nada*, alega escrever o "idioleto manoelês arcaico". Sobre este dado, assinale o que for correto.

01) Segundo o poeta, "Idioleto é o dialeto que os idiotas usam para falar com as paredes e com as moscas".

02) Manoel de Barros, em seu *manoelês*, confessa que se põe muito cerebralmente em tudo quanto escreve, propondo uma poesia concorrente com a de outro pantaneiro: João Cabral de Melo Neto.

04) "Estômago", escrita exatamente deste modo, seria uma das palavras exemplificadas como pertencente ao idioleto manoelês arcaico.

08) Localizar as significâncias mais modernas e solenes da representação vem a ser o objetivo do idioleto de Manoel de Barros.

16) Manoel de Barros confessa, em nota de rodapé, que aprecia uma "desviação ortográfica para o arcaico".  
Gabarito ( 01, 04 e 16)

Dando continuidade às análises, há a questão quatorze, Prova de inverno, vocacionada. Ela pretende abordar o idioleto manoelês arcaico e, repetidamente, solicita ao candidato para assinalar o que for correto. A alternativa 01 expõe um verso do poeta que menciona o idioleto como um dialeto “para falar com as paredes e moscas”. É provável que o intuito fosse que o candidato lembrasse dos versos. Para contextualizar a reflexão da obra, transcreve-se parte do poema citado na alternativa.

Escrevo o idioleto manoelês arcaico (Idioleto é o dialeto que os idiotas usam para falar com as paredes e com as moscas). Preciso de atrapalhar as significâncias. O despropósito é mais saudável do que o solene. (Para Limpar das palavras alguma solenidade- uso bosta.) Sou muito higiênico. E pois. O que ponho de cerebral Nos meus escritos é apenas uma vigilância para não cair Na tentação de me achar menos tolo que os outros. Sou Bem conceituado para parvo. Disso forneço certidão. (BARROS, 1996, p.43)

O fragmento faz referência à linguagem textual utilizada pelo eu lírico, chamado idioleto manoelês. Para que o leitor entenda o idioleto, é preciso fazer um pacto com a arte barriana, assim ele adentrará nesse mundo textual poético a partir da construção ou reinvenção da linguagem. Na obra do poeta Barros, o leitor exerce uma função significativa, ao ponto de contribuir com sua criação. Nismária Alves David Barros estudou a posição do leitor diante da obra na tese de doutorado da Universidade Federal de Goiás. A pesquisadora se concentrou nas obras do poeta publicadas entre os anos de 1937 a 2008. O estudo se fundamenta a partir do conceito de leitor-modelo de Umberto Eco. Sobre o lugar do leitor, ela ressalta:

Cabe ao Leitor-Modelo, reconhecer, considerar e compartilhar o estilo barriano, cooperando para atualizá-lo. O leitor é impelido a uma travessia que passa por estratégias que buscam revigorar a poesia. Isso se justifica porque, no idioleto manoelês, o tema maior e sempre recorrente é a busca da poesia. O modo de poetizar de Barros sinaliza a poesia como o lugar que pensa o fazer poético e, por esse caminho, pensa o leitor. Além de pensar a si mesma, a poesia barriana pensa o homem, seus valores e seu esforço de expressar-se liricamente. (BARROS, 2010, p.136)

A pesquisadora dá ênfase à linguagem, que seria o idioleto manoelês. Apoiada na teoria de Umberto Eco, ela diz que, para o leitor compreender o novo lugar

que se encontra o dialeto, é necessário que ele faça o pacto com a obra. A partir desse pacto, o leitor entenderá que a criação da poesia barriana está nesse lugar. Em certa medida, também se trata do universo próprio citado por Carlos Eduardo Brefore Pinheiro, uma vez que é o lugar/ universo que permite a inversão de olhares irregulares e da criação poética. Barros (2010), por abranger um estudo maior da obra de Manoel de Barros, vai além ao defender que a participação do leitor na obra barriana não é só de contemplação.

Diante disso, então, qual é o lugar do leitor na poesia de Manoel de Barros? Embora Eco (2008, p. 285) tenha dito que a comunicação não veicula um só significado, pode-se arriscar em dizer que o lugar do leitor em Barros é o lugar da criação: fazer a poesia e fazer o sujeito e é também fazer o leitor. Com a realização deste trabalho, verificou-se a dificuldade de demarcar, com precisão, em linha reta, as conquistas estéticas de Manoel de Barros. Mesmo assim, toma-se a imagem da espiral (caracol) para representar o movimento do fazer poético barriano que se volta sobre si mesmo e aos mesmos lugares, criando uma dicção tão singular.

Por fim, este trabalho trouxe uma visão sobre o lugar do leitor na obra barriana, cuja pesquisa obviamente continua inconclusa, visto que Barros tem, literalmente, uma obra aberta que ainda trará outras contribuições a lírica brasileira. (BARROS, 2010, p.136)

A estudiosa sustenta que a poesia de Manoel de Barros é tão singular que necessita não só de leitura, como também da participação do leitor na criação do texto poético, e isso causa uma atenção redobrada na elaboração das alternativas. Ao ser concluído esse processo, mecanicamente cria-se um novo sujeito. A pesquisadora ainda destaca a imagem em espiral (caracol), na qual a linguagem serviria tanto para externar a poesia quanto para se questionar.

Nesses critérios, a alternativa poderia manifestar uma interpretação mais abrangente sobre o dialeto utilizado pelo eu lírico no poema.

A próxima alternativa, da mesma questão, é a de número 02. Nela se afirma que Manoel de Barros, autor, confessa um esforço na produção da sua escrita e propõe uma poesia concorrente com João Cabral de Melo Neto. No mesmo texto, assegura-se que João Cabral é pantaneiro. Em uma primeira leitura, o candidato acostumado com um ensino historiográfico, pautado nas biografias dos autores, já poderia eliminar a questão. Isso porque ele saberia que João Cabral de Melo Neto é pernambucano, não pantaneiro.

Outro ponto observado foi na questão doze, Prova Vocacionada de Inverno, alternativa dois, em que menciona que Quincas Berro D'água, protagonista do

romance *A morte e a morte de Quincas Berro D'água*, grita para Vanda a poesia: “Com pedaços de mim eu monto ser atônito”. Quem elaborou a questão certamente sabe que a linguagem utilizada por Manoel de Barros é reconhecível, todavia não é possível compreender qual a intenção da alternativa. Quiçá se trata somente de memorização ou uma tentativa de analogia do personagem ao verso.

Ao retomar a alternativa 02, há necessidade de uma melhor explicação, porque o texto da alternativa dá a entender que foi Manoel de Barros quem falou sobre o dialeto. Portanto, é preciso esclarecer que o autor é aquele sujeito que escreveu a obra, sendo assim, Manoel de Barros. E, quem é possuidor do dialeto é o eu lírico, entidade fictícia.

No que se refere à citação ao poeta pernambucano, recorda-se o texto de Alberto Pucheu, Manoel de Barros: em que acreditar senão no riso?

Poucos dias depois, telefonei mesmo para ele e agendamos a visita imediata. Nela, o assunto do riso voltou à tona quando lhe disse que, para mim, leitor assíduo e admirativo de João Cabral, descobri nele um trabalho de linguagem tão intenso quanto o do poeta pernambucano, mas que, por uma direção inteiramente distinta, abria todo um novo campo de possibilidades e respiração para a poesia. Foi quando ele me disse, rindo: "A diferença entre mim e Cabral é que ele não sabe rir". (PUCHEU, 2015, v.29 no.85, n.p)

Esse texto foi apresentado no Ciclo de Conferências da Academia Brasileira de Letras, em julho de 2014. Pucheu (2015) discute a designação do poeta em fazer poesia em um plano da inutilidade. Assim, o estudioso observou que a fusão entre as coisas inúteis e o desregramento linguístico cria novos sentidos no texto poético de Barros. Ressalta-se que não se trata de um estudo unicamente do *Livro sobre nada*, mas o crítico faz uma fala sobre João Cabral de Melo Neto. Ele confessa ser um leitor assíduo do pernambucano e, depois que iniciou a leitura das poesias de Manoel de Barros, notou um novo campo de possibilidades e visão do texto poético.

A análise da questão quatorze, agora alternativa 04, exhibe a palavra “estômago”, como um exemplo de idioleto manoelês arcaico. Há uma reincidência de interpretação, mesmo o aluno não tendo lido uma página sequer da obra, pode associar a palavra, por causa da sua grafia, ao dialeto criado pelo eu lírico. Sendo assim, o candidato não precisou refletir sobre o que seria esse dialeto ou qual a contribuição dele na poesia de Manoel de Barros. A nota de rodapé traz a explicação sobre o dialeto:

Falar em arcaico: aprecio uma desviação ortográfica para o arcaico. Estômago por estômagô. Celeusma por celeuma. Seja este um gosto que vem de detrás. Das minhas memórias fósseis. Ouvir estômago produz uma ressonância atávica dentro de mim. Coisa que sonha de retravés. (BARROS, 1996, p.43)

Pucheu (2015), ao fazer crítica das ideias debatidas nas obras de Manoel de Barros, afirma que o dialeto arcaico é mesmo voltar em um tempo remoto. Desse modo, o poeta também retorna a sua infância, reaprendendo a errar a língua. O exercício de desobediência à língua padrão cria o chão da poesia barriana. Congruente com esse pensamento, lê-se o texto de Carlos Eduardo Pinheiro.

A meta do eu-lírico, a partir do “idioleto manotelês arcaico”, é recriar a linguagem e seus significados (“atrapalhar as significâncias”), atribuindo ao signo linguístico novas e inúmeras significações. Atente-se para o uso do vocábulo “arcaico”, escrito em linguagem arcaica com o intuito de demonstrar a já analisada volta no tempo: utilizando a forma “arcaico”, o eu-lírico lança um olhar para a longínqua formação da língua portuguesa, evidenciando a busca da invenção da linguagem a que o trabalho poético se propõe. (PINHEIRO, 2008, p.06)

O autor supracitado aborda, em seu artigo, a reflexão sobre a arte poética no livro *Sobre Nada*, de Manoel de Barros. Ele faz um estudo sobre o autoquestionamento da natureza da arte na obra do autor. Apoiado no teórico Teixeira Coelho (2001), Pinheiro (2008) explica que a arte, ao falar de si mesma, constrói uma concepção metalinguística. Nesse aspecto, a poesia do Manoel de Barros é a linguagem sendo utilizada para criar a arte e repensá-la. Carlos Eduardo Brefore, destaca que:

Fazendo referência a Octavio Paz, Teixeira Coelho (2001, p. 45) afirma que, na era moderna, a linguagem torna-se um duplo do Universo: criando-se (ou recriando-se) a linguagem de forma artística, estar-se-á criando um novo Universo. Donde a autocrítica a que a linguagem artística se submete, a autorreflexão sobre o processo de criação, de transformação de si mesma. Ter-se-ia, assim, não uma reflexão sobre aquilo que é visível, mas, sim, tentativas de “tornar” visível tudo aquilo que está oculto, pronto para revelar-se. (PINHEIRO, 2008, p.1)

Especificamente sobre a linguagem, esse idioleto arcaico de Manoel de Barros propicia a criação de dois universos. Um; que a poesia é arte e outro; a linguagem utilizada no processo de autorreflexão se torna também objeto de contemplação. Pinheiro (2008) acrescenta que, em épocas modernas, é mais habitual a linguagem proporcionar a criação do objeto artístico e se reinventar.

Na sequência tem-se a alternativa 08. Nela se lê que localizar os valores mais modernos é um dos objetivos do idioleto de Manoel de Barros. Espera-se que o aluno utilize o conhecimento do senso comum e consiga associar a palavra idioleto a idiota e, quem sabe, imagine que essa não seja uma significância moderna buscada por Manoel. Essa analogia possível daria certo somente para não assinalar a questão, pois ela é incorreta. No entanto, o leitor crítico da leitura literária apreenderia que a palavra idioleto nada possui de idiota. Uma vez que somente aquele que tem a capacidade de usar essa linguagem alcança o sentimento poético.

A última alternativa dessa questão é a de número dezesseis. Ela cita que Manoel de Barros confia que gosta de uma desviação ortográfica. Ainda com pouca informação sobre a obra e linguagem do poeta, é possível assinalar essa questão, porque como já explicitado sobre o dialeto, demonstra-se que a linguagem barriana é marcante e perceptível.

Prova Vocacionada- Vestibular de Verão

**14**– A respeito da obra *Livro sobre nada*, de Manoel de Barros, assinale o que for correto.

02) Os poemas deste livro, misturando com naturalidade linguagem coloquial e linguagem culta, criam paradoxos, metáforas inesperadas e imagens inusitadas, como: – "Nos fundos dos quintais era muito riquíssimo o nosso dessaber." – "Eu pendurei um bem-te-vi no sol..." – "Só o obscuro nos cintila." – "Meus filhos, o dia já envelheceu, entrem pra dentro."

Gabarito (01, 02 e 04)

Nessa mesma direção tem-se a alternativa 02, da questão quatorze, Prova Vocacionada de Verão. Ela cita que o livro de Manoel de Barros trata de poemas e nele mescla-se a linguagem coloquial e culta. Além disso, que a utilização dessas duas linguagens cria figuras de linguagens, tais como metáforas e paradoxos. Em seguida, exemplifica-se com frases do poema. A lógica utilizada para respondê-la pode ser por meio da associação do que foi exposto nos exemplos citados. Para o candidato, também é possível correlacionar os poemas de Barros ao uso das duas linguagens citadas. No entanto, é preciso analisar que a linguagem coloquial é aquela falada no dia a dia e facilita a comunicação entre o emissor e receptor. Em contrapartida, a linguagem utilizada na poesia de Manoel de Barros ultrapassa a linguagem do cotidiano, ela é reinventada, não só porque aprecia os desvios gramaticais. O ponto divergente seria de o leitor apreender o sentido do dialeto manelês. Assim, novamente, enfatiza-se o texto da Nismária Alves (2010) sobre o pacto do leitor com a obra. Somente o leitor-modelo compreenderia a linguagem facilmente, porque ele conseguiu se inserir na compreensão da poesia,

consequentemente, do dialeto mannelês. Referente aos personagens tais como Mano Preto, o avô, a Bugrinha, eles se comunicam com o eu lírico na poesia, eles compreendem a linguagem. Até mesmo o direcionamento do olhar dos personagens é concomitante com o do eu lírico, eles olham o mundo de forma díspar.

Sendo assim, todas as alternativas da questão quatorze, Prova Vocacionada de inverno, assim como a alternativa 02 da questão quatorze, Prova Vocacionada de Verão, não demonstraram a necessidade, nos seus enunciados, de o leitor ler a obra na íntegra para respondê-las.

Prova de conhecimentos gerais – vestibular de verão

**07**– Assinale o que for correto.

04) *Livro sobre nada*, de Manoel de Barros, é uma coletânea de trovas e sonetos que abordam as grandes ambições humanas, como o poder, o dinheiro, o saber e o sucesso, os quais são "nada" diante dos valores espirituais e metafísicos, conforme a visão satírica do sujeito lírico que se manifesta nos versos.

Gabarito (01, 02 e 08)

Vestibular de Verão- Prova Vocacionada

**14**– A respeito da obra *Livro sobre nada*, de Manoel de Barros, assinale o que for correto.

08) Esta obra é um romance de crítica social em que o narrador de primeira pessoa vai satirizando as grandes ambições humanas, tais como o poder desmedido, o luxo e a riqueza, a busca insaciável do conhecimento e o sucesso a qualquer custo, mostrando que, na realidade, tudo isso é "nada" diante dos verdadeiros valores humanísticos.

Gabarito (01, 02 e 04)

As duas alternativas são bem semelhantes, pois elas afirmam a obra de Manoel de Barros de forma genérica. A primeira, de número 04, o candidato precisa saber que o livro não é uma coletânea de trovas e sonetos, nesse sentido se compreende a importância de o aluno conhecer tipos de poemas. Neste momento, a questão favorece um saber encontrado no estudo do gênero lírico. Dessa maneira, lembra-se da proposta insistente de um dos documentos oficiais da educação, os Parâmetros Curriculares para o Ensino Médio. Eles incentivavam os estudos dos gêneros literários, pode-se compreender essa alternativa como resquício desse tempo. A questão enfatiza que a obra aborda as grandes ambições humanas, como luxo e riqueza.

A alternativa 08, questão quatorze, deseja apenas que o aluno tenha conhecimento sobre o gênero da obra, porque ela afirma que o livro de Manoel de Barros é um romance narrado em primeira pessoa. Além disso, a questão revela um



conhecimento geral da obra literária, como se isso fosse suficiente para o candidato saber.

Inclusive, percebe-se uma insistência na alternativa 16 da mesma questão 14. Nela se usa a mesma abordagem. Basta o aluno ter ciência dos tipos de poemas e formas poéticas. A alternativa privilegia a compreensão das escolas literárias e esse conhecimento ajudaria a eliminar a alternativa.

Na mesma direção, tem-se a alternativa 01. Para o aluno respondê-la, ele deve ter conhecimento mínimo sobre a vida do autor e a obra. Se o candidato souber que Manoel de Barros é mato-grossense, autor contemporâneo e seus versos dão ênfase às coisas simples, pequenas e que elas compõem a poesia barriana, o aluno assinalará a alternativa como correta.

Assim, as últimas alternativas analisadas 01, 04, 08 e dezesseis não necessitaram de interpretação, muito menos leitura do *Livro sobre nada*.

Vestibular de Inverno- Prova Vocacionada

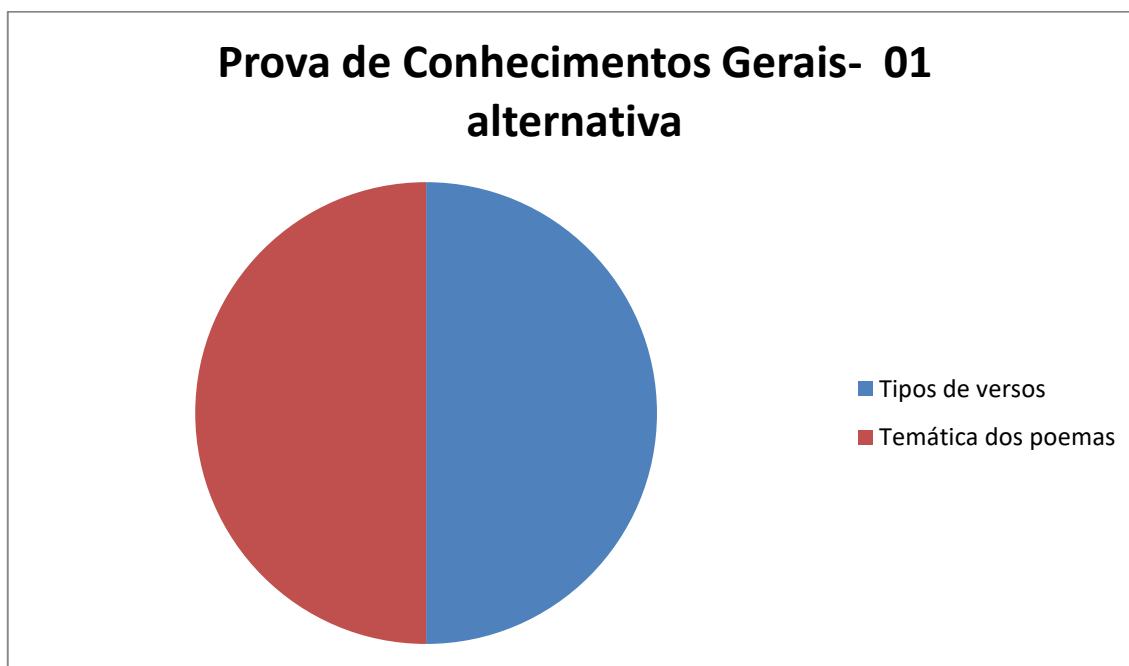
**13**– Sobre as obras de Cristovão Tezza e Manoel de Barros, assinale o que for correto.

02) Em *Livro sobre nada*, a busca de encontrar e valorizar o sublime no rasteiro, aparece em versos como "Só as coisas rasteiras me celestam" e "Hei de monumentalizar os insetos". Elementos vegetais e minerais aparecem na poesia manoelina, tais como nestes versos: "Sabedoria pode ser que seja estar uma árvore" ou "Eu queria ser lido pelas pedras".

Gabarito (01, 02 e 04)

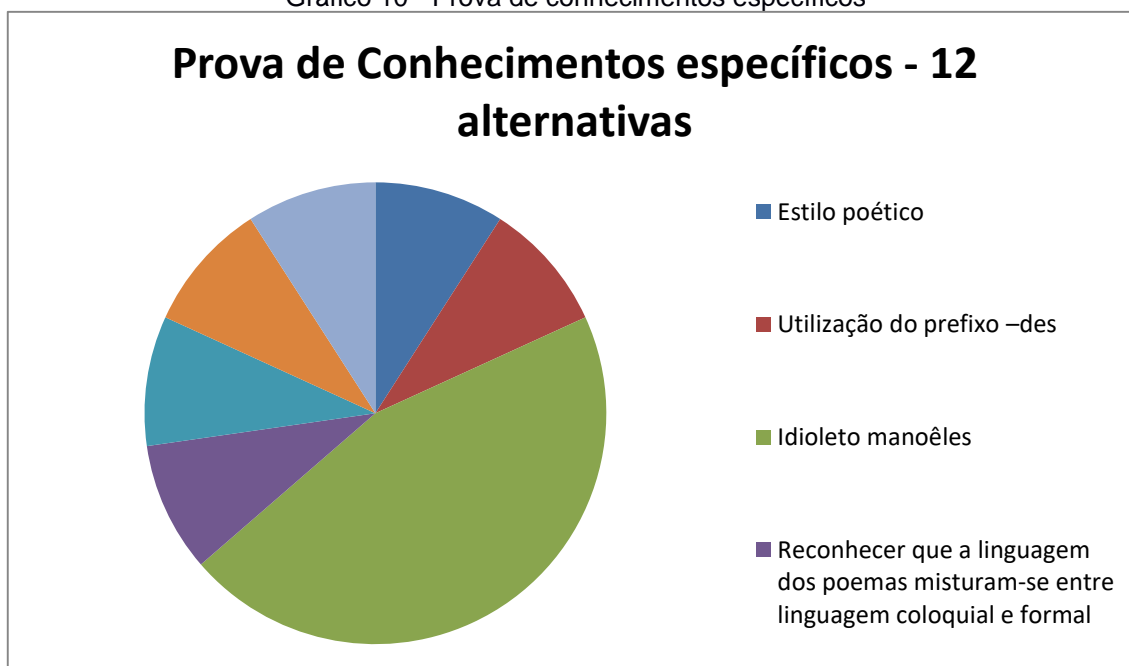
A última alternativa destaca que o livro busca valorizar o sublime no rasteiro, em seguida expõe o verso: "Só as coisas rasteiras me celestam", assim como elementos vegetais e minerais, seguidamente dos versos "Sabedoria pode ser que seja estar uma árvore" ou "Eu queria ser lido pelas pedras". Para a resolução é possível, novamente, estabelecer relação de semelhanças entre o que foi afirmado e os versos transcritos. Nessa situação, para responder a alternativa, não foi preciso ler a obra literária.

Gráfico 9 - Prova de conhecimentos gerais do Livro sobre nada, de Manoel de Barros



Fonte: A Autora

Gráfico 10 - Prova de conhecimentos específicos



Fonte: A Autora

## 2.6. A RESPONSABILIDADE DAS UNIVERSIDADES NO ENSINO DA EDUCAÇÃO BÁSICA

Ressalta-se que a prova do vestibular é um discurso que se reflete na didática dos conteúdos literários no ambiente escolar. Nessa perspectiva, a Instituição de Ensino Superior precisa repensar a contribuição que os exames dão ao ensino pré-universitário. A professora Marisa Lajolo, em 1986, em uma mesa-redonda do Grupo de Estudos Linguísticos, já mencionava a responsabilidade das universidades na precária educação. Ela diz que:

Faz alguns anos que a universidade, face a face com os produtos mais degenerados da distorcida educação pré-universitária de nosso país, começa a pensar com seus botões se ela própria não estaria contaminada pelo processo de degeneração, sofrendo interferências do despreparo de seus alunos, egressos de um segundo grau que perdido o norte, perdeu também o rumo... (LAJOLO, 1986, p.?)

Cabe à universidade repensar sobre sua colaboração ao ensino básico, porque ela, como citado, já está há alguns anos recebendo o reflexo da precariedade da educação básica. Segundo Lajolo (1986), graças à perseverança em discutir a incumbência da Instituição superior que o meio acadêmico voltou-se para reflexão sobre o ensino de literatura<sup>26</sup>.

No que tange ao modelo de questões de múltipla escolha, a autora afirma que elas não envolvem o interlocutor de forma ativa para responder as alternativas. Pelo contrário, o candidato responde as alternativas utilizando um método exclusivo, ou seja, a participação dele é basicamente em conseguir reproduzir interpretações já impostas.

Isso foi constatado nas questões do vestibular da UEPG, cita-se como exemplo uma alternativa da obra do Manoel de Barros, Prova Vocacionada do vestibular de inverno, questão 13, alternativa 01. Nela é citado o estilo poético de Barros, que as coisas cotidianas e o vazio são inspirações para a *desaprendizagem*. Percebeu-se nesta, e em outras alternativas, reflexos de interpretações já definidas. É importantíssimo que os candidatos as reconheçam, mas definitivamente como se instiga a participação efetiva deles na construção das compreensões? Como

---

<sup>26</sup> A professora Marisa Lajolo afirma que essa reflexão aconteceu por meio da contribuição de teses, dissertações e simpósios acerca de ensino de literatura.

apontado pela pesquisadora Nismária Alves (2010), a relação entre poeta e poesia na obra de Manoel de Barros é evidente, nesse norte pergunta-se, em que ponto as alternativas provocaram no candidato a necessidade de interpretar a obra de Barros. Inevitavelmente, pode-se dizer que muitas dessas amarras estão ligadas ao fato de as questões serem de múltipla escolha, porém não há uma fórmula que garanta sucesso na sua elaboração. Do mesmo modo, exige-se que elas despertem no candidato a necessidade de realmente ter lido a obra e a tenha compreendido, para no mínimo responder as questões.

Como já citado, certamente o ambiente escolar estuda as questões de literatura dos vestibulares. Questiona-se qual a proporção da contribuição delas para o letramento literário. Esse é um norte já explicitado no documento da educação, *As Orientações Curriculares para o Ensino Médio (2006)*. Elas dissertaram sobre a importância de letrar o aluno que está quase terminando seus estudos na educação básica, até mesmo, porque ele ajudará o educando a se transformar em um cidadão crítico. Sendo assim, é dever da escola proporcionar o ensinamento de ler literatura, também deve ser exigido que exames vestibulares contribuam para o ensino literário com questões bem elaboradas. Se o ensinamento da leitura literária ocorresse se baseando nas questões, teríamos leitores com a capacidade de resumir as obras.

Ginzburg (2012) explica o quanto as questões de múltipla escolha limitam o texto literário.

Quando os exames vestibulares incluem questões de interpretação de textos literários, e têm de se restringir a organizar seu trabalho no campo das questões objetivas (em geral com cinco alternativas), não criam espaço para debate interpretativo ou possibilidades de leituras polissêmicas, optando por amarrar o intérprete de texto a um caminho de leitura consagrado, em geral canônico. (GINZBURG, 2012, p. 213)

De acordo com o autor, as questões de vestibular desconsideram a polissemia existente nos textos, pois elas pretendem em poucas alternativas exprimir verdades e o aluno mais familiarizado com isso deverá indicar quais são as corretas. O pesquisador vai além ao notar que a cultura de ensinar literatura pautada no vestibular é a falência do ensino, “a compreensão redutora de que o ensino de literatura se restringe a uma função instrumental, como a aprovação em um exame, como o vestibular, ou a obtenção de uma nota que permitirá chegar a um diploma” (GINZBURG, 2012, p. 217). Desse modo, Ginzburg (2012) afirma que o exame reflete no ensino de literatura um modelo redutor do texto literário. A educação básica junto

com o ensino superior precisa se empenhar para que o ensino seja voltado a capacitar o aluno a refletir sobre as obras, interpretá-las e ler continuamente diversos livros. Evidentemente, o discurso utilizado no vestibular só contribuiria para o ensino de literatura se ele fosse bom o suficiente e ajudasse e promovesse debates sobre o texto literário.

No entanto, evidencia-se a falência da representatividade exposta na imagem das questões do vestibular. Vê-se uma literatura retroativa, com resumo e memorização de informações. Acrescenta-se as palavras de Ginzburg (2012) sobre a atribuição da responsabilidade da instituição superior no ensino de literatura.

É preciso defender um ensino de literatura em que a interpretação e o debate sejam prioridades, e em que um professor em sala de aula apresentando um livro inteiro para leitura corresponda às expectativas gerais. A realização dessas mudanças depende de políticas em níveis diversos, mudanças de atitudes, elaboração de materiais didáticos, debates amplos e continuados e, antes de mais nada, uma reavaliação do próprio papel da universidade, consideradas as suas contradições. (GINZBURG, 2012, p. 221)

O pesquisador recomenda uma reavaliação do papel da universidade, já que ela estaria contribuindo para degeneração do ensino literário na educação básica. Assim como destacado pela Lajolo (1986), a instituição está em um patamar superior à escola e qualquer mudança no seu currículo e seus métodos de avaliar acarretará em uma força absurda para mudanças no Ensino Médio.

Na mesma vertente, William Cereja (2005) indaga e adverte:

Diante da importância que socialmente se dá ao ingresso do estudante na universidade e das pressões sociais que o professor sofre em suas opções, até que ponto o professor do ensino médio pode, sozinho ou com seus colegas, pensar em uma prática de ensino (metodologia, seleção de conteúdo, estratégias) desvinculada das tendências do vestibular? Por outro lado, até que ponto essa orientação redutora do exame vestibular não é reflexo de práticas de ensino de literatura que ainda hoje perduram no ensino médio e talvez até no ensino superior, em diferentes pontos do país? Esse círculo vicioso em que caiu o ensino de literatura, ao mesmo tempo que fomenta uma discussão sobre responsabilidades, serve também para justificar uma série de falhas das instituições de ensino nos níveis superior e médio. (CEREJA, 2005, p.71)

Na primeira leitura do excerto atenta-se para a interferência do vestibular no ensino médio. Adiante, nota-se que há uma continuidade de um processo tradicional de avaliar, respaldada pela metodologia utilizada no vestibular. Por outro lado, infere-

se que, mesmo que se queira, a escola sozinha não teria força suficiente para promover mudanças em metodologias e no currículo escolar.

Na verdade, há uma descontinuidade entre escola e universidade. Como afirma Ginzburg (2012), a instauração de um ensino instrumental aflorado pelo exame.

Isto é, um ensino de literatura que tende a caracterizar as cobranças do professor com relação ao aluno como agressões e a constituição da sala de aula como ambiente hostil. Em vez de um debate de ideias, a projeção do ensino instrumental voltado para um *telos* (o vestibular, o mercado de trabalho) acentua a competitividade entre estudantes, motivando chances de frieza, de distanciamento e mesmo de intolerância entre eles. (GINZBURG, 2012, p.222).

Como afirma o professor Jaime Ginzburg (2012), os alunos descaracterizam o ambiente das aulas de literatura obcecados por uma vaga na universidade, eles se direcionam somente para a aprovação no exame. Assim sendo, as aulas não garantem um espaço de debate, mas de informações superficialmente repassadas para os vestibulandos.

Ao retomar o estudo da Marisa Lajolo (1986) para o questionamento dos acadêmicos do curso de Letras, ela indaga se há duas literaturas. Uma do segundo grau, configurada pelas suas práticas metodológicas e conteúdo. Outra que faz parte do currículo dos cursos universitários de Letras. A autora acrescenta que é de extrema preocupação se os cursos de Letras reproduzirem a literatura do ensino médio, porque embora o *corpus* de estudo seja o mesmo, é preciso que ele reivindique um lugar que transcenda estudos históricos e de períodos literários. Ela enfatiza que o vestibular precisa apresentar um desempenho da literatura coerente em um curso de letras, é preciso que desenvolva um diálogo com o discurso crítico.

Assim, parte-se da tese que o processo do vestibular não pode ser de forma engessada e para discutir a questão, apresenta-se a ruptura no processo de vestibular da Universidade Estadual de Campinas, ocorrida em 1986. O Jornal da Unicamp<sup>27</sup>, publicado em agosto de 2006 e escrito por Clayton Levy, traz como título da sua edição 334: “20 anos do vestibular que valoriza a capacidade reflexiva e de expressão”. O texto inicia com um relato de uma estudante de cursinho, Andrea

---

<sup>27</sup> Jornal da Unicamp, edição 334, 21 a 27 de agosto de 2006. Primeiramente o texto traz resumidamente como foi a preparação da Universidade pensar em um novo modelo de vestibular. Na segunda parte, ele apresenta uma entrevista com o coordenador da Comvest – Comissão permanente dos vestibulares da Unicamp da época, professor Leandro Tessler. Atualmente o coordenador é Kleber Pirola.

Camargo, em que a estudante diz enfrentar um novo desafio que seria um vestibular sem cruzadinhas. Relata-se que Paulo Renato, ex-reitor da Unicamp, depois de ler um artigo escrito pelo professor Jocimar Archangelo, em que defendia a mudança no sistema do vestibular, decidiu chamá-lo para ajudar no novo modelo. Também é lembrado no texto que o professor, filósofo e escritor Rubem Alves<sup>28</sup> já tinha iniciado essa discussão dentro da universidade.

Diante do fato, foi instaurada uma Comissão permanente para os vestibulares da Unicamp, eles iniciaram idealizando o perfil do candidato. A comissão menciona o desejo de um exame que valorizasse a capacidade de expressão e raciocínio muito mais do que a memorização. E, a partir dos objetivos definidos, eles chegaram a um modelo de questões dissertativas nas duas fases. Diante de novos acontecimentos, viu-se que:

O que estava em jogo era o surgimento de um novo paradigma, no qual a capacidade de raciocínio e expressão eram mais importantes que a simples memorização. Passados quase vinte anos, o novo modelo confirmou-se como um divisor de águas no sistema de seleção de alunos para as universidades, com impacto direto tanto nas outras instituições de ensino superior quanto nos currículos do ensino médio. (LEVY, 2006, s/p)

Pode-se dizer que o Comvest tinha total ciência da mudança ocasionada pelo novo modelo de vestibular, uma vez que ela interviria no currículo de outras universidades e, conseqüentemente, nas aulas de literatura no ensino médio.

Certamente o modelo de prova dissertativa consegue abranger a opinião do candidato de forma muito mais subjetiva. Por isso, a Universidade Estadual de Ponta Grossa deve investigar se realmente as questões do vestibular da Instituição estão sendo eficazes para o ensino literário. Como afirma Franchetti (2009), de nada vale o aluno saber literatura de modo fechado ou até mesmo classificatório.

---

<sup>28</sup> Rubem Alves recebeu o título de professor emérito e idealizador do vestibular.

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Compreende-se a relevância do caminho percorrido até aqui, pois ele evidencia a necessidade da reflexão sobre o ensino literário. E mesmo que exista um acordo tácito entre teóricos, estudiosos e profissionais da educação garantindo o direito à literatura, o estudo comprovou que é preciso analisar a forma como ela é aplicada em exames vestibulares.

O percurso inicial foi investigar o conceito de Literatura nos documentos oficiais da educação, vigentes no ano de 2017. Conforme exposto, entende-se a complexidade nessa concepção, no entanto se salienta que refletir sobre o objeto de estudo é imprescindível para o professor não se perder no meio de tantos outros textos e práticas. Após analisados os documentos da educação, considera-se agravante o percurso da Literatura neles, porque, especialmente os dois primeiros, apresentam uma forma difusa de literatura. Certamente esse caminho desvirtuoso contribuiu para uma desvalorização do ensino literário.

No mesmo rumo, seguiu-se o estudo com a problemática de uma sociedade cujos números apontam como alfabetizada, mas não letrada. Nesse norte, apresentou-se o conceito de Jéferson Assumção (2013) sobre o homem-massa. Esse indivíduo é todo aquele que se mostra desinteressado pela leitura, história do passado, por livros, enfim por qualquer produto cultural. Diante das novas circunstâncias, o estudo optou por esclarecer a necessidade da permanência da literatura no currículo escolar. Para isso, buscaram-se discursos de força para solidificar a importância e a contribuição da literatura na formação do cidadão, tais como Compagnon (2009), Antonio Candido (2011) e Paulo Franchetti (2009). A tese da Gabriela Luft consolidou o percorrer da pesquisa, porque ela evidenciou no seu estudo a dificuldade que há na relação entre literatura e educação.

Na sequência da pesquisa, voltou-se para o objetivo geral: analisar as questões do vestibular da Universidade Estadual de Ponta Grossa, ano de 2017. Primeiramente, constatou-se o lugar conceituado que a instituição ocupa na educação brasileira. Depois disso, verificou-se que o vestibular é um dos processos mais visados para se ingressar em um curso superior. Diante desse contexto, observou-se a organização da prova do vestibular da UEPG.

Um ponto positivo na composição do exame é a sua avaliação em três etapas e a literatura aparece em duas delas. Outro fator auspicioso é a lista das obras



literárias. Embora não se espere que os conteúdos do Ensino Médio sejam estudados somente com o intuito de o aluno ser aprovado no exame, entende-se a permanência da lista como uma representação da importância da leitura literária. E, hipoteticamente, o aluno deve ler as obras para conseguir bom desempenho nas questões de literatura.

Os pontos negativos estão relacionados à elaboração das questões. Já se inicia com a escolha repetitiva do enunciado no comando delas, pois é solicitado que sejam marcadas as alternativas corretas. Com o objetivo de observação quantitativa e qualitativa, analisaram-se no total, como já afirmado, quatorze questões.

Por conseguinte, evidenciou-se que somente com leitura de resumos e informações básicas sobre o autor, sobre o contexto da produção da obra, estas que muitas vezes se encontra em livros didáticos, comprova-se a fácil resolução das questões de literatura.

Nesse sentido, revela-se a falta de respeito não só com a literatura, mas com aquele aluno que se dedicou a ler, a refletir sobre a obra literária. Mesmo com o propósito de não exagerar na afirmação, é possível notar uma insistência nos enunciados em facilitar a resolução da alternativa para o aluno, já que sem a leitura da obra, muitas vezes o candidato, pautando-se em apenas inferências das alternativas, identifica prontamente quais delas são certas ou erradas. Acredita-se que exigir respeito com o ensino da literatura não é pautar a discussão em questões com enunciados difíceis. Para isso, é possível pensar nas considerações de Rildo Cosson (2007). Ele salienta que o leitor de literatura precisa muito mais do que decodificar textos, é necessário que ele se aproprie da obra e se esforce para lê-la literariamente. Define-se, nesse caso, como critério de valor o letramento literário de Cosson (2007), que seria necessário aprender a ler criticamente, a questionar e a expandir os sentidos do texto literário.

Logo, o caminho da reflexão aponta para a necessidade de repensar o modelo de avaliação. Para isso, analisou-se a proposta do vestibular da Unicamp. O estudo expôs uma entrevista em que o coordenador do vestibular afirmou que, primeiramente, traçou-se o perfil de aluno desejado, depois a Unicamp pensou a respeito do que iriam priorizar na prova. Por fim, decidiram criar um exame que

valorizasse a leitura, a escrita e o raciocínio lógico. Então, eles chegaram ao modelo da prova dissertativa<sup>29</sup>.

No estudo, explicitou-se a má elaboração das questões de múltipla escolha do vestibular da UEPG. É salutar esclarecer com as questões do romance de Cristovão Tezza, elas seguiram dados do enredo, mencionaram a crítica à sociedade e o narrador que ora aparecia em primeira pessoa ora em terceira. Esses pontos podem ser considerados como essenciais. Mas a situação agrava-se nas provas vocacionadas. Como exemplo, uma alternativa solicita ao candidato que reconheça que Felipe gostava de futebol e isso o ajudava se socializar. Pois bem, responder questões da prova específica é ter boa memória e saber de detalhes do enredo do romance.

A escolha da avaliação acarreta diretamente no perfil de aluno que fará a prova. É preciso refletir se realmente a prova de múltipla escolha é sendo suficiente no momento de avaliar os conteúdos literários. Compreender-se que deve haver muitos motivos da instituição por escolher esse modelo, entre eles a questão orçamentária, mas a literatura não pode continuar sendo limitada a questões de enredo e vida de autor. Por isso, a Instituição necessita repensar e exigir melhores questões ou até a mudança do método de avaliar.

O vestibular não pode ser uma forma engessada de avaliação, o exame precisa ser centro de reflexão constante, uma vez que seu discurso interfere no ensinamento literário.

Apreende-se que a depreciação do ensino literário só evidencia um caminho decadente da educação. Entendemos que o desejo de que a literatura conste em exames e nos currículos escolares não deveria ser somente dos estudiosos, mas sim a vontade de todos. Porque a literatura não pertence somente ao ambiente escolar, ela é o saber de toda a humanidade.

Portanto, esta dissertação teve a incumbência de causar reação nos professores da área de Literatura da UEPG, assim como nos professores da Educação Básica, contra o recado que a apresentação das questões representa. Elas claramente dizem, sobretudo aos alunos do Ensino Médio, que não é necessário refletir sobre o texto literário.

---

<sup>29</sup> Na época, 1986, a prova de vestibular era dissertativa nas duas fases do exame.

## REFERÊNCIAS

- COLLARES, Paula Renata Lucas. **O filho eterno, de Cristovão Tezza: entre o valor de mercado e a qualidade literária.** Disponível em: <http://ebooks.pucrs.br/edipucrs/anais/XISemanaDeLetras/pdf/paulacollares.pdf> Acesso em: 06 de jun. de 2018.
- COMPAGNON, Antoine. **Literatura para quê?** Tradução de Laura Taddei Brandini. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2009.
- COSSON, Rildo. **Letramento literário: teoria e prática / Rildo Cosson-** 1. Ed. 1ª reimpressão. São Paulo: Contexto, 2007.
- COUTINHO, Eduardo F. **Literatura comparada, literaturas nacionais e o questionamento ao cânone.** Revista Brasileira de Literatura Comparada, V. 3, n.3, p.67-74, 1996. Disponível em: <http://revista.abralic.org.br/index.php/revista/article/view/37> Acesso em 20 maio de 2018.
- CULLER, Jonathan. **Teoria Literária: uma introdução / tradução Sandra Vasconcelos.** São Paulo: Beca Produções Culturais Ltda, pp. 7-47.1999.
- FRANCHETTI, Paulo. Ensinar literatura para quê? **Revista Desenredos**, Piauí, n.03, p. 1-9, novembro, 2009.
- FERREIRA, Paula. SOUZA, André. **Censo escolar 2017: cai o número de matrículas na educação básica.** Disponível em: <https://oglobo.globo.com/sociedade/educacao/censo-escolar-2017-cai-numero-de-matriculas-na-educacao-basica-22347576>. Acesso em: 05 de agosto de 2018..
- GALHARTE, Julio Augusto Xavier. **Despalavras de efeito: os silêncios na obra de Manoel de Barros.** 2007, 287f, Tese de doutorado (teoria Literária e Literatura Comparada)-Universidade de São Paulo, São Paulo, 2007. Disponível em: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/8/8151/tde-11122007-093603/pt-br.php> Acesso em: 18 de jul de 2018.
- GOMES, Daniel de Oliveira. “O *filho eterno*”: a biopolítica e a imagem do anormal, **Uniletras**, Ponta Grossa, v. 36, n. 2, p. 153-166, jul/dez. 2014
- GONÇALVES, Wellington Bueno. **MANOEL DE BARROS: o poeta das coisas sem importância. Uma poesia sobre nada.** 2012, 21f, Monografia de especialização - Universidade Tecnológica do Paraná. Curitiba, 2012.
- HARMUCH, Rosana Apolonia. Às voltas com Pinóquio: leitura literária na forma docente. *In*: HARMUCH, Rosana Apolônia, SALEH, Pascoalina Bailon de Oliveira (organizadoras). **Estudo da linguagem e formação docentes desafios contemporâneos.** Campinas, SP: Mercado de Letras, pp.145-162. 2011.
- HARMUCH, Rosana Apolonia. A literatura no processo seletivo seriado da Universidade Estadual de Ponta Grossa, **II Congresso Internacional de Estudos em**

**Linguagem UEPG**, Ponta Grossa, Outubro de 2017. Disponível em: [https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:sskN2zbb0OQJ:https://proceedings.science/proceedings/107/papers/64288/download/fulltext\\_file1+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br](https://webcache.googleusercontent.com/search?q=cache:sskN2zbb0OQJ:https://proceedings.science/proceedings/107/papers/64288/download/fulltext_file1+&cd=1&hl=pt-BR&ct=clnk&gl=br). Acesso em: 10 de abr. de 2018.

LUFT, Gabriela Fernanda Cé. **Retrato de uma disciplina ameaçada: A Literatura nos documentos oficiais e no exame nacional do Ensino Médio (Enem)**. 2014, 303f. Tese de doutorado - Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. Disponível em: <https://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/103887/000929096.pdf?sequence>. Acesso em 01 março de 2017.

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Altas literaturas: escolha e valor na obra crítica de escritores modernos**. 2 ed. São Paulo: Cia das Letras, pp. 09- 60. 2009..

PERRONE-MOISÉS, Leyla. **Mutações da literatura no século XXI**. 1ª ed. São Paulo: Companhia das Letras, pp. 07- 37. 2016.

PINHEIRO, Carlos Eduardo Brefore. A reflexão sobre a arte poética no Livro Sobre Nada, DE Manoel de Barros. **Travessias: Pesquisa em Educação, Cultura, Linguagem e Arte**. Cascavel. V.2, n.1. 2008.

PINHEIRO, Carlos Eduardo Brefore. A reflexão sobre a arte poética no Livro sobre nada, de Manoel de Barros, **e-revista Unioeste Travessias**, Cascavel, V. 2, N. 1, 2008. Disponível: <http://e-revista.unioeste.br/index.php/travessias/article/view/2869>. Acesso em: 20 nov. 2018.

PUCHEU, Alberto. Manoel de Barros: em que acreditar senão no riso?, **Estudos Avançados**, São Paulo, Sp: vol. 29 no.85. Dez/ 2015. Disponível em: [http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S0103-40142015000300018](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40142015000300018). Acesso em: 10 dez. 2018.

SILVA, Rosângela Santos. *A morte e a morte de Quincas Berro D'água e viva o povo brasileiro: da ancestralidade à representação dos egunguns*. **XV Abralic-Experiências literárias Textualidades Contemporâneas**. pp.2.216-2.222. 2016.,

SIQUEIRA, Yan Patrick Brandenburg. A crise de identidade na contística de Caio Fernando Abreu. **Revista Litterata – Revista do Centro de Estudos Portugueses Hélio Simões**, V.5, n.1, pp.79-93, Junho, 2015.

SCHWARTZ, Christian. **Gênese autobiográfica da ficção**. Cândido, Jornal da Biblioteca pública do Paraná. Nº 09, Abril de 2012. Disponível em: <http://www.candido.bpp.pr.gov.br/modules/conteudo/conteudo.php?conteudo=137>. Acesso em: 20 de maio de 2019.

STEPHANI, Adriana Demite. TINOCO, Robson Coelho. **A formação dos professores mediadores de leitura literária: os desafios atuais**. 2014.

TEIXEIRA, Jerônimo. **Pai anti-herói**. Disponível em <>. Acesso em 10 de jul. de 2018.

TIUMAN, Patrícia Elisabel Bento. **A História da Disciplina Literatura no Ensino Secundário Brasileiro e as Avaliações Externas: o exame vestibular, o ENEM e o Enade de Letras**. 2017, 318f, Tese de doutorado - Universidade Estadual de Maringá, Maringá, 2017. Disponível em: [www.ple.uem.br/defesas/pdf/pebtiuman%20-%20do.pdf](http://www.ple.uem.br/defesas/pdf/pebtiuman%20-%20do.pdf). Acesso em 05 abr. de 2018.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA. *Vestibular de inverno*. 2017. Disponível em: <http://cps.uepg.br/inicio/index.php/vestibular/inverno-2017#provas-e-gabaritos>. Acesso em: 01 de maio de 2018.

UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA. *Vestibular de verão*. 2017. Disponível em: <http://cps.uepg.br/inicio/index.php/vestibular/verao-2017#provas-e-gabaritos>. Acesso em: 01 de maio de 2018.

VOLOBUEF, Karin. Ironia Romântica. *In*: VOLOBUEF, Karin Frestas e arestas. **A prosa de ficção do Romantismos na Alemanha e no Brasil**. São Paulo: Editora da Unesp, pp. 90-99. 1999.

TEZZA, Cristovão. **O filho eterno**. 17ª ed. Rio de Janeiro: Record, 2015.

ZILBERMAN, Regina. **A leitura e o ensino da literatura/ Regina Zilberman**. São Paulo: Contexto, pp.115-119. 1988.

**ANEXO A: QUESTÕES ANALISADAS**

Questão de Literatura na prova de Conhecimentos Gerais do Vestibular de Inverno.

**06**– Com relação aos fragmentos abaixo, retirados do livro *O Filho Eterno*, de Cristovão Tezza, assinale o que for correto.

Fragmento a: *"Na esquina, o filho quer pipoca, e o pai recusa, ríspido, puxando-lhe pela mão, está quase na hora do almoço – a criança obedece imediatamente. O Estado, ele pensa. Seu filho só está vivo porque existe o Estado, o monstro abstrato – ao acaso da tribo ou da natureza, o seu filho estaria morto em três dias úteis, inútil. Que era o que o pai desejou, num rompante e num tempo que agora lhe parecem absurdamente longínquos. Na outra esquina, uma criança escura, sem camisa, da idade de Felipe, pede-lhes esmola – o filho estende a mão, sorrindo, para cumprimentar o menino, que desta vez não foge, mas olha intrigado aquele ser sorridente que parece um pequeno chinês. O pai lhe dá mecanicamente uma moeda (para que aquela mão suja de terra não toque a mão aberta de seu filho), que a criança recolhe rápida e feliz (...)"*. (TEZZA, 2008, p.158)

Fragmento b: *"A pobreza em torno: deficiência é coisa de pobres, molambentos, miseráveis, retirantes, necessitados, na face daquela exigência crispada de alguma justiça e ao mesmo tempo os olhos que se abaixam a tempo antes que a borduna arrebente-lhes a cabeça, mendigos rastejando nas esquinas, ecos de uma pobreza imortal, de cócoras, reverberando pelos séculos a vergonha de estar vivo. E no entanto aqui estou eu, com meu pequeno leproso no colo, para a delícia imaginária de alguma madre superiora a assomar no átrio do hospital em seu único momento de real felicidade, a vida inteira a se punir, o silício na alma, mas é preciso que ela leve alguém junto para o fogo daquele inferno particular, e a madre superiora sorri, toda de negro na sua pequena morte cotidiana, o falso sorriso, as unhas avançam para o suave carinho na cabeça do bebê, que, incauto, dorme..."* (TEZZA, 2008, p.82)

01) Nota-se que possuir um filho chinês e portador de hanseníase numa sociedade mecanicamente perfeita é algo revoltante para qualquer pai.

02) Nota-se que a questão da paternidade está incluída no plano emocional que leva a reflexão a pontos de revolta e rispidez.

04) Observa-se a aversão aos pobres e classes sociais abastadas pelo motivo de serem todos normais enquanto o filho eterno se diferencia única e excepcionalmente pela riqueza material.

FONTE: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA. Gabarito (alternativas 02 e 08).

Questão de Literatura na prova vocacionada de inverno 2017

**12**– Assinale o que for correto.

04) Tezza, em *O Filho Eterno*, tece críticas contundentes, por meio da Literatura, aos padrões de comportamento normais de uma sociedade onde, no fundo, as crianças "bem educadas", por assim dizer, são as crianças que melhor se adaptam a uma lógica produtivista.

FONTE: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA. Gabarito (alternativas 04 e 16).

Questão de Literatura na prova vocacionada de inverno 2017

**13**– Sobre as obras de Cristovão Tezza e Manoel de Barros, assinale o que for correto.

08) A depressão, a tristeza e a falta de capacidade de imitação dos gestos sociais são características intrínsecas do personagem Felipe, de *O Filho Eterno*.

FONTE: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA. Gabarito (alternativas 01,02 e 04).

Questão de Literatura na prova vocacionada de verão 2017

**13**– A respeito da obra *O filho eterno*, de Cristovão Tezza, assinale o que for correto.  
02) O futebol transforma-se num poderoso estímulo para Felipe, que tem síndrome de Down. Por exemplo, promove certa socialização. Quando chega uma visita, Felipe pergunta qual é seu time e vai à sua coleção de camisas para vestir a do time do visitante. Mas, feita a diplomacia, ele volta à sala com a camisa do seu clube, o Atlético Paranaense.

FONTE: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA. Gabarito (alternativas 01, 02 e 08).

Questão de Literatura na prova vocacionada de inverno 2017

**15**– "(...)Condenável no cotidiano, a crueldade pode ser uma virtude literária. Ela é a grande qualidade em *O Filho Eterno*". Pensando nestas palavras críticas de Jerônimo Teixeira que falam da crueldade no romance de Tezza, assinale o que for correto, em momentos desta narrativa.

01) O pai é colocado como um jovem guru altruísta e compreensivo que, diante de um filho escritor de sucesso, apesar de autista, também se vê sob a crueldade do ofício de retratar o mundo.

02) Em certos momentos da narrativa, também é utilizado o artifício de comparações cruéis e do humor negro, como quando se descreve o ritual de dois médicos que diagnosticam Felipe. Estes, militarmente, entram como sacerdotes que em outros tempos poderiam sacrificar uma criança com mongolismo.

04) Em certos momentos da narrativa, o pai demonstra que preferiria estar em casa a escrever seus livros do que estar com os problemas pragmáticos próprios do pai de um filho anormal.

08) Para o pai, em muitos momentos da narrativa, o filho é cruelmente encarado como um "intruso" em sua vida.

16) Em certo momento da narrativa de Tezza, o pai é violento e bate no filho indócil "uma, duas, três, quatro vezes", o filho que buzina ininterruptamente.

FONTE: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA. Gabarito (alternativas 02,04,08 e 16).

Questão de Literatura na prova de Conhecimentos Gerais do Vestibular de Inverno.

**06**– Com relação aos fragmentos abaixo, retirados do livro *O Filho Eterno*, de Cristovão Tezza, assinale o que for correto.

08) Transcorre, nos ajuizes revoltados do narrador, certo tom de crueldade, desde a relação conflituosa com o próprio sistema social que trata dos anormais e os indigentes em sociedade.

FONTE: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA. Gabarito (alternativas 02 e 08).

Questão de Literatura na prova vocacionada de inverno 2017

**13**– Sobre as obras de Cristovão Tezza e Manoel de Barros, assinale o que for correto.

04) Dois problemas que levam o protagonista pai aos seus limites, na narrativa *O Filho Eterno*, são: o "filho problema" e a "literatura problema". Observe-se esta frase: "Eu não posso ser destruído pela Literatura; eu também não posso ser destruído pelo meu filho – eu tenho um limite: fazer bem feito, o que posso e sei fazer, na minha medida".



Questão de Literatura na prova de conhecimentos gerais de verão 2017

**07**– Assinale o que for correto.

01) *O filho eterno*, de Cristovão Tezza, é um romance brasileiro contemporâneo, que já ganhou vários prêmios importantes. A narrativa aborda o problemático desenvolvimento das relações entre o pai, escritor e professor que se debate com seus dramas pessoais, e seu filho Felipe, que nasceu com síndrome de Down.

FONTE: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA. Gabarito (alternativas 01, 02 e 08).

Questão de Literatura na prova vocacionada de verão 2017

**13**– A respeito da obra *O filho eterno*, de Cristovão Tezza, assinale o que for correto.

01) Trata-se de um premiadíssimo romance brasileiro contemporâneo. Embora com fortes traços autobiográficos, a história é contada por um narrador de terceira pessoa, à voz do qual se mescla, frequentemente, uma voz de primeira pessoa, ou seja, a voz do pai, que é escritor e professor, e cujo filho Felipe nasceu com síndrome de Down.

04) Classificado como romance, ou seja, como obra de ficção, na verdade este livro é um puro relato autobiográfico em que Cristovão Tezza só narra fatos verídicos de sua vida. Ele realmente foi professor universitário e é autor de romances citados neste livro, tais como: *Ensaio da Paixão* e *Trapô*. E é pai, na vida real, de um filho com síndrome de Down.

08) Podemos identificar neste romance três protagonistas, cujas histórias se entrelaçam: o pai, vivendo fortes crises relacionadas com o desejo de ser escritor e a necessidade de sobrevivência; o filho Felipe, com síndrome de Down, e a difícil evolução desta delicada relação pai-filho; e o Brasil dos anos de 1970-1980, com suas crises políticas, sociais, econômicas e culturais.

16) Quando o pai-narrador (que é escritor) fica sabendo que seu filho Felipe tem síndrome de Down e começa a correr atrás de informações e especialistas para entender melhor a situação e saber o que fazer, ele confessa que desde então já lhe nasce a ideia e o desejo de escrever sobre o assunto.

FONTE: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA. Gabarito (alternativas 01, 02 e 08).

Questão de Literatura na prova vocacionada de inverno 2017

**13**– Sobre as obras de Cristovão Tezza e Manoel de Barros, assinale o que for correto.

16) Em certo momento do romance *O Filho Eterno*, o narrador chama um fonoaudiólogo do filho de "cretino topográfico", posto que não o diagnosticasse corretamente. A história clínica de Felipe e o seu diagnóstico de anormalidade é algo que os médicos procrastinam, devido à raridade do caso.

Questão de Literatura na prova de Conhecimentos Gerais do Vestibular de Inverno.

**07**– Especificamente sobre os contos de *O Ovo Apunhalado*, de Caio Fernando Abreu, assinale o que for correto.

01) O narrador do conto "*Uma veste provavelmente azul*" que carecia de "uma longa veste" estava "sem nenhum plano imediato" quando viu dois homenzinhos verdes correndo sobre o tapete.

02) *O Ovo Apunhalado*, inicialmente publicado em meados dos anos 1970, está dividido em três partes, Alfa, Beta e Gama, compreendendo enredos múltiplos e autênticos que suturam estilos. Estes podem beirar tanto a tendência ao psicodelismo quanto as subjetividades do real.

04) Ao leitor de "*Para uma avenca partindo*", é oferecida a sensação de um ouvinte participativo ou um ente participativo do espaço narrativo. Assim notamos frases como: "se eu não te disser agora talvez não diga nunca mais"; "por favor, não me interrompa"; "claro que dou um cigarro para você"; "fecha a revista, por favor, olha, se você não prestar muita atenção você não vai conseguir entender nada" ou "é bom você botar um casaco, está esfriando tanto".

08) Por terem sido produzidos nos anos 1970, os contos de *O Ovo Apunhalado* não seguem exatamente um padrão formal e disciplinado, sendo que alguns possuem epígrafes e outros não. O conto "*Visita*" possui uma epígrafe de "Julio Cortázar: final del juego", enquanto o conto "*Sarau*" possui uma epígrafe de "Aluísio Azevedo: o Cortiço". Já o conto "*O afogado*" não possui epígrafe alguma.

FONTE: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA. Gabarito (alternativas 01, 02 e 04).

Questão de Literatura na prova vocacionada de inverno 2017.

11– Em entrevista, Caio Fernando Abreu afirmou acerca de sua representatividade na literatura brasileira:

"Acho que sou uma figura atípica na literatura brasileira, enquanto uns fazem literatura limpa, eu sou o oposto, porque lido com o *trash*, de onde tiro não só 'boa literatura' mas também vida pulsante. Acho que isso é aterrorizante, principalmente no meio universitário. Tudo é muito estético, é tudo muito cristalino. Mas deve ser insuportável para a universidade brasileira, para a crítica brasileira assumir e lidar com um escritor que confessa, por exemplo, que o trabalho de Cazuzza e Rita Lee influenciou muito mais que Graciliano Ramos. Deve ser insuportável." (ABREU, Caio Fernando. Entrevista a Marcelo Secron Bessa, 1997)

Considerando questões referenciais desde tais palavras do autor de *O Ovo Apunhalado*, assinale o que for correto.

01) Embora o autor confesse sua influência mais por artistas sensíveis, músicos representativos, do que por escritores, se tomarmos a sensibilidade intimista constante na obra *O Ovo Apunhalado*, notaremos que Caio Fernando Abreu apresenta viva influência da escritora natural da Ucrânia, Clarice Lispector.

02) Devido à censura de meados dos anos 70 que não aceitou o lado "trash" do autor e devido também ao abalo dos bons costumes provocado pela obra *O Ovo Apunhalado*, esta jamais foi republicada em solo nacional. Não à toa, Cazuzza e Rita Lee são artistas menos representativos e bem mais lidos que Caio Fernando Abreu.

04) Pensando na falta de popularidade do autor, sendo uma figura atípica na nossa literatura, Caio Fernando Abreu, sobretudo com a publicação de *O Ovo Apunhalado*, ficou estereotipado excessivamente pelo "trash" e pela "limpeza descritiva do urbano". Acabou, assim, resumindo-se em uma figura totalmente aterrorizada no Brasil, perdendo muito espaço nas ruas, ao passo que perdeu também qualquer espaço no cenário crítico e no comércio em livrarias.

08) Apesar de regionalista, tal como observamos no conto "Cavalo Branco no escuro", Caio Fernando Abreu não poderia ter sido influenciado por Graciliano Ramos, pois publicou *O Ovo Apunhalado* em época concomitante ao escritor nordestino. Ambos sustentam dois modos simultâneos, porém distintos, de regionalismos naturalistas.

Caio Fernando Abreu busca, deste modo, no "trash" e no "crash" a sua diferenciação primária e rivalizada com Graciliano Ramos, autor simbólico da academia brasileira.

16) Sobre o livro *O Ovo Apunhalado*, também se pode dizer que não necessariamente seja uma busca obsessiva por realizar apenas a típica "boa literatura", considerando que seu autor, de modo geral, marque-se por influências menos límpidas ou cristalinas. Ou seja, vai buscando elevar a bandeira de uma geração a qual a "vida pulsante" toca mais alto.

FONTE: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA. Gabarito (alternativas 01 e 16).

Questão de Literatura na prova vocacionada de inverno 2017

**12**– Assinale o que for correto.

16) No conto "Noções de Irene", de Caio Fernando Abreu, um homem e outro anos mais novo bebem uísque, ouvem Bach, e conversam abertamente sobre Irene.

FONTE: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA. Gabarito (alternativas 04 e 16).

Questão de Literatura na Prova de Conhecimentos Gerais de Verão 2017

**07**– Assinale o que for correto.

02) O conto "A margarida enlatada", do livro *O ovo apunhalado*, de Caio Fernando Abreu, estrutura-se com base em duas antíteses irônicas: o natural (a margarida, flor) x o artificial (lata acrílica, tecnologia); e o súbito sucesso comercial das vendas de margarida x a repentina queda total das vendas da mesma margarida.

FONTE: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA. Gabarito (alternativas 01, 02 e 08)

Questão de Literatura, Prova Vocacionada, Vestibular de Verão.

**12**– A respeito da obra *O ovo apunhalado*, de Caio Fernando Abreu, assinale o que for correto.

01) Trata-se de um livro de contos, situado dentro da literatura brasileira contemporânea. Seu autor é considerado um dos contistas mais representativos de sua geração, nas décadas de 1970-1980, período em que o Brasil vivia em plena ditadura.

02) O conto "Gravata" pode ser considerado uma narrativa de realismo fantástico e de terror, fazendo sátira social. Conta a história de um homem que se sente fortemente atraído por uma gravata vista numa vitrine. Quando tem condições, ele a compra, e ao ir colocá-la pela primeira vez, a gravata como que cria vida e, qual uma cobra, se enlaça fatalmente em seu pescoço. Sem que ele consiga se desvencilhar, a gravata o estrangula até a morte.

04) O conto "Nos poços" é uma longa narrativa em que o narrador de primeira pessoa conta como caiu num poço profundo, aparentemente sem fim. Ao longo da queda, ele vai lembrando cenas de sua vida e se indagando se a sua vida tinha valido a pena. A narrativa termina com um suspense: "E depois: no fundo do poço do poço do poço do poço você vai descobrir quê."

08) O conto "Oásis" narra a história de uma empregada doméstica, a sensual Dejanira Valéria, que trabalha perto de um quartel. Ela tenta seduzir o soldado que fica de sentinela no portão do estabelecimento, para assim conseguir ser convidada a entrar e conhecer o quartel, que, em sua fértil imaginação, ela considera que deve ser um verdadeiro oásis.

16) O conto "O ovo apunhalado" é um narrativa do gênero "realismo fantástico". O personagem-narrador vai a uma loja comprar um ovo de Páscoa. Quando está escolhendo, um dos ovos sai da caixa e se põe a caminhar em sua direção. Apavorado, ele recua, mas o ovo avança ameaçadoramente. Um dos vendedores percebe a situação, arranja um punhal e atinge mortalmente o ovo misterioso.

FONTE: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA. Gabarito (alternativas 01 e 02)

Questão de Literatura na prova vocacionada de inverno 2017

**12**– Assinale o que for correto.

01) O corpo de Fräulein, personagem de Mário de Andrade, é descrito, pelo narrador de *Amar Verbo Intransitivo*, como sendo um corpo clássico e perfeito, menor que a média dos corpos de mulher, e, portanto, romântico, helênico, apesar de nada voluptuoso. "Isso do corpo da pequena Fräulein ser perfeito, em muito, provocava sonhos e tornava a história forte (...)".

08) Carlos Alberto Sousa Costa é descrito, pelo narrador de *Amar, Verbo Intransitivo*, como um homem de origem oriental, com 35 anos, que trabalhara como pianista clássico para não se tornar um "homem-da-vida".

FONTE: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA. Gabarito (alternativas 04 e 16).

Prova Vocacionada de Verão, 2017.

**15**– A respeito da obra *Amar, verbo intransitivo*, de Mário de Andrade, assinale o que for correto.

01) O final do romance é trágico. O adolescente Carlos, que se apaixonara pela governanta Fräulein Elza, ao saber que ela se transformara em amante de seu pai, comete suicídio.

02) Sousa Costa preocupa-se com a iniciação sexual de seu filho Carlos, adolescente. Tem medo que se envolva com prostitutas que, além de lhe transmitirem doenças e vícios, certamente o explorariam financeiramente. Por isso decide por uma segura iniciação sexual feita em casa e, assim, contrata Fräulein Elza, uma alemã de 35 anos, para essa tarefa, sob o disfarce de governanta.

04) O que era para ser apenas uma iniciação sexual se transforma numa situação afetiva problemática, pois o adolescente Carlos acaba desenvolvendo uma forte paixão por Fräulein Elza, a governanta encarregada de iniciá-lo na prática sexual.

08) Sousa Costa, pai do adolescente Carlos, que contrata Fräulein Elza para fazer a iniciação sexual do filho, acaba se apaixonando por ela e decide transformá-la em sua amante. A esposa dona Laura, por conveniência burguesa, aceita essa situação, desde que o marido não mantenha a amante dentro da casa da família.

16) O autor classifica a obra no gênero "idílio", ou seja, uma história de amor ou um devaneio amoroso, envolvendo Fräulein Elza, uma alemã de 35 anos, que é contratada como governanta pelo pai de uma família burguesa, para, sob esse pretexto, fazer a iniciação sexual do filho, o adolescente Carlos.

Gabarito (alternativas 02, 04 e 16)

Vestibular de Verão, Prova de Conhecimentos Gerais, 2017.

**07**– Assinale o que for correto.

08) *Amar, verbo intransitivo*, de Mário de Andrade, é um romance do início do Modernismo, movimento do qual o autor foi um dos líderes. Narra a história de Fräulein

Elza, moça alemã, que é contratada pelo burguês Sousa Costa como governanta, para, na verdade, sob esse disfarce, fazer a segura iniciação sexual do seu filho, o adolescente Carlos.

Gabarito (alternativas 01, 02 e 08)

Vestibular de inverno – Prova de conhecimentos específicos.

**12**– Assinale o que for correto.

02) No capítulo derradeiro da narrativa *A morte e a morte de Quincas Berro Dágua*, não tendo nenhuma religião e nenhum parentesco com o morto, a irreverente personagem Vanda não apresenta exaltação alguma ante o morto. Ela sente até certo orgulho do riso infinito de deboche que o corpo de "Quincas Berro Dágua" apresentava. O protagonista Quincas "berra" para Vanda, na água, uma poesia debochada que diz: "Com pedaços de mim eu monto um ser atônito".

Gabarito (alternativas 04 e 16).

Vestibular de Verão – Prova Vocacionada.

**11**– A respeito da obra *A morte e a morte de Quincas Berro Dágua*, de Jorge Amado, assinale o que for correto.

01) No velório de uma das mortes de Quincas, por uns momentos, a filha Vanda fica a sós com o defunto. Então ela se recorda do antigo bom pai que ele tinha sido e com o qual tivera uma forte e carinhosa relação. Agoniada, Vanda acaba se desabafando num pranto incontrolável e, abraçando-se ao cadáver, fica gritando que quer morrer também.

Gabarito (alternativas 08 e 16)

Vestibular de Verão- Prova de Conhecimentos Gerais.

**06**– A respeito do romance *A morte e a morte de Quincas Berro Dágua*, de Jorge Amado, assinale o que for correto.

01) A primeira morte de Quincas Berro Dágua aconteceu quando ele foi esfaqueado numa briga dentro de um boteco, por trapacear no jogo de cartas.

04) A história é contada por um narrador de terceira pessoa, que já de início declara que até hoje ainda pairam dúvidas e contradições sobre a morte (ou as sucessivas mortes) de Quincas Berro Dágua, o protagonista do romance.

Gabarito (alternativas 02 e 04)

Vestibular de Verão – Prova Vocacionada.

**11**– A respeito da obra *A morte e a morte de Quincas Berro Dágua*, de Jorge Amado, assinale o que for correto.

04) Trata-se de um romance do gênero "realismo fantástico" em que, de modo irônico e debochado, o próprio protagonista, o falecido Quincas, narra, em primeira pessoa, as suas errantes aventuras e as suas três sucessivas mortes, ocorridas de formas variadas e em diferentes cidades da Bahia.

08) Embora o narrador desse romance inicie a história falando das confusões, dúvidas e contradições que ainda pairam sobre as sucessivas mortes de Quincas Berro Dágua, ele acaba contando, com relativa clareza, como se deu cada uma delas.

16) A primeira morte de Quincas Berro *Dágua* é, na verdade, uma morte simbólica, de caráter moral: depois que ele, bom marido, pai de família e exemplar funcionário público, decide largar a família e ir viver como vagabundo, cachaceiro e mulherengo, sua família o considera "morto" para a vida social, não mais falando dele ou então a ele se referindo como já falecido.

02) Esta narrativa, tal como os romances *O Quinze*, de Rachel de Queiroz, e *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, aborda a questão da seca no sertão nordestino e se enquadra no chamado Romance Regionalista de 30, do qual o escritor baiano Jorge Amado é um dos mais importantes representantes.

Gabarito (alternativas 08 e 16)

Vestibular de Verão- Prova de Conhecimentos Gerais.

**06**– A respeito do romance *A morte e a morte de Quincas Berro Dágua*, de Jorge Amado, assinale o que for correto.

08) Esta obra do escritor baiano Jorge Amado se enquadra no chamado Romance Regionalista de 30, e sua história se passa na violenta região cacauzeira do sul da Bahia, onde várias narrativas deste autor são ambientadas.

02) Até os cinquenta anos, Joaquim Soares da Cunha era um bom marido e pai, respeitado amigo e vizinho, exemplar funcionário público, que a partir de então larga a família e passa a viver como vaga-bundo, bebedor e mulherengo, sob o apelido de Quincas Berro Dágua.

Vestibular de Inverno. Prova Vocacionada.

**13**– Sobre as obras de Cristovão Tezza e Manoel de Barros, assinale o que for correto.

01) Manoel de Barros procura, com seu estilo poético, atrapalhar as significâncias usuais do cotidiano e valorizar a vacuidade, em uma espécie de inspiração para a desaprendizagem.

Gabarito ( 01, 02 e 04)

Vestibular de Verão- Prova Vocacionada

**14**– A respeito da obra *Livro sobre nada*, de Manoel de Barros, assinale o que for correto.

04) O tempo todo o poeta vai invertendo as verdades do senso comum, estilisticamente usando, por exemplo, o prefixo negativo "des-", em versos como: "As coisas tinham para nós uma desutilidade poética." – "Olha o urinol enferrujado. / Serve para o desuso pessoal de cada um." "Vô! O livro está de cabeça pra baixo. / Estou deslendo." – "Trabalho arduamente para fazer o que é desnecessário."

Gabarito ( 01, 02 e 04)

Vestibular de inverno- Prova Vocacionada.

**14**– Manoel de Barros, em *Livro sobre nada*, alega escrever o "idioleto manoelês arcaico". Sobre este dado, assinale o que for correto.

01) Segundo o poeta, "Idioleto é o dialeto que os idiotas usam para falar com as paredes e com as moscas".

02) Manoel de Barros, em seu manoelês, confessa que se põe muito cerebralmente em tudo quanto escreve, propondo uma poesia concorrente com a de outro pantaneiro: João Cabral de Melo Neto.

04) "Estômago", escrita exatamente deste modo, seria uma das palavras exemplificadas como pertencente ao idioleto manoelês arcaico.

08) Localizar as significâncias mais modernas e solenes da representação vem a ser o objetivo do idioleto de Manoel de Barros.

16) Manoel de Barros confessa, em nota de rodapé, que aprecia uma "desviação ortográfica para o arcaico".

Gabarito ( 01, 04 e 16)

Prova Vocacionada- Vestibular de Verão

**14**– A respeito da obra *Livro sobre nada*, de Manoel de Barros, assinale o que for correto.

02) Os poemas deste livro, misturando com naturalidade linguagem coloquial e linguagem culta, criam paradoxos, metáforas inesperadas e imagens inusitadas, como: – "Nos fundos dos quintais era muito riquíssimo o nosso dessaber." – "Eu pendurei um bem-te-vi no sol..." – "Só o obscuro nos cintila." – "Meus filhos, o dia já envelheceu, entrem pra dentro."

Gabarito ( 01, 02 e 04)

Prova de conhecimentos gerais – vestibular de verão

**07**– Assinale o que for correto.

04) *Livro sobre nada*, de Manoel de Barros, é uma coletânea de trovas e sonetos que abordam as grandes ambições humanas, como o poder, o dinheiro, o saber e o sucesso, os quais são "nada" diante dos valores espirituais e metafísicos, conforme a visão satírica do sujeito lírico que se manifesta nos versos.

Gabarito (01, 02 e 08)

Vestibular de Verão- Prova Vocacionada

**14**– A respeito da obra *Livro sobre nada*, de Manoel de Barros, assinale o que for correto.

08) Esta obra é um romance de crítica social em que o narrador de primeira pessoa vai satirizando as grandes ambições humanas, tais como o poder desmedido, o luxo e a riqueza, a busca insaciável do conhecimento e o sucesso a qualquer custo, mostrando que, na realidade, tudo isso é "nada" diante dos verdadeiros valores humanísticos.

16) Trata-se de um livro de sonetos bem estruturados, em que este habilidoso poeta recupera o rigor formal, as rimas ricas e a linguagem culta do Parnasianismo, mesmo abordando uma temática tipicamente regionalista como a sua, toda voltada para a realidade sertaneja do Pantanal mato-grossense.

01) Trata-se de um livro de poemas desse consagrado escritor mato-grossense contemporâneo. Em versos surrealistas, paradoxais e desafiadores do senso comum, ele dá destaque aos pequenos nada, ou seja, às coisas, seres e situações tidos como pequenos, simples e desprezíveis, anunciando a poesia, a beleza e a verdade que neles se escondem.

Gabarito ( 01, 02 e 04)

Vestibular de Inverno- Prova Vocacionada

**13**– Sobre as obras de Cristovão Tezza e Manoel de Barros, assinale o que for correto.

02) Em *Livro sobre nada*, a busca de encontrar e valorizar o sublime no rasteiro, aparece em versos como "Só as coisas rasteiras me celestam" e "Hei de monumental os insetos". Elementos vegetais e minerais aparecem na poesia manoelina, tais como

nestes versos: "Sabedoria pode ser que seja estar uma árvore" ou "Eu queria ser lido pelas pedras".

Gabarito ( 01, 02 e 04)

Vestibular 2017 da Unicamp 2ª fase- Redação, Língua Portuguesa e Literaturas.

4. Leia o seguinte trecho do conto "Amor", de Clarice Lispector.

"Então ela viu: o cego mascava chicletes... Um homem cego mascava chicletes.

Ana ainda teve tempo de pensar por um segundo que os irmãos viriam jantar – o coração batia-lhe violento, espaçado. Inclinada, olhava o cego profundamente, como se olha o que não nos vê. Ele mastigava goma na escuridão. Sem sofrimento, com os olhos abertos. O movimento de mastigação fazia-o parecer sorrir e de repente deixar de sorrir, sorrir e deixar de sorrir – como se ele a tivesse insultado, Ana olhava-o. E quem a visse teria a impressão de uma mulher com ódio."

(Clarice Lispector, *Laços de família*. Rio de Janeiro: Rocco, 2009, p. 21-22.)

a) Em textos de Clarice Lispector, é comum que um acontecimento banal se transforme em um momento perturbador na vida das personagens. Considerando o contexto do conto "Amor", indique que tipo de inquietações o acontecimento narrado acima acarreta na vida da personagem.

b) A frase "olhava o cego profundamente, como se olha o que não nos vê" sugere uma maneira pouco comum de olhar para as coisas. Explique o sentido que tem esse olhar profundo, a partir dali, na caracterização da personagem Ana.



**ANEXOS B: QUESTÕES GERAIS DO VESTIBULAR**

Questão de Literatura na prova de Conhecimentos Gerais do Vestibular de Inverno.

**06**– Com relação aos fragmentos abaixo, retirados do livro *O Filho Eterno*, de Cristovão Tezza, assinale o que for correto.

Fragmento a: *"Na esquina, o filho quer pipoca, e o pai recusa, ríspido, puxando-lhe pela mão, está quase na hora do almoço – a criança obedece imediatamente. O Estado, ele pensa. Seu filho só está vivo porque existe o Estado, o monstro abstrato – ao acaso da tribo ou da natureza, o seu filho estaria morto em três dias úteis, inútil. Que era o que o pai desejou, num rompante e num tempo que agora lhe parecem absurdamente longínquos. Na outra esquina, uma criança escura, sem camisa, da idade de Felipe, pede-lhes esmola – o filho estende a mão, sorrindo, para cumprimentar o menino, que desta vez não foge, mas olha intrigado aquele ser sorridente que parece um pequeno chinês. O pai lhe dá mecanicamente uma moeda (para que aquela mão suja de terra não toque a mão aberta de seu filho), que a criança recolhe rápida e feliz (...)"*. (TEZZA, 2008, p.158)

Fragmento b: *"A pobreza em torno: deficiência é coisa de pobres, molambentos, miseráveis, retirantes, necessitados, na face daquela exigência crispada de alguma justiça e ao mesmo tempo os olhos que se abaixam a tempo antes que a borduna arrebente-lhes a cabeça, mendigos rastejando nas esquinas, ecos de uma pobreza imortal, de cócoras, reverberando pelos séculos a vergonha de estar vivo. E no entanto aqui estou eu, com meu pequeno leproso no colo, para a delícia imaginária de alguma madre superiora a assomar no átrio do hospital em seu único momento de real felicidade, a vida inteira a se punir, o silício na alma, mas é preciso que ela leve alguém junto para o fogo daquele inferno particular, e a madre superiora sorri, toda de negro na sua pequena morte cotidiana, o falso sorriso, as unhas avançam para o suave carinho na cabeça do bebê, que, incauto, dorme..."* (TEZZA, 2008, p.82)

01) Nota-se que possuir um filho chinês e portador de hanseníase numa sociedade mecanicamente perfeita é algo revoltante para qualquer pai.

02) Nota-se que a questão da paternidade está incluída no plano emocional que leva a reflexão a pontos de revolta e rispidez.

04) Observa-se a aversão aos pobres e classes sociais abastadas pelo motivo de serem todos normais enquanto o filho eterno se diferencia única e excepcionalmente pela riqueza material.

08) Transcorre, nos ajuizes revoltados do narrador, certo tom de crueldade, desde a relação conflituosa com o próprio sistema social que trata dos anormais e os indigentes em sociedade.

FONTE: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA. Gabarito (alternativas 02 e 08).

Questão de Literatura na prova vocacionada de inverno 2017

**12**– Assinale o que for correto.

01) O corpo de Fräulein, personagem de Mário de Andrade, é descrito, pelo narrador de *Amar Verbo Intransitivo*, como sendo um corpo clássico e perfeito, menor que a média dos corpos de mulher, e, portanto, romântico, helênico, apesar de nada voluptuoso. "Isso do corpo da pequena Fräulein ser perfeito, em muito, provocava sonhos e tornava a história forte (...)"

02) No capítulo derradeiro da narrativa *A morte e a morte de Quincas Berro Dágua*, não tendo nenhuma religião e nenhum parentesco com o morto, a irreverente personagem Vanda não apresenta exaltação alguma ante o morto. Ela sente até certo

orgulho do riso infinito de deboche que o corpo de "Quincas Berro Dágua" apresentava. O protagonista Quincas "berra" para Vanda, na água, uma poesia debochada que diz: "Com pedaços de mim eu monto um ser atônito".

04) Tezza, em *O Filho Eterno*, tece críticas contundentes, por meio da Literatura, aos padrões de comportamento normais de uma sociedade onde, no fundo, as crianças "bem educadas", por assim dizer, são as crianças que melhor se adaptam a uma lógica produtivista.

08) Carlos Alberto Sousa Costa é descrito, pelo narrador de *Amar, Verbo Intransitivo*, como um homem de origem oriental, com 35 anos, que trabalhara como pianista clássico para não se tornar um "homem-da-vida".

16) No conto "Noções de Irene", de Caio Fernando Abreu, um homem e outro anos mais novo bebem uísque, ouvem Bach, e conversam abertamente sobre Irene.

FONTE: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA. Gabarito (alternativas 04 e 16).

Questão de Literatura na prova vocacionada de inverno 2017

**13**– Sobre as obras de Cristovão Tezza e Manoel de Barros, assinale o que for correto.

01) Manoel de Barros procura, com seu estilo poético, atrapalhar as significâncias usuais do cotidiano e valorizar a vacuidade, em uma espécie de inspiração para a desaprendizagem.

02) Em *Livro sobre nada*, a busca de encontrar e valorizar o sublime no rasteiro, aparece em versos como "Só as coisas rasteiras me celestam" e "Hei de monumental os insetos". Elementos vegetais e minerais aparecem na poesia manoelina, tais como nestes versos: "Sabedoria pode ser que seja estar uma árvore" ou "Eu queria ser lido pelas pedras".

04) Dois problemas que levam o protagonista pai aos seus limites, na narrativa *O Filho Eterno*, são: o "filho problema" e a "literatura problema". Observe-se esta frase: "Eu não posso ser destruído pela Literatura; eu também não posso ser destruído pelo meu filho – eu tenho um limite: fazer bem feito, o que posso e sei fazer, na minha medida".

08) A depressão, a tristeza e a falta de capacidade de imitação dos gestos sociais são características intrínsecas do personagem Felipe, de *O Filho Eterno*.

16) Em certo momento do romance *O Filho Eterno*, o narrador chama um fonoaudiólogo do filho de "cretino topográfico", posto que não o diagnosticasse corretamente. A história clínica de Felipe e o seu diagnóstico de anormalidade é algo que os médicos procrastinam, devido à raridade do caso.

FONTE: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA. Gabarito (alternativas 01,02 e 04).

Questão de Literatura na prova vocacionada de inverno 2017

**15**– "(...)Condenável no cotidiano, a crueldade pode ser uma virtude literária. Ela é a grande qualidade em *O Filho Eterno*". Pensando nestas palavras críticas de Jerônimo Teixeira que falam da crueldade no romance de Tezza, assinale o que for correto, em momentos desta narrativa.

01) O pai é colocado como um jovem guru altruísta e compreensivo que, diante de um filho escritor de sucesso, apesar de autista, também se vê sob a crueldade do ofício de retratar o mundo.

02) Em certos momentos da narrativa, também é utilizado o artifício de comparações cruéis e do humor negro, como quando se descreve o ritual de dois médicos que diagnosticam Felipe. Estes, militarmente, entram como sacerdotes que em outros tempos poderiam sacrificar uma criança com mongolismo.

04) Em certos momentos da narrativa, o pai demonstra que preferiria estar em casa a escrever seus livros do que estar com os problemas pragmáticos próprios do pai de um filho anormal.

08) Para o pai, em muitos momentos da narrativa, o filho é cruelmente encarado como um "intruso" em sua vida.

16) Em certo momento da narrativa de Tezza, o pai é violento e bate no filho indócil "uma, duas, três, quatro vezes", o filho que buzina ininterruptamente.

FONTE: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA. Gabarito (alternativas 02,04,08 e 16).

Questão de Literatura na prova de conhecimentos gerais de verão 2017

**07**– Assinale o que for correto.

01) *O filho eterno*, de Cristovão Tezza, é um romance brasileiro contemporâneo, que já ganhou vários prêmios importantes. A narrativa aborda o problemático desenvolvimento das relações entre o pai, escritor e professor que se debate com seus dramas pessoais, e seu filho Felipe, que nasceu com síndrome de Down.

02) O conto "A margarida enlatada", do livro *O ovo apunhalado*, de Caio Fernando Abreu, estrutura-se com base em duas antíteses irônicas: o natural (a margarida, flor) x o artificial (lata acrílica, tecnologia); e o súbito sucesso comercial das vendas de margarida x a repentina queda total das vendas da mesma margarida.

04) *Livro sobre nada*, de Manoel de Barros, é uma coletânea de trovas e sonetos que abordam as grandes ambições humanas, como o poder, o dinheiro, o saber e o sucesso, os quais são "nada" diante dos valores espirituais e metafísicos, conforme a visão satírica do sujeito lírico que se manifesta nos versos.

08) *Amar, verbo intransitivo*, de Mário de Andrade, é um romance do início do Modernismo, movimento do qual o autor foi um dos líderes. Narra a história de Fräulein Elza, moça alemã, que é contratada pelo burguês Sousa Costa como governanta, para, na verdade, sob esse disfarce, fazer a segura iniciação sexual do seu filho, o adolescente Carlos.

FONTE: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA. Gabarito (alternativas 01, 02 e 08).

Questão de Literatura na prova vocacionada de verão 2017

**13**– A respeito da obra *O filho eterno*, de Cristovão Tezza, assinale o que for correto.

01) Trata-se de um premiadíssimo romance brasileiro contemporâneo. Embora com fortes traços autobiográficos, a história é contada por um narrador de terceira pessoa, à voz do qual se mescla, frequentemente, uma voz de primeira pessoa, ou seja, a voz do pai, que é escritor e professor, e cujo filho Felipe nasceu com síndrome de Down.

02) O futebol transforma-se num poderoso estímulo para Felipe, que tem síndrome de Down. Por exemplo, promove certa socialização. Quando chega uma visita, Felipe pergunta qual é seu time e vai à sua coleção de camisas para vestir a do time do visitante. Mas, feita a diplomacia, ele volta à sala com a camisa do seu clube, o Atlético Paranaense.

04) Classificado como romance, ou seja, como obra de ficção, na verdade este livro é um puro relato autobiográfico em que Cristovão Tezza só narra fatos verídicos de sua vida. Ele realmente foi professor universitário e é autor de romances citados neste livro, tais como: *Ensaio da Paixão* e *Trapo*. E é pai, na vida real, de um filho com síndrome de Down.

08) Podemos identificar neste romance três protagonistas, cujas histórias se entrelaçam: o pai, vivendo fortes crises relacionadas com o desejo de ser escritor e a necessidade de sobrevivência; o filho Felipe, com síndrome de Down, e a difícil evolução desta delicada relação pai-filho; e o Brasil dos anos de 1970-1980, com suas crises políticas, sociais, econômicas e culturais.

16) Quando o pai-narrador (que é escritor) fica sabendo que seu filho Felipe tem síndrome de Down e começa a correr atrás de informações e especialistas para entender melhor a situação e saber o que fazer, ele confessa que desde então já lhe nasce a ideia e o desejo de escrever sobre o assunto.

FONTE: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA. Gabarito (alternativas 01, 02 e 08).

Questão de Literatura na prova de Conhecimentos Gerais do Vestibular de Inverno.

**07**– Especificamente sobre os contos de *O Ovo Apunhalado*, de Caio Fernando Abreu, assinale o que for correto.

01) O narrador do conto "*Uma veste provavelmente azul*" que carecia de "uma longa veste" estava "sem nenhum plano imediato" quando viu dois homenzinhos verdes correndo sobre o tapete.

02) *O Ovo Apunhalado*, inicialmente publicado em meados dos anos 1970, está dividido em três partes, Alfa, Beta e Gama, compreendendo enredos múltiplos e autênticos que suturam estilos. Estes podem beirar tanto a tendência ao psicodelismo quanto as subjetividades do real.

04) Ao leitor de "*Para uma avenca partindo*", é oferecida a sensação de um ouvinte participativo ou um ente participativo do espaço narrativo. Assim notamos frases como: "se eu não te disser agora talvez não diga nunca mais"; "por favor, não me interrompa"; "claro que dou um cigarro para você"; "fecha a revista, por favor, olha, se você não prestar muita atenção você não vai conseguir entender nada" ou "é bom você botar um casaco, está esfriando tanto".

08) Por terem sido produzidos nos anos 1970, os contos de *O Ovo Apunhalado* não seguem exatamente um padrão formal e disciplinado, sendo que alguns possuem epígrafes e outros não. O conto "*Visita*" possui uma epígrafe de "Julio Cortázar: final del juego", enquanto o conto "*Sarau*" possui uma epígrafe de "Aluísio Azevedo: o Cortiço". Já o conto "*O afogado*" não possui epígrafe alguma.

FONTE: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA. Gabarito (alternativas 01, 02 e 04).

Questão de Literatura na prova vocacionada de inverno 2017.

**11**– Em entrevista, Caio Fernando Abreu afirmou acerca de sua representatividade na literatura brasileira:

"Acho que sou uma figura atípica na literatura brasileira, enquanto uns fazem literatura limpa, eu sou o oposto, porque lido com o *trash*, de onde tiro não só 'boa literatura' mas também vida pulsante. Acho que isso é aterrorizante, principalmente no meio universitário. Tudo é muito estético, é tudo muito cristalino. Mas deve ser insuportável para a universidade brasileira, para a crítica brasileira assumir e lidar com um escritor que confessa, por exemplo, que o trabalho de Cazuza e Rita Lee

influenciou muito mais que Graciliano Ramos. Deve ser insuportável." (ABREU, Caio Fernando. Entrevista a Marcelo Secron Bessa, 1997)

Considerando questões referenciais desde tais palavras do autor de *O Ovo Apunhalado*, assinale o que for correto.

01) Embora o autor confesse sua influência mais por artistas sensíveis, músicos representativos, do que por escritores, se tomarmos a sensibilidade intimista constante na obra *O Ovo Apunhalado*, notaremos que Caio Fernando Abreu apresenta viva influência da escritora natural da Ucrânia, Clarice Lispector.

02) Devido à censura de meados dos anos 70 que não aceitou o lado "trash" do autor e devido também ao abalo dos bons costumes provocado pela obra *O Ovo Apunhalado*, esta jamais foi republicada em solo nacional. Não à toa, Cazuza e Rita Lee são artistas menos representativos e bem mais lidos que Caio Fernando Abreu.

04) Pensando na falta de popularidade do autor, sendo uma figura atípica na nossa literatura, Caio Fernando Abreu, sobretudo com a publicação de *O Ovo Apunhalado*, ficou estereotipado excessivamente pelo "trash" e pela "limpidez descritiva do urbano". Acabou, assim, resumindo-se em uma figura totalmente aterrorizada no Brasil, perdendo muito espaço nas ruas, ao passo que perdeu também qualquer espaço no cenário crítico e no comércio em livrarias.

08) Apesar de regionalista, tal como observamos no conto "Cavalo Branco no escuro", Caio Fernando Abreu não poderia ter sido influenciado por Graciliano Ramos, pois publicou *O Ovo Apunhalado* em época concomitante ao escritor nordestino. Ambos sustentam dois modos simultâneos, porém distintos, de regionalismos naturalistas. Caio Fernando Abreu busca, deste modo, no "trash" e no "crash" a sua diferenciação primária e rivalizada com Graciliano Ramos, autor simbólico da academia brasileira.

16) Sobre o livro *O Ovo Apunhalado*, também se pode dizer que não necessariamente seja uma busca obsessiva por realizar apenas a típica "boa literatura", considerando que seu autor, de modo geral, marque-se por influências menos límpidas ou cristalinas. Ou seja, vai buscando elevar a bandeira de uma geração a qual a "vida pulsante" toca mais alto.

FONTE: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA. Gabarito (alternativas 01 e 16).

Questão de Literatura na prova vocacionada de inverno 2017

**12**– Assinale o que for correto.

01) O corpo de Fräulein, personagem de Mário de Andrade, é descrito, pelo narrador de *Amar Verbo Intransitivo*, como sendo um corpo clássico e perfeito, menor que a média dos corpos de mulher, e, portanto, romântico, helênico, apesar de nada voluptuoso. "Isso do corpo da pequena Fräulein ser perfeito, em muito, provocava sonhos e tornava a história forte (...)".

02) No capítulo derradeiro da narrativa *A morte e a morte de Quincas Berro Dágua*, não tendo nenhuma religião e nenhum parentesco com o morto, a irreverente personagem Vanda não apresenta exaltação alguma ante o morto. Ela sente até certo orgulho do riso infinito de deboche que o corpo de "Quincas Berro Dágua" apresentava. O protagonista Quincas "berra" para Vanda, na água, uma poesia debochada que diz: "Com pedaços de mim eu monto um ser atônito".

04) Tezza, em *O Filho Eterno*, tece críticas contundentes, por meio da Literatura, aos padrões de comportamento normais de uma sociedade onde, no fundo, as crianças "bem educadas", por assim dizer, são as crianças que melhor se adaptam a uma lógica produtivista.

08) Carlos Alberto Sousa Costa é descrito, pelo narrador de *Amar, Verbo Intransitivo*, como um homem de origem oriental, com 35 anos, que trabalhara como pianista clássico para não se tornar um "homem-da-vida".

16) No conto "Noções de Irene", de Caio Fernando Abreu, um homem e outro anos mais novo bebem uísque, ouvem Bach, e conversam abertamente sobre Irene.

FONTE: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA. Gabarito (alternativas 04 e 16).

Questão de Literatura na prova Vocacionada, Vestibular de Verão.

**12**– A respeito da obra *O ovo apunhalado*, de Caio Fernando Abreu, assinale o que for correto.

01) Trata-se de um livro de contos, situado dentro da literatura brasileira contemporânea. Seu autor é considerado um dos contistas mais representativos de sua geração, nas décadas de 1970-1980, período em que o Brasil vivia em plena ditadura.

02) O conto "Gravata" pode ser considerado uma narrativa de realismo fantástico e de terror, fazendo sátira social. Conta a história de um homem que se sente fortemente atraído por uma gravata vista numa vitrine. Quando tem condições, ele a compra, e ao ir colocá-la pela primeira vez, a gravata como que cria vida e, qual uma cobra, se enlaça fatalmente em seu pescoço. Sem que ele consiga se desvencilhar, a gravata o estrangula até a morte.

04) O conto "Nos poços" é uma longa narrativa em que o narrador de primeira pessoa conta como caiu num poço profundo, aparentemente sem fim. Ao longo da queda, ele vai lembrando cenas de sua vida e se indagando se a sua vida tinha valido a pena. A narrativa termina com um suspense: "E depois: no fundo do poço do poço do poço do poço você vai descobrir quê."

08) O conto "Oásis" narra a história de uma empregada doméstica, a sensual Dejanira Valéria, que trabalha perto de um quartel. Ela tenta seduzir o soldado que fica de sentinela no portão do estabelecimento, para assim conseguir ser convidada a entrar e conhecer o quartel, que, em sua fértil imaginação, ela considera que deve ser um verdadeiro oásis.

16) O conto "O ovo apunhalado" é uma narrativa do gênero "realismo fantástico". O personagem-narrador vai a uma loja comprar um ovo de Páscoa. Quando está escolhendo, um dos ovos sai da caixa e se põe a caminhar em sua direção. Apavorado, ele recua, mas o ovo avança ameaçadoramente. Um dos vendedores percebe a situação, arranja um punhal e atinge mortalmente o ovo misterioso.

FONTE: UNIVERSIDADE ESTADUAL DE PONTA GROSSA. Gabarito (alternativas 01 e 02)

Vestibular de Verão – Prova Vocacionada.

**11**– A respeito da obra *A morte e a morte de Quincas Berro Dágua*, de Jorge Amado, assinale o que for correto.

01) No velório de uma das mortes de Quincas, por uns momentos, a filha Vanda fica a sós com o defunto. Então ela se recorda do antigo bom pai que ele tinha sido e com o qual tivera uma forte e carinhosa relação. Agoniada, Vanda acaba se desabafando num pranto incontrolável e, abraçando-se ao cadáver, fica gritando que quer morrer também.

02) Esta narrativa, tal como os romances *O Quinze*, de Rachel de Queiroz, e *Vidas Secas*, de Graciliano Ramos, aborda a questão da seca no sertão nordestino e se enquadra no chamado Romance Regionalista de 30, do qual o escritor baiano Jorge Amado é um dos mais importantes representantes.

04) Trata-se de um romance do gênero "realismo fantástico" em que, de modo irônico e debochado, o próprio protagonista, o falecido Quincas, narra, em primeira pessoa, as suas errantes aventuras e as suas três sucessivas mortes, ocorridas de formas variadas e em diferentes cidades da Bahia.

08) Embora o narrador desse romance inicie a história falando das confusões, dúvidas e contradições que ainda pairam sobre as sucessivas mortes de Quincas Berro *Dágua*, ele acaba contando, com relativa clareza, como se deu cada uma delas.

16) A primeira morte de Quincas Berro *Dágua* é, na verdade, uma morte simbólica, de caráter moral: depois que ele, bom marido, pai de família e exemplar funcionário público, decide largar a família e ir viver como vagabundo, cachaceiro e mulherengo, sua família o considera "morto" para a vida social, não mais falando dele ou então a ele se referindo como já falecido.

Gabarito (alternativas 08 e 16)

Vestibular de Inverno- Prova Vocacionada

**13**– Sobre as obras de Cristovão Tezza e Manoel de Barros, assinale o que for correto.

01) Manoel de Barros procura, com seu estilo poético, atrapalhar as significâncias usuais do cotidiano e valorizar a vacuidade, em uma espécie de inspiração para a desaprendizagem.

02) Em *Livro sobre nada*, a busca de encontrar e valorizar o sublime no rasteiro, aparece em versos como "Só as coisas rasteiras me celestam" e "Hei de monumentar os insetos". Elementos vegetais e minerais aparecem na poesia manoelina, tais como nestes versos: "Sabedoria pode ser que seja estar uma árvore" ou "Eu queria ser lido pelas pedras".

04) Dois problemas que levam o protagonista pai aos seus limites, na narrativa *O Filho Eterno*, são: o "filho problema" e a "literatura problema". Observe-se esta frase: "Eu não posso ser destruído pela Literatura; eu também não posso ser destruído pelo meu filho – eu tenho um limite: fazer bem feito, o que posso e sei fazer, na minha medida".

08) A depressão, a tristeza e a falta de capacidade de imitação dos gestos sociais são características intrínsecas do personagem Felipe, de *O Filho Eterno*.

16) Em certo momento do romance *O Filho Eterno*, o narrador chama um fonoaudiólogo do filho de "cretino topográfico", posto que não o diagnosticasse corretamente. A história clínica de Felipe e o seu diagnóstico de anormalidade é algo que os médicos procrastinam, devido à raridade do caso.

Gabarito ( 01, 02 e 04)

Vestibular de Verão- Prova Vocacionada

**14**– A respeito da obra *Livro sobre nada*, de Manoel de Barros, assinale o que for correto.

01) Trata-se de um livro de poemas desse consagrado escritor mato-grossense contemporâneo. Em versos surrealistas, paradoxais e desafiadores do senso comum, ele dá destaque aos pequenos nada, ou seja, às coisas, seres e situações tidos como pequenos, simples e desprezíveis, anunciando a poesia, a beleza e a verdade que neles se escondem.

02) Os poemas deste livro, misturando com naturalidade linguagem coloquial e linguagem culta, criam paradoxos, metáforas inesperadas e imagens inusitadas,



como: – "Nos fundos dos quintais era muito riquíssimo o nosso dessaber." – "Eu pendurei um bem-te-vi no sol..." – "Só o obscuro nos cintila." – "Meus filhos, o dia já envelheceu, entrem pra dentro."

04) O tempo todo o poeta vai invertendo as verdades do senso comum, estilisticamente usando, por exemplo, o prefixo negativo "des-", em versos como: "As coisas tinham para nós uma desutilidade poética." – "Olha o urinol enferrujado. / Serve para o desuso pessoal de cada um." "Vô! O livro está de cabeça pra baixo. / Estou deslendo." – "Trabalho arduamente para fazer o que é desnecessário."

08) Esta obra é um romance de crítica social em que o narrador de primeira pessoa vai satirizando as grandes ambições humanas, tais como o poder desmedido, o luxo e a riqueza, a busca insaciável do conhecimento e o sucesso a qualquer custo, mostrando que, na realidade, tudo isso é "nada" diante dos verdadeiros valores humanísticos.

16) Trata-se de um livro de sonetos bem estruturados, em que este habilidoso poeta recupera o rigor formal, as rimas ricas e a linguagem culta do Parnasianismo, mesmo abordando uma temática tipicamente regionalista como a sua, toda voltada para a realidade sertaneja do Pantanal mato-grossense.

Gabarito ( 01, 02 e 04)

Vestibular de inverno- Prova Vocacionada.

**14**– Manoel de Barros, em *Livro sobre nada*, alega escrever o "idioleto manoelês arcaico". Sobre este dado, assinale o que for correto.

01) Segundo o poeta, "Idioleto é o dialeto que os idiotas usam para falar com as paredes e com as moscas".

02) Manoel de Barros, em seu manoelês, confessa que se põe muito cerebralmente em tudo quanto escreve, propondo uma poesia concorrente com a de outro pantaneiro: João Cabral de Melo Neto.

04) "Estâmagô", escrita exatamente deste modo, seria uma das palavras exemplificadas como pertencente ao idioleto manoelês arcaico.

08) Localizar as significâncias mais modernas e solenes da representação vem a ser o objetivo do idioleto de Manoel de Barros.

16) Manoel de Barros confessa, em nota de rodapé, que aprecia uma "desviação ortográfica para o arcaico".

Gabarito ( 01, 04 e 16)